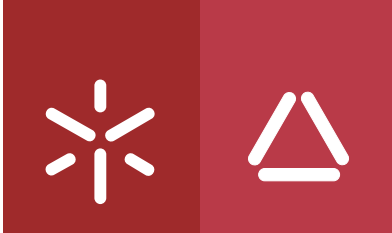


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Mateus Ventura Minnaert

Cultura *raver*. Estudo sociológico sobre os consumos de droga e os estilos de vida das tribos pós-modernas



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Mateus Ventura Minnaert

Cultura *raver*. Estudo sociológico sobre os consumos de droga e os estilos de vida das tribos pós-modernas

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia
Área de Especialidade em Desenvolvimento e Políticas Sociais

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Jean-Martin Rabot

Outubro de 2012

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 25 de Outubro de 2012

Mateus Ventura Minnaert

Everyone here is walking their own path

And there's two roads you can take

The first road, leaves right out that door, because you think you've heard it all

The other road begins right here, right now, built by us, travelled by you

Because the best way to predict the future, is to invent

So now ladies and gentleman, welcome to the future.

Drumsound and Bassline Smith

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Jean Martin Rabot, por ter sido o orientador deste trabalho, pela disponibilidade sempre demonstrada, pela pertinência das sugestões, pela precisão dos seus comentários críticos e firmes, mas sobretudo pelo seu perfil em que alia o aspeto humano à competência profissional e pelo enorme contributo pela minha formação profissional. O meu “mentor”.

À minha mãe e ao meu pai, que sempre me ajudaram e apoiaram quer na minha vida profissional, assim como na minha vida pessoal.

À minha irmã, que está sempre lá para mim, em todos os momentos da minha vida.

À Ana Margarida que nos últimos anos me acompanha com todo o carinho possível.

Aos meus amigos todos, especialmente ao Carlos Portugal, Nuno Teixeira, Rodrigo Teixeira, Luciana Melo, Mauro Vaz e todos os outros que me ajudaram e incentivaram para fazer esta Dissertação de Mestrado.

A todos os que, apesar de não mencionados, contribuíram de forma ímpar para a concretização deste trabalho.

Resumo:

A cultura, bem como os estilos de vidas das pessoas que a consomem, são temas cada vez mais atuais e presentes nas sociedades. A cultura deixou de ser um fator reservado, que se restringia a apenas algumas classes, passando assim para um sistema aberto, onde as classes menos favorecidas do ponto de vista cultural e económico podem consumir e participar livremente.

Desta forma, os consumidores de cultura, principalmente da cultura *raver*, são caracterizados por comportamentos, estilos de vida, classes sociais e consumos de drogas distintos. O meu objetivo será expor e dar a entender os principais motivos que levam os públicos a consumirem este tipo de cultura específica. Sabemos que as drogas estão intrinsecamente associadas às *raves*, mas, não sabemos se o consumo destas mesmas é o principal motivo que leva os indivíduos a frequentarem este tipo de festas e se os consumos de drogas variam conforme as *raves*.

Numa primeira perspetiva, os indivíduos deixam-se levar pela ideia dos facilitismos dos estupfacientes que as *raves* oferecem, sendo as drogas o único meio possível de concretizarem as suas fantasias e realizarem o seu imaginário utópico. Porém noutra perspetiva as *raves* são um meio onde se inserem inúmeras formas de “socialidade”.

Além da distinção de públicos que encontramos nas *raves*, podemos verificar que também proporcionam uma vivência coletiva, aberta à manifestação tribal e aos diversos agrupamentos, no seu seio. Os *ravers* encontram interesses comuns aos atores sociais presentes nas festas, partilhando os mesmos estilos de vida, gostos, consumos e êxtases coletivos.

Para a realização deste trabalho são principalmente referidos autores como Bourdieu, Maffesoli, Rabot, Xiberras, Simmel, Durkheim.

Palavras chave: Cultura, estilos de vida, consumos, *raves*, drogas, relações sociais, públicos.

Abstract

Culture, as much as the lifestyle of the people who consume it, are often mentioned themes in our contemporary society. Culture has moved on to be available to the less favored classes, who are now able to participate and consume it.

Thus, culture consumers, mainly from the *raver* culture, are characterized for specific behaviors, lifestyle, social classes and drug use. The aim of this master dissertation is to understand the main reasons that get the audience/public to consume this kind of culture. It is known that drugs are intrinsically associated with the *raves*, but it is not clear yet if drug use is the main reason that leads individuals to take part in this kind of parties nor it is not clear if the drug use behavior varies from rave to *rave*.

Our analysis indicate that individuals are taken by the idea of the easy solutions offered by drugs, which are the only possible way of making their fantasies real and bringing the utopic imaginary into reality. In another perspective, *raves* are a manifestation, where a numerous forms of “sociality” take place. Besides the variety of audiences that can be found at the *raves*, we verified that a collective experience takes place, leaving open a space to tribal manifestations and diverse group formations. *Ravers* find common interests with the other social actors at the parties to share lifestyle, interests, consumptions, and collective ecstasy.

In order to analyze the data collected at the *raves*, we used the works of authors such as Bourdieu, Maffesoli, Rabot, Xiberras, Simmel and Durkheim.

Key-words: Culture, lifestyles, consumptions, *raves*, drugs, social relations, audiences.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO/ CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	3
1.1. QUESTÃO DE PARTIDA	4
CAPÍTULO II – CONCEITO DE DROGAS E RAVES	5
2.1. CONCEITO DE DROGA	5
2.1.1. <i>Classificação das drogas</i>	6
2.1.2. <i>Classificação do uso de drogas segundo a Organização Mundial de Saúde</i>	8
2.2. CONCEITO DE RAVES.....	9
2.3. VERTENTES ELETRÔNICAS.....	13
<i>Psy-trance</i>	15
<i>Techno</i>	18
<i>Drum and Bass</i>	20
CAPITULO III - CULTURA.....	23
3.1. CONCEITO DE CULTURA E MULTICULTURALISMO	23
3.2 . PRÁTICA CULTURAL NO QUOTIDIANO DO INDIVÍDUO	25
CAPITULO IV - CLASSES SOCIAIS	29
4.1: COMPLEXIDADE DAS CLASSE SOCIAIS	29
4.1.2. <i>Classes Dominantes e Elites</i>	31
4.1.3. <i>As novas posições de classes</i>	34
4.4- O SUJEITO-AGENTE	37
CAPÍTULO V - ESTILOS DE VIDA	39
5.1. BOURDIEU E OS ESTILOS DE VIDA	39
5.1.2 <i>A influência do Habitus e dos Estilos de Vida</i>	41
5.2. AS TRIBOS DENTRO DAS RAVES.....	42
5.3 VALORES	44
5.3.1. <i>Politeísmos dos Valores e seus contestadores</i>	45
5.4 PÚBLICOS.....	46
5.5. OS JOVENS E AS INDÚSTRIAS DA VIDA	48
5.6. DIVERSÃO É SENSAÇÃO.....	49
CAPITULO VI – CONSUMO.....	51
6.1. OS CONSUMOS NA MODERNIDADE	54

6.2.—GLOBALIZAÇÃO	56
6.2.1- <i>Teorizações da globalização: os seus seguidores e contestadores</i>	59
6.3.- AMBIENTES DE CONSUMO	60
6.4. <i>STATUS DO CONSUMIDOR</i>	60
CAPITULO VII - O IMAGINÁRIO DAS DROGAS NAS RAVES	63
CAPITULO VIII - METODOLOGIA	67
8.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	70
8.2. HIPÓTESE DE TRABALHO	71
CAPÍTULO IX - APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DE DADOS	73
CONCLUSÃO.....	101
BIBLIOGRAFIA	105
FONTES DOCUMENTAIS:	111
WEBGRAFIA	113
ANEXOS	115
ANEXO 1: GUIÃO DE ENTREVISTA	117
ANEXO 2: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	121
<i>Primeira entrevista</i>	122
<i>Segunda Entrevista</i>	128
<i>Terceira Entrevista</i>	134
<i>Quarta Entrevista</i>	140
<i>Quinta Entrevista</i>	145
<i>Sexta Entrevista</i>	150
<i>Sétima Entrevista</i>	155
<i>Oitava Entrevista</i>	161
<i>Nona Entrevista</i>	165
<i>Décima Entrevista</i>	171
<i>Décima primeira Entrevista</i>	176
<i>Décima segunda Entrevista</i>	181

Índice Tabelas

<i>Tabela 1- Classificação geral dos diferentes tipos de drogas</i>	<i>7</i>
<i>Tabela 2- Classe Social instrução e formação.....</i>	<i>73</i>
<i>Tabela 3 - Identificação dos estilos de vida, perspetiva do que é uma rave.....</i>	<i>74</i>
<i>Tabela 4 - Identificação dos estilos de vida, principal motivo das idas às raves</i>	<i>75</i>
<i>Tabela 5 - Identificação de gostos e preferências por estilos musicais</i>	<i>76</i>
<i>Tabela 6 - Sentimento de pertença e identificação com as raves.....</i>	<i>77</i>
<i>Tabela 7 - Motivos de consumo do primeiro estupfaciente</i>	<i>78</i>
<i>Tabela 8 - Vertente económica, quanto custa uma festa.....</i>	<i>79</i>
<i>Tabela 9 - Opinião sobre a ligação de raves e drogas</i>	<i>80</i>

Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1 - Sexo dos Inquiridos (em%)</i>	81
<i>Gráfico 2- Idade dos Inquiridos</i>	82
<i>Gráfico 3- Habilitações literárias dos Inquiridos (em%)</i>	83
<i>Gráfico 4- Frequência dos Inquiridos nas raves</i>	84
<i>Gráfico 5- Gosto musical dos Inquiridos (em%)</i>	85
<i>Gráfico 6- Primeiro contato com as drogas</i>	87
<i>Gráfico 7- Consumo de drogas nas raves (em%)</i>	89
<i>Gráfico 8- Drogas mais consumidas</i>	90
<i>Gráfico 9- Bad-trips dos Inquiridos</i>	94
<i>Gráfico 10- Consumo essencial de drogas nas raves (em%)</i>	95

Introdução

Esta tese de Mestrado incide sobre a relação existente entre as drogas e as *raves* e no impacto que a conjugação de ambas tem na realidade social atual.

As drogas fazem parte do universo social, atingindo indivíduos de várias idades e classes sociais.

Este é um tema atual, muito discutido na nossa sociedade e que interfere, direta ou indiretamente, na qualidade de vida de todos nós. A discussão sobre uso e abuso de substâncias psicoativas, especialmente as ilícitas, tem ocupado um lugar de destaque nas últimas décadas, daí a escolha deste tema.

A minha opção em efetuar a presente tese sobre este tema, talvez se deva ao facto de uma curiosidade constante recair na tentativa perceber e desmistificar o uso de novas drogas associadas a novas práticas festivas, que tornaram necessário recolocar questões antigas, à luz da complexidade das sociedades contemporâneas.

Estamos, portanto, perante um trabalho que procura conhecer as práticas sociais em torno de drogas ilegais, o significado que estas assumem para quem as utiliza, o que pensam os consumidores do “mundo normal”, como interagem com ele e com as forças de controlo social e relacionar todos estes aspetos com a frequência das *raves*.

No âmbito concreto desta pesquisa as áreas de observação incidiram em espaços de lazer com atividades associadas às drogas, ao consumo, à diversão, às discotecas e às *raves*.

Para a realização dos meus objetivos, adotei o método qualitativo, usando a técnica da entrevista e análise de conteúdo.

Em suma, tentarei com este estudo perceber e demonstrar a relação de afinidade existente entre o consumo de drogas e as festas *raves*.

Capítulo I– Enquadramento/ contextualização do tema

Sendo o tema da minha tese, a relação entre as festas *rave* e o consumo de droga, procurarei, ao longo do trabalho, clarificar os conceitos de *rave* e drogas e o modo como estão interligados. Abordarei também o modo como estes são encarados pela nossa sociedade, tentando perceber e demonstrar que, desta relação surgem comportamentos deliberadamente desviantes entre os atores sociais.

Foi intenção da pesquisa identificar e caracterizar as novas drogas, os contextos sociais, as práticas de consumo e os grupos de consumidores. Partindo precisamente destes últimos, e tendo em conta as suas relações com o sistema social, económico e cultural, procurou-se reconstituir o espectro de significados atribuídos pelo consumidor aos seus próprios consumos. Tudo isto, em contextos específicos de espaços que são utilizados mas também construídos pelos seus utilizadores.

Assim sendo, realizei entrevistas semiestruturadas a atores sociais com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos, tanto do sexo feminino como do masculino. Com o fim de obter dados mais fidedignos e também comparativos, efetuei algumas destas entrevistas em locais de ambientes festivos noturnos conciliando, com entrevistas em outros locais, como por exemplo, em bares e outros espaços de diversão.

As pesquisas bibliográficas e webgráficas efetuadas incidiram tanto em obras de Sociologia como de Psicologia. Foi a partir das diversas leituras que adquiri as bases concetuais e fundamentais para posteriormente selecionar o material mais adequado para o meu estudo, de modo a obter um projeto com dados válidos, rigorosos, credíveis e interdisciplinares.

A orientação teórica deste trabalho resultou da combinação de várias dimensões e conceitos de modelos propostos no âmbito de diversas regiões teóricas.

1.1. Questão de partida

A metodologia mais apropriada para iniciar uma investigação consiste em enunciar o projeto em forma de uma questão de partida. Esta questão auxilia o investigador no decorrer da investigação, permitindo compreender o que deseja saber no seu projeto.

Uma boa questão de partida, segundo Quivy e Campenhout (1992) tem que possuir as seguintes características: ser precisa, concisa e unívoca, e ainda realista e pertinente .

Como afirmam Quivy e Campenhout “uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela e, em particular, deve ser possível fornecer elementos para lhe responder.” (1992:34).

Assim a questão de partida do meu processo de investigação é:

- **Os atores sociais, frequentadores de *raves*, consomem necessariamente drogas.**
- **Aos diferentes tipos de *raves* correspondem determinados tipos de consumo de drogas.**

Capítulo II – Conceito de Drogas e *Raves*

Uma vez que um dos conceitos primordiais deste trabalho se centra na droga e nas *raves*, é essencial, antes de mais, esclarecer e apresentar ambos.

2.1. Conceito de Droga

É considerada droga toda a substância que, quando introduzida no organismo de um ser vivo, modifica uma ou mais de suas funções. São várias as substâncias e denominações a considerar quando se pretende abordar esta temática. Passaremos, seguidamente a abordar de forma sumária, algumas drogas:

Droga de abuso (psicotrópicos) é a droga que, por agir sobre os mecanismos de gratificação do cérebro, é usada com propósitos não médicos, devido aos efeitos estimulantes, euforizantes e/ ou tranquilizantes que proporciona.

Substâncias entorpecentes, alucinogénias, excitantes, como a marijuana, o haxixe, a cocaína, o *crack*, a morfina e outras, são ingeridas, em geral, com o objetivo de alterar transitoriamente a personalidade. São aquelas que agindo no cérebro, modificam o seu funcionamento, trazendo como consequência alterações do comportamento e do psiquismo.

As drogas naturais são obtidas através de determinadas plantas, de animais e de alguns minerais. Exemplos destas drogas são a cafeína (do café), a nicotina (presente no tabaco), o ópio (da papoila) e o THC (da cannabis).

Existem ainda as drogas denominadas “drogas sintéticas”, produzidas em laboratórios.

A nível do senso comum, a droga é uma substância proibida, de uso ilegal e nocivo ao indivíduo, modificando-lhe as funções, as sensações, o humor e o comportamento. Trata-se de uma situação psicoafectiva, provocada para encontrar um estado desejado de euforia, de satisfação que o indivíduo não encontra na vida de todos os dias. O consumo repetido de uma droga (natural ou sintética) provoca um estado de intoxicação periódica ou crónica ao indivíduo e à sociedade.

Para melhor esclarecer, o consumo de droga é essencial definir também a dependência, podendo esta ser de ordem física ou psíquica.

A dependência física corresponde a uma necessidade imperiosa do organismo do drogado que só pode conservar o seu novo equilíbrio com a administração regular da droga que habitualmente consome. Esta necessidade é puramente fisiológica o que faz com que os esforços de vontade para dela se abster sejam vão (Labin, 1985).

A dependência psíquica ou habituação é, pelo contrário, um impulso mental, e, no entanto, irresistível, levando o indivíduo a absorver periodicamente uma droga. A prova que a dependência de algumas drogas é puramente psíquica pode ser comprovada pelo facto de que quando os consumidores são privados das drogas, estes não irão apresentar os sintomas do estado de supressão, característico da dependência física, pois o equilíbrio bioquímico do seu organismo não é alterado (Labin, 1985).

A toxicodependência abunda no Mundo em que vivemos, dando a sensação de que tudo se tornou normal e rotineiro.

A problemática do consumo de drogas não é certamente um fenómeno novo, no entanto, nos últimos anos tem-se transformado num problema social, sendo alvo da preocupação pública e de inúmeros debates.

Os consumidores de drogas começam a experimentar por curiosidade, desejo de viver outras experiências; influenciados pelo prazer que elas proporcionam, pelo fácil acesso e pela vontade de que elas resolvam seus os problemas. Registam-se ainda diferentes desejos como o de testar limites e transgredir regras da pressão dos pares, desafiar a autoridade e ainda o desejo de afirmação.

2.1.1. Classificação das drogas

As drogas, os seus usos e as reacções sociais que originam são, já todas as instâncias que os comentam o disseram, fenómenos complexos. (Fernandes,1998:9)

Sendo a droga, um problema social, definido pela equação *droga = desordem da sociedade = desordem da cultura* (Fernandes,1998:9), considero importante caracterizar alguns tipos de drogas e *raves* para melhor entender este universo.

As drogas estão classificadas em três categorias:

1. As estimulantes - têm por característica principal a despersonalização, em maior ou menor grau (exemplos cogumelos, LSD, *ecstasy*)
2. As depressoras - diminuem a atividade cerebral e podem dificultar o processamento das mensagens enviadas ao cérebro (exemplos: álcool, diluentes, clorofórmio, ópio, morfina, heroína, e inalantes em geral).
3. Os perturbadores das atividades mentais - produzem aumento da atividade pulmonar, diminuem a fadiga, aumentam a percepção, ficando com os restantes sentidos ativados (exemplo: cocaína, *crack*, a teobromina que está presente nos chocolates, anfetaminas, entre muitas outras)

O termo droga envolve ainda os analgésicos, os estimulantes, os alucinogénios, os tranquilizantes, para além do álcool e das substâncias voláteis. Essas drogas podem ser consumidas de várias formas: por injeção, por inalação, via oral ou injeção intravenosa.

Tabela 1- Classificação geral dos diferentes tipos de drogas

	ESTIMULANTES	DEPRESSORAS	PERTURBADORA S
Naturais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cocaína ▪ Caféina ▪ Nicotina 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Álcool ▪ Opiáceos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cannabis ▪ Cogumelos
Sintéticas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Anfetaminas ▪ MDMA ▪ <i>Speed</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sedativos ▪ Ansiolíticos ▪ Antidepressivos ▪ Inalantes 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ LSD ▪ <i>Ecstasy</i>

2.1.2. Classificação do uso de drogas segundo a Organização Mundial de Saúde

A OMS classifica o uso de drogas com a seguinte tipologia:

- Uso na vida: o uso de droga pelo menos uma vez na vida.
- Uso no ano: o uso de droga pelo menos uma vez nos últimos doze meses.
- Uso recente ou no mês: o uso de droga pelo menos uma vez nos últimos trinta dias.
- Uso frequente: uso de droga seis ou mais vezes nos últimos trinta dias.
- Uso de risco: padrão de uso que implica alto risco de dano à saúde física ou mental do usuário, mas que ainda não resultou em doença orgânica ou psicológica.
- Uso prejudicial: padrão de uso que já está causando dano à saúde física ou mental.

Quanto à frequência do uso de drogas, segundo a Organização Mundial da Saúde, os usuários podem ser classificados em:

- Não-usuário: nunca utilizou drogas;
- Usuário leve: utilizou drogas no último mês, mas o consumo foi menor que uma vez por semana;
- Usuário moderado: utilizou drogas semanalmente, mas não todos os dias, durante o último mês;
- Usuário pesado: utilizou drogas diariamente durante o último mês.

A Organização Mundial da Saúde considera ainda que o abuso de drogas não pode ser definido apenas em função da quantidade e frequência de uso. Assim, uma pessoa somente será considerada dependente se o seu padrão de uso resultar em pelo menos três dos sintomas ou sinais, ao longo dos últimos doze meses:

- Forte desejo ou compulsão de consumir drogas;
- Dificuldades em controlar o uso, seja em termos de início, término ou nível de consumo;
- Uso de substâncias psicoativas para atenuar sintomas de abstinência, com plena consciência dessa prática;

- Estado fisiológico de abstinência;

- Evidência de tolerância, quando o indivíduo necessita de doses maiores da substância para alcançar os efeitos obtidos anteriormente com doses menores;
- Estreitamento do repertório pessoal de consumo, quando o indivíduo passa, por exemplo, a consumir drogas em ambientes inadequados, a qualquer hora, sem nenhum motivo especial;
- Falta de interesse progressivo de outros prazeres e interesses em favor do uso de drogas;
- Insistência no uso da substância, apesar de manifestações danosas comprovadamente decorrentes desse uso;
- Evidência de que o retorno ao uso da substância, após um período de abstinência, leva a uma rápida reinstalação do padrão de consumo anterior.

2.2 Conceito de *Raves*

Segundo Castro (2004), as *raves* originaram-se em 1987, em Londres, Inglaterra, influenciadas pela tradição *Punk* do *Do it yourself* pelos grandes festivais de música ao ar livre dos anos 60. Estas festas eram alvo de perseguição pela polícia e pelo governo, uma vez que ocorria um consumo exacerbado de drogas durante as festas. Por alguns anos elas ficaram na clandestinidade, caracterizadas como festas ilegais.

A divulgação das *raves* era feita boca-a-boca, através de *flyers/panfletos* nas chamadas “rádios piratas”. Mesmo com todo esse esquema para manter as *raves* longe dos olhos do governo e da polícia, as festas massificaram-se e *espalharam-se* pelo planeta.

Segundo Abreu (2005), a ampliação desse fenómeno relaciona-se com a popularização da música eletrónica e da cultura *raver* nos centros urbanos de todo o mundo.

Podemos definir *raves* como festas de música eletrónica que podem acontecer em discotecas, casas de espetáculos e/ou em espaços abertos longe dos centros urbanos. Estes ajuntamentos sociais são eventos de longa duração, normalmente mais de 12 horas

onde *Dj's* e artistas plásticos apresentam os seus trabalhos, animam o espaço e interagem com o público.

A cultura *raver* é encarada como uma subcultura juvenil, mas cada vez mais nos apercebemos que não são somente os jovens que frequentam este tipo de festas. Todo tipo de indivíduos, independentemente da classe social ou da faixa etária são, cada vez mais, adeptos desta cultura alternativa.

Assim se explica que tenha sido criado uma espécie de movimento *raver*, caracterizável como único, pois assume um conjunto de valores, estilos de vida e princípios ideológicos que se opõem e apresentam uma alternativa à sociedade em que estes os frequentadores estão inseridos, na tentativa de escapar à realidade através das drogas, como uma fuga à rotina, ao seu normal estilo de vida.

O objetivo da festa rave está implícito no próprio nome. Rave é uma palavra inglesa, que em português significa 'delírio. (...) A música é um elemento fundamental nestas festas, uma vez que, juntamente com os laser's, videowalls e de outras tecnologias, ajuda a criar uma atmosfera suis generis que faz surgir sensações fora do comum. (Valente, 2004:74).

As *raves*, festas de música eletrónica, estão cada vez mais presentes na nossa sociedade, apesar de grande parte da população ainda possuir certo desconhecimento e desconfiança face a estas festas. No senso comum, as *raves* são associadas ao consumo de drogas, mas na verdade estas festas não são apenas festas de consumo abusivo de estupefacientes e de reunião de grupos com comportamentos desviantes. Estes ambientes têm um carácter e uma identidade social mais complexa do que podemos vislumbrar numa primeira observação. No mundo das *raves* existem diferentes tipos de celebrações, diferentes tipos de música, de consumo de substâncias, de comportamentos e de estilos de vida.

Se optarmos pela visão de Durkheim sobre as solidariedades, podemos então fazer uma diferenciação entre o ambiente externo e interno das *raves*.

A sociedade atual está muito desenvolvida e a divisão social do trabalho, onde cada um tem uma função específica de solidariedade orgânica, em que os indivíduos são

diferentes uns dos outros, mas cada um preenche uma função diferente na sociedade de maneira a complementarem-se, tornando-se assim todos indispensáveis à vida social.

Dentro do ambiente *raver* podemos afirmar que se mantém uma solidariedade mecânica, os indivíduos diferem pouco uns dos outros e, por isso mesmo, há coesão social; estes socializam e interagem facilmente porque têm todos o mesmo objetivo, a alienação e diversão.

Segundo Durkheim, *prevalece uma solidariedade mecânica nas sociedades em que membros de uma mesma coletividade se assemelham porque experimentam os mesmos sentimentos, porque aderem aos mesmos valores, porque reconhecem o mesmo sagrado* (Aron, 1994:334,cit por Valente, 2004:89).

Desde meados do século XX que as subculturas juvenis estão associadas a vários estilos de música popular. Foi em torno da música que muitas subculturas construíram a sua identidade, marcando posição face a outras. A música, ainda que elemento central na construção de comunidades juvenis, é apenas um entre vários elementos identitários, como o estilo de vestir, as aspirações sociais, as práticas culturais, bem como todo um conjunto de modos de comportamento, normas e valores (Calado, 2006: 32).

Ao longo do século XX, podemos comprovar as inúmeras modas que se se exprimiram e se impuseram na sociedade através da música. Os *Beatles* são sem dúvida o melhor exemplo de como quatro rapazes de fato, gravata e cabelo comprido conquistaram o Mundo e moldaram gerações, através de simples versos e melodias. Foi a partir desta banda, que as sociedades começaram a encarar a música como um poderoso instrumento de mudança social.

O movimento *punk* foi o outro grande exemplo de como as sociedades necessitam de “consumir” determinados estilos de vida e comportamentos massificados.

Sendo o *punk* caracterizado pela anarquia e o elevado consumo de drogas, seria apenas uma questão de tempo, para as sociedades requeressem uma nova alternativa, uma nova contracultura. Percebendo que as novas culturas nunca se transfiguram

totalmente numa nova realidade, numa alternativa à sociedade vigente, o movimento *raver* que surgiu nos finais dos anos 80, associou o elevado consumo de drogas dos *punk's* a um novo tipo de música, a eletrónica.

Uma grande parte do conceito das raves é baseada na sobrecarga dos sentidos. Uma panóplia de estímulos audiovisuais é conjugada para elevar os frequentadores a um estado alterado de existência física e psicológica, muitas vezes induzido pelo consumo de drogas, nomeadamente, ecstasy, LSD, e anfetaminas (Valente,2004:75).

Tal como explica Ana Valente na sua tese, alguns dos participantes neste tipo de festa não consomem as drogas apenas com fins recreativos mas também para conseguirem suportar a dança e não serem vencidos pelo cansaço. *As drogas consumidas nestas festas assumem uma função utilitária, uma vez que ajudam os jovens a suportar durante muito tempo a dança; servem de resistência ao desgaste físico (Valente, 2004:82).*

Uma elevada adesão à música eletrónica e um elevado crescimento do número de lugares de diversão noturna, estão estritamente ligados com o crescente consumo e divulgação das drogas sintéticas, como se comprova em Rebelo,1999:269, citado por Valente,2004:84: (...) *uma rave é uma festa dançante, na qual os participantes experimentam um sentido de comunhão e despertam a sua consciência através da música.*

Monneyron e Xiberras insistem na procura do êxtase a que conduz o consumo de drogas. Há uma relação entre os estados interiores provocados pela ingestão de drogas e a experiência mística. A mística traduz um movimento de saída de si e uma fusão do Eu numa entidade mais vasta. Suscita sentimentos de plenitude e une os iniciados de uma nova forma de vida e de religiosidade: *sensação de estar plenamente vivo, totalmente livre, sensação de sentir e de experimentar a pertença universal, ou de se compreender como elemento no meio dos elementos (Monneyron; Xiberras, 2008: 34).*

O escritor, historiador e poeta Hakim Bey (1998) traz para a discussão o conceito de festa *rave* como uma TAZ -*Temporary Autonomous Zone* - uma zona temporária e autónoma, caracterizada pela utopia da desvinculação das referências da sociedade, sem regras e com liberdade. O seu livro *T.A.Z.: Zona Autônoma Temporária*, escrito

em 1985 foi traduzido para vários idiomas, sendo lido por todo o mundo. Nele, a partir de estudos históricos sobre as utopias piratas, descreve a criação e propagação de espaços autónomos temporários como tática de resistência e esvaziamento do poder.

Para Hakim, que refere que não procurou definir o conceito de TAZ, (zona autónoma privada), considera que tal conceito é autoexplicativo, ou seja, se fosse usado no hábito quotidiano, o termo era compreendido sem qualquer dificuldade. Não nos podemos esquecer que este conceito surge primordialmente de uma crítica à revolução. Segundo o autor a *TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o estado diretamente, é uma operação de guerrilha que libera uma área (...) e se dissolve para se fazer em outro lugar e em outro momento antes que o Estado possa esmagá-la* (Bey 1985:6).

Especialmente devido a este seu livro, Hakim tem sido adotado pela cultura raver nos Estados Unidos e na Europa. Os ravers têm identificado a experiência e promoção de raves como parte da tradição da "Zona Autónoma Temporária" delineada pelo autor, particularmente a "free party" e a *Teknival*.

2.3 Vertentes eletrónicas

Antes de citar as vertentes eletrónicas existentes é necessário referir um grande autor que se centra sobre as emoções e os sentidos, Simmel. Este autor, influenciado pela filosofia kantiana, possui uma maneira bastante peculiar de conceber a vida social. A sociologia pura ou formal, cujo enfoque se concentra nas formas de sociação, possui como alicerce metodológico, uma modulação constante entre forma, conteúdo e interações sociais na tarefa de analisar os elementos que estruturam a sociação. O pensamento de Simmel abre a possibilidade de vislumbrar as práticas e as vivências das emoções como forma de sociação.

As emoções podem ser caracterizadas pelo "não-lugar" ou pelo "entre-lugares" em outros fenómenos e instituições da vida social, o que *a priori* não significa que esses momentos, ainda que caracterizados pela dificuldade de se estabelecer limites precisos, não sejam fundamentais na construção de laços sociais e no desenho das formas da vida

coletiva. Além disso, Simmel permite-nos perceber que esses momentos, não de forma maniqueísta da relação indivíduo e sociedade, mas como uma síntese de forças opostas.

Um estudioso contemporâneo, que esclarece o sentido sócioantropológico das “emoções”, é David Le Breton (2009). Este autor, considera, a necessidade de enfatizar o caráter sociocultural da expressão das emoções e, à semelhança de Simmel, os seus aspetos formativos de relações de “sociação”.

Se por um lado, como afirma o autor, os sentimentos e emoções não são estados absolutos, substâncias que se podem transpor de um indivíduo ou grupo ao outro, também não são processos fisiológicos, cujos segredos se encontram no corpo. Assim como em Simmel, elas correspondem a relações. E essas relações expressam-se de modos distintos em cada cultura e sociedade: *o registro afetivo de uma sociedade deve necessariamente ser compreendido no contexto de suas condições reais de expressão* (Le Breton, 2009,:10).

A cultura afetiva oferece os principais esquemas de experiência e ação a partir dos quais o indivíduo tece a sua conduta de acordo com a sua história pessoal, as suas disposições e a sua avaliação da situação. Dessa forma, *a emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam* (Le Breton, 2009:12).

A música é algo que nos acompanha desde a pré-história. A palavra música tem como origem o grego *μουσική τέχνη* que significa “a arte das musas”.

Basicamente, a música é uma sequência de sons, sequência esta que é organizada de forma a ter um ritmo próprio, harmonioso e agradável a quem o escuta. Não nos referimos a uma questão de gosto, mas a uma sequência harmoniosa e equilibrada de sons a um ritmo específico perceptível a todos.

A música eletrônica, único estilo musical presente nas *raves*, é produzida eletronicamente, divergindo de outros estilos produzidos acústica ou eletricamente. Dispensa, assim, o uso de instrumentos tradicionais, necessitando exclusivamente de máquinas digitais para criar *soundscape*s – paisagens sonoras sintéticas.

Os novos instrumentos utilizados pelos músicos/*Dj's* são: *samplers*, computadores, baterias eletrônicas e *gadgets* digitais.

Para a sua produção, é necessária também a instalação de equipamentos específicos: *mixer*, *pick ups*, amplificadores, caixas de som e geradores. Podem igualmente ser incrementados com sintetizadores, baterias eletrônicas, sequenciadores, computadores, potências, teclados e *samplers*.

Psy-trance

O 'trance psicadélico' funcionou como um objeto demonstrativo do processo de formação, evolução e difusão das culturas (...) que surgem como propostas originais e reservadas a núcleos restritos (Carvalho: 2007).

A origem do *Psy-trance* remonta à década de 60, na Índia, mais precisamente nas praias de Goa, onde eram realizadas muitas festas psicadélicas ao som dos mais diversos artistas como *Pink Floyd*, Jimie Hendrix, Janis Joplin, entre muitos outros. Estas festas eram frequentadas principalmente por *hippie's* e viajantes provenientes dos quatros cantos do mundo que encaravam as festas como uma fuga à vida industrial e nelas viam uma possibilidade de se integrarem em paz e harmonia com a natureza.

O aspeto psicadélico deste movimento era caracterizado principalmente pela intensidade das cores e por visões, inspirado no consumo de drogas alucinogénias como o LSD, que por sua vez se repercutiam na vida dos indivíduos, principalmente no vestuário, nas produções artísticas e na maneira como encaravam a sociedade. Protestavam contra o sistema vigente, propondo contraculturas por vezes utópicas. Oportunham-se aos valores dominantes das sociedades capitalistas como o trabalho, o dinheiro, a propriedade privada e a distinção de classe social, por outras palavras, viviam num mundo onde a música e as drogas eram o vórtice do seu pensamento.

Em Goa, na década de 70, começam as primeiras *free-parties* que rapidamente ficam (re)conhecidas mundialmente, quer pelas festas dadas, quer pelo novo estilo de música aí emergido, o *Goa trance*. Esta vertente do *trance* teve como principal impulsionador e fundador o artista e *Dj* Goa Gil. Foi ele o criador de um estilo de

música que consiste em misturar vários estilos musicais como o *new beat*, *new wave*, *eletro* e *Rock Psicadélico*, cujo produto era uma ressonância que conduzia e elevava a altos estados da consciência, verdadeiras “trips” na mente. A Índia tornou-se, assim, não só o berço como uma referência mundial do *trance*. O *Psy-trance* atual, deriva diretamente do *Goa trance*, continuando a basear-se na meditação, na busca de um revivalismos assentes em rituais tribais de um passado ancestral e, claro, de um estado de libertação.

Graças à globalização, às novas tecnologias, como o computador, sintetizador, novas técnicas de criação e reprodução de som, foi possível expandir rapidamente este género musical por todo o mundo. A Inglaterra e a Alemanha foram os países que mais contribuíram para a divulgação do *trance* na Europa, graças ao movimento *raver*. O expoente máximo era a concretização da *Loveparade*, que anualmente juntava mais de um milhão de pessoas nas principais ruas de Berlim e a elaboração de *raves* gigantes ao ar livre em campos ingleses.

Cada vez mais o movimento psicadélico tem vindo a crescer e a tomar forma noutros países, como é o caso de Portugal, embora nunca chegue a atingir as proporções sociais e mediáticas que se verificam noutros países como Israel, Brasil e Índia. Com a decadência do cenário das *raves* em Portugal, o *trance* surge como alternativa de expressão dos indivíduos que querem estabelecer contacto com o naturalismo e o espírito e a música.

Lembremos que a música é uma experiência social que está continuamente presente em grande parte das atividades humanas e que cria um espaço social específico, onde os indivíduos se tornam um coletivo com necessidades e objetivos comuns. O *Boom Festival*, realizado de dois em dois anos no Alentejo, é o melhor exemplo desta união de laços sociais. O lema do *Boom – We are one –* é a tradução mais clara do espírito coletivo que atrás apontámos.

A música funciona como um fio condutor que contribui para as crenças, valores, opiniões e comportamentos sociais e que tem implicações na formação tanto da identidade pessoal como na coletiva. Facilita a interação e o sentimento de pertença entre o indivíduo e aquilo que se encontra em seu redor, criando assim um sentimento

de interdependência e de envolvimento emocional com o grupo, sentimento este que transforma um simples aglomerado de indivíduos num vasto grupo cultural, numa identidade coletiva.

Analisando o *Boom Book* (2007), chegamos à conclusão que este festival não é apenas um simples festival de Verão como é o *Festival Sudoeste* ou *Paredes de Coura*, o *Boom* vê-se a si próprio como um amplificador e conversor de conceitos, um farol de sanidade, de responsabilidade ética para o futuro próximo, mostra-se como um novo tipo de reunião tribal onde diferentes culturas se podem fundir com a natureza de uma forma sustentada. O *Boom* partiu da ideia de juntar as comunidades mundiais de *trance* sob o mesmo céu, criando assim um verdadeiro *melting pot* cultural.

De um simples festival de música *psy-trance*, o *Boom Festival* tornou-se numa “reunião” musical, cultural, afetiva, religiosa, ecológica e até mesmo política, criando uma nova focalização sobre o mundo: a preocupação ecológica, onde a natureza e o misticismo se fundem em perfeita sintonia com a música e a tecnologia.

Observem-se as linhas orientadoras deste festival, expressas em artigo de jornal:

Promotora do alternativo Boom Festival lançou bilhetes mais baratos para países com intervenção externa.

É o festival de música e artes com maior consciência crítica, ambiental e cultural que Portugal conhece e o mais alternativo também. Organizado sempre em anos pares, em Idanha-a-Nova, decidiu acrescentar ao lote a preocupação económica e lançou pacotes "low-cost" para países que vivem com a ajuda do FMI. Com uma faturação de quatro milhões de euros, em 2010, a expectativa é de 20% de crescimento este ano, quando irá receber visitantes de 92 países.

O Boom Festival 2012, que decorre entre 28 de Julho e 4 de Agosto. (...) Este ano, e porque a promotora Good Mood exporta 85% da sua actividade, foram criados vários níveis de preços.

"A decisão de segmentar os valores surge de uma consciência social. Sendo um festival de cultura independente considera-se que os factores monetários não devem inviabilizar a fruição cultural", explicou Artur Mendes, da organização

Rebeca Venâncio in www.economico.sapo.pt 25/06/12 00:05

Techno

Nos anos 70, os elementos do grupo alemão *Kraftwerk* foram os criadores da “música sintética”, o *techno*. O nome *techno* indicava que todas as músicas eram feitas única e somente através do computador, sem usar qualquer tipo de instrumentos musicais ditos “tradicionais”. Este novo estilo musical não se tornou uma música de massas de um dia para o outro, foram precisos dez anos para no mundo se conhecesse este novo movimento. Foi em Detroit, Chicago, que o *techno* se tornou um nova corrente musical, impulsionada por batidas rítmicas fortes e pesadas. Apesar de inicialmente ter sido concebido como uma música de festa, era remisturado diariamente em programas de rádio e tocado em clubes estudantis de Detroit. Esta corrente musical cresceu ao ponto de se tornar um fenómeno global e começou a ser vista por muitos dos seus criadores e produtores que se ligaram ao estilo, como uma expressão da angústia pós-industrial, tendo como comando de orientação temas *High-Tech* e de Ficção-Científica

As influências *techno* geradas por novos produtores em 1991-92 resultaram numa rápida fragmentação e divergência do género *techno* e *house*. Muitos desses produtores eram do Reino Unido e da Holanda, países onde o *techno* ganhou grande número de seguidores e teve papel crucial no desenvolvimento das *raves*.

O *techno* de Detroit permaneceu como um subgénero, de qualquer forma, liderado por uma nova safra de produtores da área de Detroit como Carl Craig, Kenny Larkin, Richie Hawtin, Jeff Mills, Drexciya e Robert Hood, além de certos músicos do Reino Unido e da Bélgica.

Para tentar acompanhar o movimento *techno* nos anos 90 que se vivia por toda a Europa, mas principalmente na Alemanha, (onde se começaram a organizar *raves* colossais, tal como a *May-day*, com mais de 100 mil pessoas), Portugal estreia-se na criação de produtoras para a organização de festas *techno*, nascendo assim a *Technolândia*. Inicialmente, em 1992, era uma simples festa clandestina, que se realizava em armazéns abandonados, mas, a resposta do público português foi tão boa que no ano seguinte já possuíam as devidas legalizações e espaços próprios. Com todo este sucesso, a *Technolândia* passou a ser um evento anual “obrigatório” para todos os

amantes do *techno*, cada vez com maiores afluências, com mais e melhores *Dj's* e mais renome no panorama internacional.

O *techno* em Portugal tem diferentes sonoridades, conotações e públicos dos que tem noutros países, como por exemplo a Inglaterra ou os Estados Unidos. A música que passa nas *raves techno* portuguesas gera sempre festas “pesadas”, mais densas e “obscuras”. Não se consegue ter um som tão límpido e fluido como acontece com este movimento por todo o mundo. Os melhores *Dj's* à escala internacional como Carl Cox, Sven Väth, Marco Bailey, *Dj Rush* entre muitos outros, optam sempre por um “set” mais soturno quando tocam em Portugal, por já saberem quais os gostos musicais dos *ravers* portugueses.

Nestes últimos três anos, o movimento *techno* em Portugal tem vindo a diminuir, pois muitas das festas realizadas nas melhores discotecas nacionais, como *Pacha*, *Porto-Rio*, *Mau-Mau*, *Locomia* e *Trigonometria* acabavam sempre com descatos entre grupos rivais que frequentam essas mesmas festas, dando assim “mau nome” tanto à casa onde se realizam festas como ao próprio *techno*. A título de exemplo, leia-se:

Rixa na discoteca Pacha acaba com feridos graves

Uma rixa envolvendo mais de duas dezenas de adolescentes, do Porto e de Braga, alguns com pouco mais de 18 anos, acabou ontem com três feridos, dois deles graves, e uma detenção, à porta da discoteca Pacha, em Ofir, Esposende.

Segundo fonte da GNR, tudo terá começado no interior da discoteca, com "alguém a partir um copo na cabeça" de um elemento do grupo rival. "A partir daí acabaram todos à pancadaria no exterior da discoteca", acrescentou.

A rixa aconteceu cerca das 07.00 e envolveu dois grupos distintos, constituídos por jovens de Braga e do Porto, clientes da discoteca. Já no exterior, seguiram-se as agressões, com dois jovens, de cerca de 20 anos, a ser esfaqueados durante a luta. Foram transferidos durante a manhã para o Hospital de S. João, no Porto, em estado considerado grave, um deles "com a navalha enfiada nas costelas", acrescentou a fonte. Um terceiro jovem foi hospitalizado em Fão, mas sem correr risco de vida.

"A ideia que temos é que não foi nada combinado entre eles, resultou de um problema que se gerou no interior", acrescentaram as autoridades. Nos descatos estiveram envolvidos "mais de 20 jovens", com idades "entre os 18 e os 24 anos". (...).

Trata-se de um tipo de caso que já não é novo naquela discoteca de Esposende, bastante frequentada no período de Verão. A 6 de Agosto de 2006, também um domingo de manhã, um grupo de 60 jovens "organizados e residentes no Grande Porto" provocou o pânico no interior na discoteca, agredindo vários clientes. No interior lançaram ainda uma granada de gás-pimenta, o que obrigou ao tratamento hospitalar de dez clientes. Conseguiram lançar o "caos", com agressões brutais, e provocar bastantes danos materiais.

Paulo Julião, *in* www.dn.pt, Julho de 2007

Drum and Bass

O *drum and bass* é um género de música eletrónica também conhecido como *jungle* nascido na Inglaterra no início dos anos 90. É característico do *drum and bass* baterias computadorizadas em ordem quebrada e de alta velocidade (entre 160 a 180 batidas por minuto). Surgiu principalmente de uma variação do *hardcore breakbeat* e do *rave* britânico (por exemplo *Prodigy*, *Altern8* e *A Guy Called Gerald*). Hoje, com mais de 10 anos de história, já se tornou um estilo extenso em influências e subgéneros que se utilizam desde o *jazz* até o *rock n' roll* passando pelo *soul*, *house*, *funk*, entre outros estilos.

O *drum and bass* primordial (antigamente conhecido por *jungle*) juntamente com o *hardcore breakbeat* foi uma evolução sonora com origens em três géneros diferentes: O *acid house* inglês é um conjunto de músicas construídas com baterias quebradas e linhas de baixo com frequências muitas vezes subsónicas (elementos básicos do *drum and bass*) e o *bleep techno* (estilo muito singular de curta duração (de 1989 a 91) que utilizava baixos muito pesados e distorcidos. Por último há a registar o *techno* belga, outro estilo muito singular que ocorreu no período compreendido entre 89 e 92, e que depois, evoluiu de diversas formas, dando origem a uma série de outros estilos musicais mais popularmente conhecidos.

É durante o movimento *rave* do fim dos anos 80 da Grã-Bretanha que *Dj's* de *hardcore* querendo talvez experimentar batidas mais rápidas do que os usuais 140 - 150 batidas por minuto (bpm's) do *hardcore* começam a acelerar os bpm's nas suas apresentações. O público recebeu bem esta aceleração e acabou por impulsionar os produtores de *hardcore* da época a criar músicas já originalmente mais aceleradas do que o *hardcore* normal. A aceleração foi-se tornando tão alta que começou a ficar impossível "mixar" o *hardcore* clássico com produções em equipamento de *night club*. Começa-se então, a tocar somente estas músicas mais aceleradas. Podemos citar como pioneiros do *Jungle* os artistas Andy C, Aphrodite, *Dj Hype*, Fabio, Goldie, Roni Size, entre muitos outros. Muitos destes primeiros produtores e *Dj's* do estilo continuam a produzir o *drum and bass* moderno.

Põe-se agora a questão: serão o *drum and bass* e o *jungle* o mesmo estilo musical? Na verdade são. O estilo que se desenvolveu no início dos anos 90 apenas mudou em 1996.

Neste ano, o estilo *jungle* começava-se a ramificar cada vez mais na questão das influências utilizadas pelos seus produtores. Alguns socorrem-se mais de ritmos de *jazz* e *soul/funk*, outros preferem o lado do *techno*, outros o *hip-hop* e o *reggae*. Neste momento, muitos produtores de *jungle*, mais influenciados pelo *reggae* começam a transformar o som numa atitude um pouco agressiva. As festas começam a ficar um pouco mal vistas pelo público em geral de Londres, principalmente devido às críticas feitas pelos *media*. Neste momento, os produtores pioneiros do movimento lançam músicas com outras influências que não o *reggae*, e as suas faixas começam a ser ouvidas em rádios comerciais e não só nas rádios piratas como até então. Produtores como *Goldie* e Fábio, por exemplo, resolvem adoptar um outro tipo de nome para o som que estavam a fazer, já que as suas influências eram diferentes. Logo, a escolha de um novo nome surge por uma conversão de fatores que fizeram de certa forma necessária a mudança. Começa-se a utilizar o nome *drum and bass* na grande massa.

No final dos anos 90, o *drum and bass* contagia os clubes de Portugal. Passo a passo vão surgindo no nosso país *Dj's* como Nuno Forte, Dinis, Tilinhos, *Dj Johnny* (*Cooltrain crew*), entre outros, que passavam as músicas dos criadores do estilo, *Dj Hype*, Andy C, Goldie, Roni Size, entre outros. Bares como o *Meia Cave*, *Urban Sounds*, *Porto Rio*, *Hard Club*, surgem adoptando a jovem música e os seus *Dj's*.

Com o movimento em crescimento constante, em 2001 no Porto, como Capital Europeia da Cultura, realiza-se a *Electro Parade*, um evento de vários estilos eletrónicos como o *hip hop*, *trance*, *house* e *electro*. A *Garagem* – já antes criada como primeira produtora de eventos *Drum* – junta-se ao projecto e organiza a secção de *drum and bass* desta miscelânea de música eletrónica. É um acontecimento marcante para este movimento em Portugal com a vinda de dez artistas internacionais deste género de música. O movimento contagiou também as lojas de discos: a *Bimotor* e a *Portuguesez* começam por ter uma secção de *drum and bass* no seu *stock*.

Poucos anos depois do seu início, no nosso país, os eventos de *drum and bass* tornavam-se mais frequentes e o ambiente festivo mais frenético e eufórico, também devido à mudança que se foi notando neste género, onde agora subgéneros como o *jump up* tinham características rítmicas mais vibrantes do que o *drum and bass* anterior.

O acesso generalizado e a expansão da internet, bem como o respectivo desenvolvimento mudaram o mundo e, por consequência, a cultura da música jovem. Estas tecnologias facilitam a criação, promoção e a divulgação de novos estilos, de *Dj's* e das suas músicas; surgem o Myspace, foruns de *Dj's* e de organizações de promoção. *O Cows onPatrol* é o site/fórum de *drum and bass* português mais visitado, requisitado e falado. Neste site, podemos ficar a par de todos os eventos que se realizam em Portugal, ouvir *set's* exclusivos assim como partilhar ideias e pensamentos sobre o movimento.

Ao fim de quase duas décadas de batidas rápidas e baixos pesados, o movimento está devidamente implementado na sociedade. Os *Dj's*, os eventos e os promotores de *drum and bass* cresceram a um ritmo impensável. As cidades do Porto e Guimarães, esta última Capital Europeia da Cultura 2012, são um dos muitos exemplos de como um estilo mais *underground* se integra e se massifica em todas as sociedades; as *raves* são frequentemente realizadas pelos grandes centros culturais em prol do *drum and bass*, e da própria cultura. Outro exemplo significativo é o texto de Luís Octávio Costa:

Dezasseis anos depois, e muito drum'n'bass depois, a Garagem volta a Guimarães para festejar o seu aniversário. As explosões chegam de França

Começou com uma rave e transformou-se num motim. O lema é dos Dirtyphonics, mas pode aplicar-se à Garagem, promotora de música electrónica e de “explosões”, como contou ao P3 Marco Martins, que fundou este rótulo há 16 anos.

Antes de o ser, a Garagem já o era. Antes de ser uma promotora, Marco Martins, hoje com 38 anos, já andava com os discos às costas. Eram “festas de liceu” e raves que ao longo dos anos se transformaram em motins. “Em Londres estive numa festa que me parecia punk sem ser punk. Era uma mistura de punk com house. Chamava-se drum'n'bass. E a Garagem trouxe o género para cá. Poucos conheciam. Muito poucos praticavam”.

A Garagem volta ao local do crime — começou em Guimarães com um festival, que resultou numa compilação que pretendia apresentar um “Portugal escondido” —, tendo convidado para a sua festa de aniversário (São Mamede, Centro de Artes e Espectáculos) o colectivo Dirtyphonics, que em 2009 deixou o Sá da Bandeira, no Porto, à beira de uma taquicardia colectiva.

Luís Octávio Costa *in* www.publico.pt

Capítulo III - Cultura

3.1. Conceito de Cultura e Multiculturalismo

Para Simmel a partilha de um mesmo ambiente sonoro e/ou musical pode promover um sentido particular de coletividade. Não existe música sem cultura, nem cultura sem música, são indissociáveis.

Numa análise mais aprofundada Simmel (1985), diz-nos que a cultura possui uma correlação com a alienação. Possuir cultura, significa *uma série prolongada de encontros realizados entre o espírito subjetivo de uma determinada pessoa e um certo número de aspectos do espírito objetivo que circunda tal pessoa* (Poggi, 1998: 199). É neste processo interativo da aquisição cultural, de enriquecimento pessoal de assimilação, subjetivação do objeto e de valorização desse, que reside a cultura para Simmel.

Para a compreensão de uma determinada sociedade é necessário entender a sua diversidade cultural, construindo coletivamente para que as políticas públicas representem os objetivos e o desejo das comunidades presentes ou futuras.

É essencial focar a multiplicidade das sociedades e entender que a cultura pode ser um elemento essencial, não apenas na confirmação positiva das identidades culturais, mas também de como os valores culturais permitem dar uma nova feição à vida do cidadão, no que respeita aos estilos de vida, à forma de pensar e agir ou ainda no lazer e nos objetivos projetivos.

Uma ação cultural pluralista revela os inúmeros atores sociais e a interação destes com os fatores sociais decidem a mudança de cultura dos cidadãos, quer seja a nível político, económico ou social. A cultura tem uma característica muito própria, que é a sua capacidade de articulação, ao mesmo tempo que reflete sobre o redirecionamento das políticas públicas que são essenciais para os cidadãos fazerem vingar os seus ideais e objetivos.

O modo de produção da vida material determina o carácter geral dos processos vitais, sociais, políticos e espirituais (...) assim como a divisão de tarefas ao longo do

tempo cria hábitos de pensamento e acção constante de papéis entre indivíduos (Gellner,1993: 170).

A humanidade tem vindo a desenvolver-se paulatinamente e passou assim por três grandes fases históricas: a caçadora-colectora, a agrária e a industrial, vigorando ainda esta última. Na caçadora-colectora, todos os indivíduos usufruíam do lazer; na agrária, apenas as elites tinham esse privilégio; na sociedade industrial o lazer passa para o segundo plano e a ética dominante é a do trabalho; já ninguém tem muito tempo para o lazer, a atividade laboral dita e impera os modos de como os cidadãos se organizam em sociedade.

Muitos autores defendem que os cidadãos, na vida industrial, se comportam todos da mesma maneira, independentemente do país onde se vive, ou da língua que se fala. *As utilizações sociais a que estariam submetidos, os significados disponíveis, seriam praticamente os mesmos (...) dentro desta cultura industrial comum* (Gellner,1993:172). Os emigrantes, por exemplo, que mudam de uma sociedade industrial para outra, podem ter que aprender um novo vocabulário, uma nova língua, uma nova cultura, mas não criam um novo estilo de pensamento.

As culturas das sociedades modernas *são um tipo especial das culturas eruditas em geral e assemelham-se mais umas às outras do que as culturas eruditas das sociedades agrárias* (Gellner,1993:173). Estas impõem-se a qualquer outro tipo de cultura, principalmente à tradicional ou popular, embora ainda se possam observar em certas sociedades alguns costumes tradicionais como a língua, a roupa e cerimónias, mas que são cada vez mais difíceis de serem encontradas numa sociedade industrial. Pode mesmo dizer-se que são mantidas artificialmente, mas, como infelizmente sabemos, mais cedo ou mais tarde todas essas tradições e costumes irão desaparecer, absorvidas pelo *franchising* das culturas industriais. Um ótimo exemplo desta absorção industrial é a música portuguesa. Embora Portugal seja um país rico em termos musicais, tendo o Fado, o Folclore e até a música dita “Pimba”, cada vez mais somos invadidos por sonoridades estrangeiras.

Devido a este alastramento da cultura industrial, é cada vez mais difícil encontrar uma alternativa à cultura dominante ou até mesmo à existência de outra cultura que coabite com a erudita, não entrando com ela em conflito: *Nos países desenvolvidos, em que a grande maioria dos cidadãos tem acesso relativamente satisfatório e não muito desigual à cultura dominante (...) continua a ser difícil imaginar duas culturas eruditas, politicamente viáveis e dignas de independência, coabitando sob um único tecto político* (Gellner,1993: 175).

Cada cultura tem o seu próprio estilo de vida, as suas próprias ideias, os seus padrões sociais e nenhuma pode ser criticada ou julgada por padrões universalistas de outra cultura, pois *a sujeição de uma cultura à gestão política dos membros de outra cultura é sempre injusta (...) a verdade é que estas são, geralmente construídas de forma a tornarem-se logicamente invulneráveis do exterior e constantemente confirmadas de dentro.* (Gellner,1993: 176,178).

Na atualidade, o avanço da tecnologia promoveu a virtualidade, a desagregação das sociedades tradicionais, o choque da globalização e o multiculturalismo.

Para entender o processo de globalização e de multiculturalismo é necessário perceber que este não se construiu de um dia para o outro e foram vários os fatores confluentes para a criação deste conceito, nem sempre encarados da melhor maneira.

3.2 . Prática cultural no quotidiano do indivíduo

A prática cultural é um fenómeno complexo na sua essência. Inicialmente teremos de definir o que entendemos como prática cultural neste trabalho e, posteriormente, quais são as práticas culturais que considerámos importantes para a presente investigação.

O conceito de práticas culturais pode englobar um sem número de significados. As atuais não são, nem poderiam ser, as mesmas de há uns tempos. Então, o que são as práticas culturais de hoje?

Todos nós temos gostos e preferências muito divergentes, que correspondem a opções diversificadas tomadas num determinado momento. Apesar de encontrarmos gostos idênticos, dificilmente os encontramos na mesma variável, isto é, na mesma classe social.

Como Gonçalves salienta, existe *uma autêntica poeira de traços e de práticas que se sedimenta significativamente em estilos de vida distintos e distintivos, maneiras de estar, de ser, usar, sentir, pensar e agir no mundo que marcam fundo o ser social, as identidades e alteridades* (Gonçalves, 1996:28). Ou seja, existem diversas formas de “olhar” para a cultura *raver*. Enquanto um indivíduo encara a cultura *raver* como uma forma de aumentar o seu conhecimento musical e cultural, outro indivíduo vê-a como uma forma de lazer e de diversão.

Um espaço pode ser comum a vários indivíduos, sejam eles conhecidos ou meros estranhos, logo que exista uma relação de interesse entre eles, que por sua vez pode ser classificado em práticas, tal como o *habitus* defendido por Bourdieu. Segundo este autor (1999: 162), o *habitus é princípio gerador de práticas objectivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas*, ou seja, o *habitus* cria as suas práticas, tornando-as classificáveis e diferenciadas ao mesmo tempo. Nesse sentido, existe uma série de práticas que podem ser realizadas pelos indivíduos. Como aquilo que, às vezes, é considerado por alguém uma prática cultural, não o é para outra pessoa, foram consideradas as seguintes práticas culturais: concertos de música, espectáculos de dança, exposições de fotografia, idas ao cinema, jantares de convívio, idas ao teatro, visita aos museus. Foram englobadas todas aquelas em que não interferimos, isto é, a que apenas assistimos contam com a nossa presença. O ver televisão e o navegar na Internet são exemplos vivos de práticas culturais.

Contudo, não foram, totalmente, desvalorizadas no trabalho, pelo contrário, tornaram-se mais aprofundadas como práticas culturais individuais, que contam com a participação do indivíduo.

A prática cultural acaba por ser estar intrínseca no quotidiano do indivíduo, o simples convívio com outros atores sociais acaba por ser uma prática cultural, pois há uma interação.

Segundo Machado Pais (2007:30), o quotidiano é o que se passa todos os dias, é a área de desenvolvimento das atividades que, inconscientemente, vamos fazendo. Utilizando uma frase típica deste autor: *o quotidiano [é] o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar*. Ou seja, já praticámos determinadas atividades tão diárias e tão inconscientemente que nem delas nos damos conta.

Ora, se a prática cultural é muitas vezes exercida por lazer, isto é, nos tempos livres é porque, à partida, já a realizámos sem nos perguntar o porquê de o fazer. Por exemplo, ir ao cinema, é uma prática que já está de tal forma enraizada na vida de certos indivíduos, que já não a novidade, do escape à rotina. É verdade que certas práticas não serão tão comuns no quotidiano, ou mesmo nos tempos livres dos indivíduos. De fato, na vida de alguns indivíduos, que, por exemplo, têm um elevado capital escolar e cultural adquiridos, pensa-se que praticam e apreciam mais um espectáculo de dança do que uma pessoa desprovida desse capital.

Machado Pais (2007: 30) refere ainda a ambiguidade do que se passa na nossa vida, quando começamos a praticar algo novo, fazendo irromper aquela novidade, aquela ruptura com as práticas usuais. Chega, porém, um momento da nossa vida, em que, simplesmente, continuamos com essa prática, acabando por entrar na rotina.

Capítulo IV - Classes Sociais

4.1: Complexidade das Classe Sociais

As *raves* ultrapassam qualquer tipo de diferenças: de classe ou de género, o essencial é o momento que se está a viver, as sensações e as emoções que se estão a sentir. O lema é o *carpe diem* que leva ao total alheamento das circunstâncias que ultrapassam a área em que decorrem as festividades

Os *ravers* embora tenham por hábito “catalogarem-se”, por “techneiros” (nome utilizado para identificarem os frequentadores do *techno*), “trancer’s” (do *trance*) ou os “underground” (do *drum and bass*), todos eles podem escolher e frequentar qualquer tipo de festa seja ela qual for, não estando apenas confinados a um determinado estilo musical.

Um “techneiro” pode ir, o que frequentemente acontece, às festas de *trance*. Quanto aos “underground”, estes vão a festas de *trance* e *techno*. Verifica-se, assim, que não existem quaisquer impedimentos de ordem cultural, de género ou de outro tipo. Pelo contrário, o *raver* quer sempre experimentar coisas novas.

Embora existam diferenças entres os atores sociais, estas que não implicam necessariamente, como acabamos de ver, desigualdades. Outro exemplo visível deste fato é existirem na universidade diferenças de género, que não correspondem a desigualdades, pois todos têm as mesmas oportunidades.

Se os exemplos apontados são de carácter social, outros casos devem ser encarados como provenientes de uma causa individual. Consideremos o caso de uma família, normalmente constituída, com dois irmãos, a viver num bairro social. Consideremos ainda que ambos recebem o mesmo tipo de educação e de assistência e que lhes são proporcionadas as mesmas oportunidades. Observa-se, contudo, que as personalidades, atitudes, e comportamentos de um e de outro são o oposto: se um é estudioso e diligente, o outro apresenta um comportamento desviante, acabando por abandonar os estudos e consumir drogas.

Considerando que aos 40 anos um é bem-sucedido e o outro não, poderemos, numa primeira análise, afirmar que a causa é de carácter individual, pois foram as escolhas de cada um que determinaram os respectivos percursos existenciais.

Os descendentes destes dois irmãos apresentarão já desigualdades que não são de carácter individual. Observa-se um fenómeno de reprodução social, pois as desigualdades têm tendência a reproduzirem-se.

Assim sendo, com o acumular dos processos, as desigualdades individuais tendem a reproduzir-se, tornando-se, muito possivelmente, desigualdades sociais.

Para explicar o fenómeno, podemos adotar duas visões: a primeira, individualizante, considera apenas o indivíduo, procede em atos isolados. Aduz que as desigualdades derivam das decisões de cada um, sendo o indivíduo o primeiro responsável pelo seu destino. A outra, socializante, não necessariamente sociologista, considera que o principal responsável pelas desigualdades é a sociedade, detentora de mecanismos que determinam o destino de cada um; os indivíduos, isentos de vontade própria, acabam por ser executores da ação.

Ao falar de desigualdades temos, necessariamente, que observar as variáveis clássicas: rendimento, património, profissão, escolaridade, autoridade, religião e outras.

Soma-se mais uma característica das classes sociais ou estratos: o facto de não serem inteiramente abertas, possuindo um certo fechamento, não podendo todos pertencer a determinado grupo. Este fechamento é mais evidente, nas classes mais altas em que existe seletividade, observável tanto para entrar como para sair; por exemplo, existem discotecas em Portugal e no estrangeiro, que para os clientes as frequentarem ou se tornarem membros *VIP*, precisam de pagar uma quota entre os 500€ a 5000€ anuais.

Não basta querer, nem depende da vontade de cada um a sua entrada ou saída em determinada classe, é o fenómeno dito de viscosidade. Para além deste devemos ainda considerar a porosidade, enquanto sinónimo de seletividade, conceito que corresponde à maior o menor mobilidade social.

Existe uma grande variedade de sistemas de desigualdades sociais, percorrendo muitos deles vários séculos, como a escravatura. Este sistema histórico revelou-se importantíssimo e normal ao longo de milénios. A escravatura é de todos os tempos e define-se simplesmente por alguém ser propriedade de outrem.

Finalmente, o conceito de classe *que se define pelo seu lugar no conjunto das práticas sociais, isto é, pelo seu lugar no conjunto da divisão do trabalho que engloba relações políticas e ideológicas* (Poulantzas, 1976:7).

Nas *raves* a diferença de classes não é significativamente notória, pois, como pude verificar, deparei-me no decorrer deste estudo, que diferentes tipos de festas são frequentadas não só por um determinado grupo/classe específico, mas sim uma miscelânea de atores sociais que se enquadram nas diferentes estratificações de classes.

4.1.2. Classes Dominantes e Elites

Nas classes dominantes, devemos considerar os estudos do economista e sociólogo, Vilfredo Pareto (1848-1923), que publicou dois estudos importantes: "Manual de Economia Política" (1906) "Tratado de Sociologia Geral" (1916). No "Tratado de Sociologia Geral", Pareto preocupou-se com o estudo da interação social entre as diversas classes de elites, cujas mais importantes, segundo ele, são as elites políticas e as elites económicas.

O mais importante destaque do estudo de Pareto é o processo de decadência das elites, observado pelo autor, ou seja, historicamente as elites lutam entre si e sucedem-se umas às outras no exercício da dominação política.

Pareto chama a atenção para o fato de que, em qualquer sociedade, os homens são desiguais e que as desigualdades entre os indivíduos contribuem diretamente para o surgimento das elites, (...) *agrada ou não a certos teóricos, sucede de facto que a sociedade humana não é homogénea* (...) (Pareto, in Braga da Cruz, 1995: 449).

Pareto diz-nos que encontramos a ideia de que a elite é algo natural, que se encontra acima da vontade humana. A elite não se faz nem se adquire. É um dado.

As elites, na visão do autor em apreço, não são eternas pois existe uma espécie de renovação, através de um processo contínuo denominado como circulação das elites. Quando tal circulação cessa, ou se torna demasiado lenta, o que se observa é a degeneração da elite. Ela passa a concentrar elementos de qualidade inferior, ao passo que nas camadas inferiores, ocorre um acúmulo de indivíduos com traços superiores. Conforma-se, assim, um quadro drástico de perturbação e crise, propício à derrubada violenta da elite governante e à sua substituição por via de uma revolução.

Já Poulantzas nos diz que as classes não se definem apenas no processo económico, mas sim no conjunto de práticas sociais, considerando, portanto, a determinação estrutural das classes não em sentido restrito, mas amplo. Engloba relações de produção, relações de dominação e de ideologia. *Não é o salário que define a classe operária, pois o salário é uma forma jurídica de repartição do produto, através do “contrato” de compra e venda da força de trabalho. Se todo o operário é um assalariado, nem todo o assalariado é um operário, visto nem todos os assalariados serem forçosamente trabalhadores produtivos, no sentido de produzirem mais-valia/mercadorias* (Poulantzas, 1976:13).

O autor segue assim três critérios essenciais para a definição de classe: o critério económico que é um critério técnico. Poulantzas, tal como Marx, defendia que o trabalhador produtivo era aquele que contribuía directamente para a produção de mercadorias, um trabalhador que “suja as mãos”, enquanto o trabalhador não produtivo, ou coletivo contribuía de uma forma não direta, apenas técnica. *A ciência diz-nos, não é uma força produtiva directa. Só as suas aplicações entram no processo de produção. Estas aplicações, aliás, apenas concorrem para o aumento e realização da mais-valia e não para a sua produção directa. Os agentes técnicos não fazem parte da classe operária* (Poulantzas, 1976:14).

Retomando a óptica de Pareto, existem em todas as esferas, em todas as áreas de ação humana, indivíduos que se destacam dos demais pelos seus dons e pelas suas qualidades superiores. São eles a composição de uma minoria distinta da restante população – uma elite.

Nas ciências sociais, o conceito de classe social está intimamente ligada a Karl Marx. Este enuncia dois planos na sociedade, o plano infraestrutural e o plano superestrutural, encontrando-se estes dois planos em constante relação. Karl Marx entende que no plano de infraestrutura está posicionada a relação económica, ou seja, as relações de produção, a tecnologia, a técnica, entre outros.

Por sua vez, no plano de superestrutura encontramos as relações políticas e ideológicas, isto é, as regras da sociedade, normas, política, arte, Estado, literatura, entre outras. Para Karl Marx a infraestrutura determina a superestrutura. Segundo este autor, existe uma relação de exploração na sociedade, ou seja, a classe dominante explora a classe subordinada. Logo, existe uma classe que vai explorar e obter vantagens de uma outra classe. Uma das ideias centrais é a de que as relações entre as classes sociais no *capitalismo envolvem o fenómeno da exploração, não apenas enquanto conjunto de práticas moralmente condenáveis (pela injustiça que transportam) mas, principalmente, enquanto relações de interdependência antagónica (em particular no caso das classes trabalhadoras e capitalistas), ou seja, relações em que os interesses materiais de uns e de outros estão em oposição* (apud Estanque; Mendes, 1997: 21).

Para se entender o conceito de classe dominante é necessário ter em conta as classes altas e as já referidas elites. Estes três conceitos não querem dizer exatamente a mesma coisa. Em termos de dominação, quem pertence à classe alta, pertence a uma elite, um grupo reduzido que partilha um estilo de vida muito próprio, e, por consequência, são famílias, são grupos que têm mais peso político, (política no sentido económico, social), assim a classe dominante é o peso político, elite é o tamanho do grupo.

Normalmente as elites são setores da população que concentram grandes volumes de riqueza, de prestígio, de capital. É claro que estas elites e classes altas se vão hierarquizar dentro de si, desde aqueles que têm um elevado capital económico e elevados capitais sociais e culturais, até aos que não têm.

Além de haver uma hierarquização interna, existe ainda a necessidade de distinguir os vários tipos de elite: elite económica, elite cultural, elite política, que podem concorrer entre si, dando assim origem a uma luta simbólica. Há uma

característica natural das elites: as pessoas que pertencem a elites, protegem-se umas às outras, de forma a poderem renovarem-se a si próprias, e de que este poder passe de uns para os outros como, por exemplo, de pais para filhos.

Claro que para ser uma elite capaz de influenciar decisões políticas, tem que ter capital económico, social, mas principalmente mais capital económico, podendo assim fazer parte de uma classe dominante. As elites têm outra particularidade, são fechadas à entrada para aqueles que não partilham o mesmo estilo de vida.

4.1.3. As novas posições de classes

A discussão sobre a tendência para o emburguesamento ou proletarianização das classes médias, de acordo com sociólogos (marxistas e não marxistas), está ultrapassada, pois as *estruturas de classes de todas as sociedades capitalistas avançadas parecem tudo menos polarizadas* (Estanque; Mendes, 1997:21). Assim há uma divergência quanto à forma de enquadrar todo um conjunto de categorias sociais conotadas com a chamada classe média: quadros técnicos, gestores, professores, etc., em que lugares de classe os incluir? *Na linha do que já defendera nas suas primeiras obras, Erik Olin Wright sustenta que a classe média não constitui uma classe no sentido marxista... aquelas categorias ocupariam “lugares contraditórios” nas relações de classe* (Estanque; Mendes, 1997: 21). Wright propõe um mapa de localizações, ainda atual, pressupondo a possibilidade de combinação das diferentes relações de exploração, explicando desde logo a tese de que *na maior parte das sociedades haverá muitas posições na estrutura de classes que são simultaneamente exploradoras e exploradas segundo as diferentes dimensões das relações de exploração* (apud Estanque; Mendes, 1997:24). Wright considera três tipos de exploração: exploração capitalista (desigual controlo dos meios de produção); exploração organizacional ou burocrática (desigual controlo de recursos organizacionais); e exploração por credenciais ou qualificações (desigual controlo de qualificações escassas). Poderão ocorrer divisões internas de classe, por exemplo, localizações da “classe média” em que se combinam múltiplas formas de exploração e nas quais algumas fracções podem simultaneamente ser exploradas porque não possuem os meios de produção, e exploradoras porque possuem

elevadas credenciais ou diplomas académicos. Assim, resulta uma estrutura com um conjunto de doze localizações de classe. Estas localizações representam *microposições dentro de uma estrutura mais abstracta que, no entanto, condicionam no concreto as práticas sociais dos indivíduos e a sua consciência de classe* (Estanque; Mendes, 1997:25).

A partir das interpretações convergentes de autores como Poulantzas, Giddens e Bourdieu, salienta-se a capacidade mediadora da classe social. Assim, o conceito de classe social funciona *como uma mediação entre o conjunto das estruturas sociais e um conjunto de práticas socialmente significativas* (apud Pereira; 2005:44). As classes sociais, definidas enquanto lugares pela importância das relações de produção “sistemizam combinações (de volume e estrutura) de diferentes tipos de capital que definem condições de existência distintas umas das outras e semelhantes no interior de cada lugar” e que *tendem a inculcar nos agentes que os ocupam sistemas de disposições do mesmo modo distintos relativamente aos de outras classes e internamente dotados de homogeneidade* (apud Pereira, 2005:45). Determinar a posição de um agente é um processo realizado através da análise do volume global de capital que possui, então, *definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital económico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico* (apud Pereira, 2005:45). Contudo, deve-se salientar que será o grupo doméstico, e não o indivíduo, a constituir a unidade básica de análise de classes, uma vez que é aí que *se condensa e organiza um conjunto de efeitos sociais diferenciados e a partir daí se estruturam práticas socialmente significativas* (apud Pereira, 2005:45). A argumentação teórica, dando importância ao capital e às relações, origina que haja um distanciamento de Olin Wright e uma aproximação a Bourdieu.

A classificação de classe implica o lado objetivo (profissão, saúde, educação, etc.) e o lado subjectivo (político, ocupação do tempo livre, lazer interesses, etc.). A classificação das classes sociais também se torna difícil devido à realidade económica e social que está em constante mudança: surgem novas profissões e demoram tempo a entrar na classificação geral das profissões.

Estas profissões envolvem salários/remunerações mas, por vezes, é difícil enquadrar os indivíduos em classes. Nem sempre dispomos de grelhas de classificação que sejam consensuais.

A classificação adotada em Portugal, segundo dados do INE, do topo para a base é a seguinte: 1ª EDL (empresários, dirigentes, profissões liberais); 2ª PTE (profissionais técnicos e de enquadramento); 3ª TI (trabalhadores independentes); 4ª EE (empregados executantes) e OI (operários industriais). Segundo a tipologia de ACM de classificação de classes implicam: habitação, situação na profissão e descrição da atividade profissional. As empresas de estudos de mercado utilizam “classes e estratificação” mas, não chegam a nível tão profundo, assim usam a seguinte terminologia: classe A: classe alta; classe B: classe média alta; classe C1: classe média; classe C2: classe média baixa; classe D: classe baixa.

Observando a mesma realidade, a socióloga Cidália Queiroz enuncia as classes sociais do seguinte modo: EDL: Burguesia proprietária e Burguesia dirigente; PTE: Nova Pequena Burguesia; TI: Pequena Burguesia Tradicional; EE (empregados executantes), OI (operários industriais) e AA (assalariados agrícolas). A mesma autora em *Classes, identidades e transformações sociais* defende que a Burguesia dirigente é um grupo que apresenta níveis de escolaridade maiores relativamente à Burguesia proprietária. A Burguesia dirigente e a Burguesia proprietária têm crescido entre o ano de 1991 e 2001. A Nova Pequena Burguesia, cuja grande parte desta não é proprietária, tem habilitações qualificadas. A Nova Pequena Burguesia técnica e de enquadramento resulta da agregação de todos os assalariados com profissões intelectuais e científica, mesmo os que não exercem cargos de enquadramento disciplinar. A pequena burguesia (profissionais intelectuais e científicos de enquadramento e profissionais técnicos e de enquadramento intermédio) sofreu uma forte expansão, tratando-se de uma feminização, ou seja, houve um aumento do sexo feminino no mercado de trabalho. A Pequena Burguesia Tradicional, também com um nível significativo de mulheres no mercado de trabalho (trabalham na administração pública e educação) inclui também os trabalhadores/técnicos de nível intermédio e operariado qualificado. A partir da década de 70 houve uma tendência para a redução do campesinato, essencialmente à custa do abandono desta atividade pelos homens e da feminização desta mesma. Como analisou

João Ferrão, na década de 70, ocorreu uma abertura crescente das famílias camponesas a atividade exteriores, dando lugar à chamada agricultura parcial. Assim aparece o pluri-rendimento e pluri-actividade. A Pequena Burguesia Tradicional envolve famílias relacionadas com o campesinato e trabalho da área artesanal.

A Pequena Burguesia Tradicional deu origem a nova classe média. Os empregados executantes (EE) e os operários industriais (OI) têm tendência para aumentar.

4.4- O sujeito-agente

Interessa no âmbito deste trabalho referir a imagem que genericamente se tem dos consumidores de drogas como uma construção social baseada nos seus aspetos mais típicos que corresponde a um sujeito que é vítima dos traficantes, da família, do sistema, etc.

Para poder procurar novas formas de interpretação sobre estes consumidores, temos que partir da conceção que são os sujeitos responsabilizados pelas suas ações e opções – Sujeito Agente.

A perceção das perspetivas dos consumidores sobre as suas vidas e das significações que guiam as suas práticas de consumo traduzem o conjunto das razões para a ação e são uma parte integrante da reflexividade exercida sobre essa ação (Giddens, 1994).

Heritage, citando Garfinkel, destaca o facto de o agente social responder *ao comportamento, aos sentimentos, motivos, relações e outras características socialmente organizadas da vida ao seu redor por ele percebidas, mas também à normalidade percebida desses eventos* (1999: 333).

As subculturas que recorrem ao consumo das drogas, assentam em formas existenciais e sistemas de normas socialmente entendidas como desviantes e, por isso, entram em choque com os sistemas dominantes.

De forma exacerbada, o trance é muitas vezes encarado como se de uma religião se tratasse: não só pelo seu discurso esotérico, espiritual e místico, mas por assentar num corte assumido com os valores sociais vigentes. Ainda que esta posição seja criticada por uns, é verdadeiramente assumida por outros, que abraçaram o este movimento (Calado, 2006:58)

O movimento associado à *rave* e à música pode ser entendido nesta relação das implicações globais dos contextos específicos.

Capítulo V - Estilos de vida

Como sabemos, existem diversas formas de viver, de ser e de estar, que nos fazem tomar opções de acordo com essas diferentes formas de viver. A estas formas de viver Bourdieu chama de estilos de vida.

5.1. Bourdieu e os Estilos de Vida

Bourdieu (*apud* Gonçalves, 2002: 141) refere que os estilos de vida se prendem com práticas quotidianas e formas de consumo que envolvem escolhas particulares e identitárias em domínios tão díspares como a habitação, a alimentação, os usos do corpo, o vestuário, a aparência, os hábitos de trabalho, o lazer, a religião, a arte, a organização do espaço e do tempo ou convívio com os outros atores sociais. Distintos e distintivos, como homologias ou correspondências significativas a ligar as suas diversas componentes, os estilos de vida tendem a configurar-se de forma coerente e a exprimir as identidades pessoais e coletivas. Nesse sentido, no seu livro *A Distinção*, Bourdieu fala-nos, essencialmente, do capital cultural dos indivíduos.

Segundo o autor, o capital cultural é, primeiramente, a relação existente entre as práticas culturais e o grau académico possuído e, posteriormente, a sua origem social (Bourdieu, 1999:11) Assim, há alguns fatores que interferem na constituição do capital cultural: a aprendizagem total, efetuada desde a infância e no seio da família e uma aprendizagem prolongada ao longo da vida escolar, que pressupõe um aperfeiçoamento do capital cultural já adquirido no seio da família (Bourdieu, 1999: 73).

Bourdieu fala-nos, essencialmente, em capital herdado e em capital adquirido, jogando com as maiores instituições da vida do indivíduo, a família e a escola. O capital herdado, à partida, é aquele que é herdado no seio da família, são aqueles valores que nos fazem agir de uma determinada maneira. Desta forma, Bourdieu apresenta-nos um esquema que facilitará melhor a compreensão destes conceitos (1999: 78).

Segundo Bourdieu (1999: 79), existem várias formas de possuir um capital cultural diferente. Existem aqueles que são possuidores de um elevado capital cultural, garantido pela família, encarando, assim, a cultura de uma forma diferente que uma pessoa sem capital cultural adquirido encara. Por outro lado, temos aqueles que além de

terem essa base, esse capital cultural herdado, são detentores de um elevado capital escolar reconhecido, ou seja, aqueles que conseguem o diploma. Há, também, aqueles que obtiveram um capital escolar inferior ao capital cultural herdado, o que faz com vejam a cultura de forma diferente. Há, ainda, aqueles que são desprovidos do capital escolar e capital cultural adquirido, ou porque não obtiveram um capital escolar satisfatório ou mesmo porque nem frequentaram a escola. Por fim, temos aqueles que, apesar de não serem detentores de um capital cultural herdado, foram adquirindo um capital cultural ao longo do estudo, ou seja, são portadores de um elevado capital escolar possibilitando o crescimento do capital cultural.

Ora, se existem todas estas formas de ver o capital cultural de indivíduo, existem, igualmente, diversas formas de ver a cultura. Claro que uma pessoa que possui um elevado capital cultural herdado e adquirido vai olhar para a sua prática cultural de uma forma diferente do que uma pessoa apenas com um elevado capital escolar.

Bourdieu fala-nos, ainda, das idades, das classes e dos gostos e da forma, como os gostos e preferências de uma pessoa mais velha variam de uma pessoa mais nova. Em relação à música, por exemplo, os jovens têm tendência para escolher cantores mais jovens, e os mais velhos cantores mais antigos. Contudo, existem aqueles jovens que, por terem um capital cultural herdado e um maior conhecimento de cantores, tendem a escolher cantores mais antigos e, de alguma forma, requintados. Segundo Bourdieu (1999: 81) *as diferenças da mesma forma é que distinguem (...) as gerações escolares de modo que os mais jovens opõem-se aos mais velhos não tanto por competência global, mas pela extensão e “liberdade” de seus investimentos: além de lerem, a exemplo dos mais velhos, obras científicas e técnicas, eles interessam-se, com uma frequência um pouco maior, pelos ensaios filosóficos ou pela poesia; suas visitas aos museus não são mais frequentes, mas ao realizarem tal actividade, dirigem-se mais frequentemente ao Museu de Arte Moderna. Continua, dizendo que estas tendências são, particularmente, marcantes naqueles que (...) são oriundos das classes médias ou superiores, conhecem um número (relativamente) muito elevado de obras musicais e de compositores, mostram interesse pela arte moderna e pela filosofia, além da sua elevada frequência nas salas de cinema. No entanto, a distinção mais nítida, (...) refere-se aos sinais exteriores – em particular, a maneira de se vestir e de se pentear -,*

assim como às preferências declaradas: ao procurarem aproximar-se do estilo estudante, os mais jovens afirmam seguir e apreciar as roupas que “correspondem à sua personalidade”, enquanto os mais velhos escolhem, com maior frequência, roupas “sóbrias e adequadas” ou “de corte clássico”.

Como podemos constatar, existem diversas variáveis que nos poderão fornecer informação suficiente para determinar o estilo de vida de uma pessoa. Apesar de existirem múltiplas possibilidades de determinar o capital cultural de uma pessoa, essencialmente através das instituições, escola e família, devemos ter em conta o gosto das pessoas, pois um indivíduo com capital cultural e escolar idênticos pode ter práticas culturais, de alguma forma, distintas.

5.1.2 A influência do *Habitus* e dos Estilos de Vida

Cabe ainda explicar que no interior de cada uma das posições sociais se vão estruturando os *habitus* dos agentes. O conceito de *habitus* diz-nos que este é composto por um complexo sistema de classificação, que vem sendo adquirida, aprendida e interiorizada desde a infância e implementada ao longo da vida do indivíduo. O *habitus* funciona, assim, como uma estrutura que serve de orientação ao nosso julgamento sobre determinadas coisas, ou seja, molda o nosso gosto, o simples facto de gostar de música clássica e não gostar de rock, ou o facto de gostar de *trance* e não gostar de *techno* são exemplo de como os indivíduos possuem diferentes gostos, quer musicais, quer de vestuário, em função do meio social que o rodeia.

Nas sociedades contemporâneas, os estilos de vida são a manifestação mais visível dos projectos identitários dos indivíduos e dos grupos sociais, implicando, assim, uma dimensão material e outra simbólica (Araújo, 2007:7).

O conceito estilo de vida é utilizado para classificar as práticas dos indivíduos, desde a saúde à educação até à política e ao uso de tecnologias de informação e de comunicação e às práticas de consumo.

Podemos dizer que são inúmeros os conceitos, valores e teorias que se conectam às Classes Sociais: o género, a idade, o capital financeiro, a família, o estilo de vida, a profissão, são apenas alguns dos infinitos fatores na determinação e classificação das classes sociais. *Não existe teoria que seja a teoria “justa”, quer dizer, que forneça uma explicação correta de todos os fenómenos sociais em qualquer época, e que, além disso, possa ser tomada como base para ações políticas justas* (Poulantzas, 1976:117).

5.2. As tribos dentro das raves

Segundo Rabot (1991: 144), (...) *a vivência colectiva, a manifestação tribal e os diversos agrupamentos, estruturam-se em função de uma lógica que já nada tem a ver com a identidade. É, sobretudo, a sensibilidade emocional, a identificação afectiva, a componente passional e os sentimentos de atracção e de repulsa que permitem explicar, entre outros, os seguintes aspectos: a fragmentação levada até ao infinito das macro-estruturas; a multiplicação das redes de comunicação; a constituição de guetos, tribos e aldeias, no seio de uma sociedade massificada, da qual as grandes metrópoles são o melhor dos exemplos.*

As raves, salienta o autor, propiciam a criação de grupos tribais, pois acolhem “socialidades” próprias. Nas raves os indivíduos sentem-se bem, uma vez que obtêm o prazer que procuravam e são estas que oferecem prazer aos indivíduos, proporcionando-lhes uma noite/dia diferente, de forma subtil, e que os levam também ao consumo de estupefacientes.

Com efeito, de rave para rave, o indivíduo vai consumindo gradualmente mais estupefacientes, deixando-se levar pelas sensações e estímulos que as drogas, aliadas à música lhe oferecem, consumindo vários tipos de drogas e tendo em mente a satisfação imediata que isso lhe proporciona. De certa forma, as raves homogeneizam os indivíduos que as frequentam, no sentido de os aproximar e de os fazer sentirem-se como se pertencessem a uma mesma comunidade tribal, uma vez que são partilhados os mesmos objetivos. Os indivíduos, ao se identificarem uns com os outros, formam grupos tribais.

Vejamos o processo de identificação: sentem-se idênticos por terem características semelhantes, não só a nível físico (os mesmo gostos em termos de música e moda), como também a nível psicológico (a partilha do bem-estar pelas *raves* que frequentam). Todas estas características dos grupos tribais dão uma maior ênfase à Socialidade proporcionada pelas *raves*.

Para Maffesoli, o tempo festivo (o da música aliado ao do consumo) gera uma nova vivência do tempo. Prevalece o tempo cíclico que acentua a vertente mítica sobre o tempo linear da História: *A intensidade na relação às coisas, a rapidez nesta relação, a impermanência que isto suscita, tendem a confortar uma imobilização do fluxo temporal, a aprofundar os seus efeitos, a pôr o acento na perspectiva bergsoniana, ou seja, na duração, com a sua conotação subjectiva. Mas esta subjectividade não é individual. Trata-se de uma subjectividade de massas: a da memória colectiva que exprime a partilha de emoções, que constitui o verdadeiro cimento de toda a sociedade* (Maffesoli, 1999: 35).

Maffesoli (2006) diz-nos que a “vitalidade das tribos metropolitanas”, se deve à formação de redes comunicativas, formações de microcosmos simultaneamente solidários e antagonistas, que são o vitalismo e o politeísmo popular. É neste seguimento que Maffesoli (2006) faz a distinção entre o social e a socialidade: o primeiro ponto, remete para o indivíduo e para as suas funções, para a identidade e para a gestão da vida. O segundo, aponta para a pessoa e para os seus papéis, para a identificação e para a gestão da sobrevivência. Assim sendo, encontra-se por um lado o dramático e a moral e por outro, o trágico e a ética. É esta socialidade que explica a permanência social e permite apreender o “processo de “desindividualização”, no próprio seio da sociedade massificada.

No que se refere ao tribalismo, Maffesoli (2006) encara os indivíduos na sua capacidade de agregação e de interação. É então plausível, que se analise o conjunto da sociedade à escala da seita, para se compreender o “divino” social caracterizado pelo mito, pela comunhão e pelo politeísmo. É a partir do minúsculo, do fracionamento da massa num número finito de tribos, que se opera a participação do todo. Partindo deste princípio, a ideia de seita é bastante eficaz para descrever uma sociedade organizada como uma “Rede das redes”, onde os atores sociais reencontram os seus direitos (tanto

o sigilo, como a confiança). Dessa forma, constata-se que as tribos metropolitanas conferem à sociedade um novo dinamismo, devido à aceitação e integração dos elementos heterogêneo.

A harmonia existe, portanto, na “socialidade” plural, no ordenamento orgânico das diferenças e das hierarquias, na ritualização dos conflitos e da violência; sobretudo, O processo de ritualização, dá bem conta dos momentos de festa em que se incluem o excesso, reversibilidade e os valores.

5.3 Valores

As ideias que definem o que é importante ou desejável, são imprescindíveis em todas as culturas. Estas ideias abstratas, ou seja, os valores, atribuem significado às coisas e orientam os seres humanos na sua interação com o mundo social.

As normas são as regras de comportamento onde estão incorporados os valores de uma cultura. Juntos, as normas e os valores, determinam a forma como os indivíduos inseridos em determinada cultura ou grupo se comportam

Quanto aos valores, estes são princípios, ideias de indivíduos ou grupos acerca do que é desejável, decente, bom ou mau. Estes valores podem sofrer alterações, dependendo das culturas em que vivem. *O que os indivíduos valorizam é fortemente influenciado pela cultura específica em que vivem* (Giddens, 2004: 705). Verifica-se que os valores se encontram num processo de sucessivas mudanças.

Rabot (2006: 4) fala-nos em politeísmo de valores, ou mesmo pluralidade de valores. Este autor refere-nos que já não existe um desígnio racional na estruturação da sociedade, mas uma identificação afetiva e emocional, que se manifesta nos ajuntamentos, *tais como as raves, os concertos techno, os ajuntamentos futebolísticos, as procissões dominicais aos centros comerciais*. As pessoas que vão às *raves* partilham de certos valores e possuem um lado emocional, determinantes da sua presença nas festas.

Segundo Rabot (2006: 5), o indivíduo possui diversos valores, os quais nunca são aceites de forma unânime, *os valores que dão vida ao grupo nunca são consensuais*. Daí, surge a ideia de que os públicos são heterogêneos, plurais e comuns ao mesmo tempo, pois os valores são diversos, mas, por outro lado, comuns, uma vez que o indivíduo partilha aquele lado emocional e afetivo. A vida é composta por uma sucessão de experiências e vivências diferentes, mesmo o nosso humor (disposição anímica). É esta que constitui um elemento fucral, aquele que nos faz reconhecer, que *pode haver dentro do ser, mas também entre os seres, contrários absolutamente incompatíveis, que nada poderia arbitrar ou conciliar* (Freund 1990 *apud* Rabot, 2006: 5).

Refere Rabot por fim (2006: 8) que já não existe uma ordem de palavras que ditem os valores, ou os ideais que devem ser seguidos, uma vez que estes já não são ditados pelas instituições superiores, mas por “livre serviço” do indivíduo.

5.3.1. Politeísmos dos Valores e seus contestadores

Quem forjou a expressão Politeísmo dos Valores foi Max Weber, (Rabot, 2007 *in* aula de Teorias Sociológicas II). O eminente sociólogo alemão utilizava vários conceitos como:

O Conceito de Pluralismo dos Valores significa que o mundo é composto por uma infinidade de valores e que a validade de um valor se deve à fé. Por isso, não é possível dar um fundamento objetivo aos valores. O Conceito de Antagonismo de Valores advém da necessidade de tomar decisões e fazer escolhas práticas. Por último, o conceito de Politeísmo de Valores que exprime o carácter inultrapassável do antagonismo e do pluralismo dos valores.

Este conceito é o mais importante, pois mostra que na base da escolha dos valores temos a noção de fé e de convicção.

O Politeísmo dos Valores é uma luta entre fés diferentes. Com base nesta noção, podemos destacar que Weber continua a ser um autor muito atual constituindo, assim, o arquétipo que melhor corresponde à natureza humana.

Contudo, muitos filósofos e sociólogos tentaram ultrapassar este conceito, como é o caso de:

- Boudon (1992) refere que na sociedade atual há uma perda de transcendência verificável, tanto a nível religioso como profano. Para o autor esta perda de transcendência é negativa, pois assim não há objetividade de valores;
- Paul Valadier (1998) considera que antigamente a axiologia era condicionada por uma ontologia e esta conferia uma certa objetividade aos valores. O que antigamente o homem fazia estava sempre relacionado com um ideal, portanto a ação do homem era condicionada pela transcendência; contudo essa transcendência desapareceu e o homem encontra-se sozinho. Valadier insurge-se contra esta situação de perda de transcendência e considera que devemos procurar a objetividade dos valores na lógica filosófica dos valores, relevando a primazia de um valor cardinal que é a liberdade
- John Rawls (1979) contesta o conceito de politeísmo dos valores, recorrendo a uma universalidade dos princípios da justiça. O autor procura os princípios universais da justiça e é só na base destes princípios que podemos obter um consenso na sociedade. Rawls defende a ligação intrínseca entre cooperação social e justiça social,

5.4 Públicos

Sendo do meu interesse abordar a questão dos públicos consumidores das *raves*, urge, primeiramente, abordar o conceito de público. Para melhor o entendermos, utilizar-se-á a definição de dois autores: Coelho (*apud* Rattes, 2007) e Warner (*apud* Lopes, 2006).

Contrariamente ao que se pensa, a composição de um público não é, de modo algum, universal e homogéneo. Segundo Coelho não existe um só público, porque as pessoas que constituem um determinado público possuem motivações diferenciadas, metas próprias e comportamentos específicos, sendo assim, os públicos caracterizados pela sua heterogeneidade (Coelho, *apud* Rattes, 2007: 12). Warner, por sua vez, define

sete características que podem ser constitutivas do público: *auto-organização; estabelecimento de uma relação entre estranhos; uma interpelação simultaneamente pessoal e impessoal; mobilização cognitiva; um espaço social criado pela “circulação reflexiva do discurso”, aberto à polémica e ao diálogo infinito; uma temporalidade associada à própria circulação dos discursos; uma forma de ver e fazer o mundo.* (Warner, *apud* Lopes, 2006: 81).

Ora, se o público é caracterizado pela sua heterogeneidade, passamos a ter públicos em vez de um público. Assim, a definição de um público consumidor de cultura *raver* não pode, nem deve ser considerada apenas como um aglomerado físico de pessoas. Nesse sentido, é necessário observar o contexto social em que são formados, os sistemas de interpelação estabelecidos e as práticas dos diferentes grupos sociais.

Por outro lado, com o desenvolvimento dos meios de comunicação começa-se a falar num outro tipo de público, um público consumidor da cultura, que, devido às condições apresentadas pela sociedade, sente necessidade de fazer parte de um público (Silva, 2007).

Concluimos, portanto, que não podemos falar de público no singular, mas de públicos, exatamente pela sua principal característica de heterogeneidade. Todos nós temos gostos e preferências muito divergentes, que correspondem a opções diversificadas, tomadas num determinado momento. Apesar de encontrarmos gostos idênticos, dificilmente encontramos esses gostos idênticos na mesma variável, isto é, na mesma classe social.

Fala-se muito no facto da cultura ser uma reminiscência do passado, no entanto, a cultura é dotada de mudança e é constantemente atualizada. Pode ser exposta ao público de vários formatos como, o teatro, a música, e mais recentemente a Internet que pode ser considerada um novo formato de transmissão de cultura, de tradição e do passado. Mesmo a própria forma como a instância faz a sua transmissão ao público pode ser mudada (Santos, 2007). Já que o propósito deste trabalho é a música e as *raves*, podemos referir que a música não um tem única vertente de exposição, mas um leque variado de sonoridades.

Após esta relação entre a música e o público, este último, vai interpretando a música de acordo com o seu estatuto, com a sua faixa etária, com a sua profissão, com as diferentes variáveis que vamos aqui estudar. Por exemplo, um jovem de 16 anos não vai interpretar a música de forma igual à de um adulto de 45.

Como sabemos, existem diversas formas de viver, de ser e de estar, que nos fazem tomar opções de acordo com essas diferentes formas de viver.

5.5. Os jovens e as indústrias da vida

A juventude é hoje tema de estudo e pesquisa em todos os segmentos das ciências humanas, principalmente por se tratar de um momento delicado, no qual o indivíduo sofre tensões sociais e subjetivas, ocasionadas pelas exigências de adaptação à ordem cultural e pelo enfrentamento da coexistência entre os elementos opostos de emancipação e de subordinação. Dado o caráter gregário e contestador da juventude, as mais variadas formas de agrupamentos de jovens hoje existentes, podem revelar, as contradições presentes na ordem social e económica vigente.

Entre 1968 e 1973, o efeito do milagre económico possibilitou ao jovem uma maior inserção na área do consumo de bens materiais, no lazer e diversão. Assim, a juventude tornou-se uma camada da população privilegiada pela indústria cultural.

Para Ábramo (1994), a indústria cultural aparece identificada com o processo de despolitização, com valores ufanistas dos setores dominantes e com os valores superficiais, consumistas e moralizantes da classe média.

Türcke (2010), ao deliberar sobre o fenómeno de despolitização dos jovens, menciona uma surpreendente semelhança entre os agrupamentos hoje existentes nessa camada social: uma quase generalizada mentalidade *in-group*, a superficialidade cada vez maior de seus referenciais, relacionados simplesmente com signos visuais, com marcas de identificação, desprovidos de significados simbólicos.

Assim, a luta pela identidade dos jovens assume hoje, a forma busca incessante por logótipos, indispensáveis para a venda dos objetos.

Os jovens, de uma forma não consciente, captam a imposição social de que, no nosso mundo, um logótipo é necessário para fazer a individualidade e a identidade florescerem sob a sua proteção.

Os *ravers*, possuem também a sua “marca registada global”, que os diferencia de outros agrupamentos juvenis. De maneira geral, usam roupas coloridas, adereços fluorescentes, tendem a valorizar a moda e a body-art, através das tatuagens e de *piercings*.

O crescimento do público nas festas *raves*, é o indicativo mais explícito da rapidez e voracidade com que a indústria cultural se apropriou do “impulso contestador” inicial do segmento juvenil.

5.6. Diversão é sensação

Türcke (2010) caracteriza a sociedade atual como “sociedade da sensação”. O termo sensação tem o significado original de percepção. Porém, o autor utiliza-o com dois outros sentidos: o de percepção do excepcional e o do próprio excepcional. Há uma mudança no termo “sensação”, do seu sentido banal de “percepção”, para “sensação” no sentido do excepcional, do sensacional, daquilo que está além do rotineiro, do comum.

Podemos considerar as *raves* como eventos juvenis sensacionais, de excitação maciça, face ao grande número de jovens que as procuram e à maneira como promovem o entretenimento, sobretudo na experimentação de sensações, através dos entorpecentes sintéticos, da exposição às gigantescas caixas de som eletrónico, da contemplação da decoração psicadélica repleta de estímulos visuais, etc.

Abreu (2005) ressalta essa característica das festas como um atrativo, por ser um evento que se dá em um ambiente excepcional, diferenciador do quotidiano da vida metropolitana.

Segundo Türcke (2010), na sociedade atual há uma compulsão ao excepcional. O autor faz menção à frase do filósofo Bischof Berkeley, do século XVII: *ser significa ser percebido*. Apesar de epistemologicamente falsa, essa frase torna-se cada vez mais

verdadeira para explicar a forma como se dá hoje a garantia de existência social para os indivíduos contemporâneos.

Explica que, nas sociedades modernas, as sensações se vão tornando a regra, porque a sociedade é mantida pela venda da mercadoria, e esta somente é vendida quando destacada. Desta maneira, isto invade os indivíduos, que se veem como mercadorias, com a necessidade de se destacarem.

Como o cotidiano já está saturado de sensação, é preciso, portanto, encontrar momentos cada vez mais sensacionais, situações sensacionais que superem a banalidade repetitiva.

Capítulo VI – Consumo

É preciso afirmar claramente, logo de início, que o consumo surge como modo ativo de relação (não só com os objetos mas ainda com a colectividade e o mundo), como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo o nosso sistema cultural (Baudrillard, 1995 :11)

O consumo é, sem dúvida, um conceito muito importante, visto que influencia muito a forma de estar do indivíduo em relação à sociedade. O consumo é potenciado pelas relações interpessoais.

A sociedade de consumo produz em grande escala e tem necessidade de publicitar para assim levar os indivíduos a consumir. As pessoas vivem em função daquilo que acham imprescindível, contudo esse imprescindível nem sempre são bens de primeira necessidade, muitas vezes são bens simplesmente supérfluos. Para muitos indivíduos de uma classe social alta é fundamental ter um carro de gama alta, um *BMW*, um *Mercedes* ou um *Audi*. Porém, outros indivíduos da mesma classe não ligam ao carro que têm, porque o acham supérfluo, constituindo um bem de que podem perfeitamente prescindir. Enquanto para alguns indivíduos de classes mais baixas, possuir um carro de gama alta não é essencial, para outros da mesma classe é uma afirmação social imprescindível, chegando a privarem-se de muitos bens essenciais, em vários setores, como na alimentação, vestuário e habitação só para possuírem o objeto do seu desejo.

O consumo procura satisfazer um conjunto de necessidades, todavia, hoje é necessário perceber que os produtos são substituídos cada vez mais rápido. Traços do consumo atual são a “rapidez” e “descartabilidade” porque o que importa é o que dá prazer. (Araújo, 2007:47).

Um estudo sobre os novos-ricos, realizado por Veblen, em finais do séc. XIX, nos EUA, comprova que os bens consumidos são encarados como símbolos sociais, por outras palavras, um reflexo do *status* social. O consumo na atualidade não é encarado

pelos cientistas como corrupto, nem os consumidores são vistos como vítimas de uma sociedade num mundo capitalista.

Com o aparecimento do consumo de massas, fatores como o crescimento da publicidade e dos jogos de marketing foram pontos fulcrais na criação e manipulação dos mercados no séc. XX, levando a palavra “consumidor” a ser utilizada no sentido exclusivamente económico. Assim, consumir é encarado como uma ação ativa que por vezes é celebrada como um prazer do indivíduo, e não uma necessidade. Tal como Veblen, Bourdieu diz-nos que os bens consumidos funcionam como sinais, servindo assim para classificar e exibir o prestígio e *status* do consumidor.

Na nossa sociedade existe uma ideologia igualitária do bem-estar, onde os indivíduos são influenciados por outros em relação ao tipo de felicidade que podem alcançar. Então a felicidade é encarada como um mito, visto ter de ser idêntica em todas as pessoas., como defende Baudrillard. Este autor (1995:15) defende ainda que: *perante as necessidades e o princípio de satisfação, todos os homens são iguais, porque todos eles são iguais diante do valor do uso dos objectos e dos bens*. Mas o mais importante é a diferenciação produzida pelo consumo.

Para Baudrillard haveria uma tendência para a sociedade do consumo parar de produzir mitos como as celebridades, os carros *Ferrari* ou os perfumes *Chanel*, e se tornar ela mesma o próprio mito, ou seja, o consumo, o ato em si de consumir, seria um mito que nos capturou e fez reféns de nós mesmos.

Chegámos ao ponto em que o “consumo” invade toda a vida, em que todas as atividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o “envolvimento” é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado (Baudrillard, 1995: 19).

O consumo é o pilar fundamental da nossa identidade, identidade esta que é assim moldada pela aquisição de bens, que constituem e formam o “gosto” do indivíduo. Segundo Emília Araújo, o consumo é globalizado e isso torna os estilos de vida também semelhantes. Nós somos, afinal, aquilo que consumimos pois a nossa identidade é construída na base dessa relação de consumo. Neste mundo pós-moderno, o consumo cultural é visto como alicerce da nossa identidade bem como personalidade.

A construção de identidade é um processo social e político. Segundo P.Tap, e numa perspetiva psicossocial, a identidade pessoal estrutura-se em torno de seis características: *a continuidade é o primeiro elemento da identidade. O segundo, é a representação mais ou menos estruturada, mais ou menos estável, que tenho de mim e os outros fazem de mim. (...) o terceiro aspeto, é a unicidade, ou seja, o sentimento de ser original (...). Um quarto componente é a diversidade, que corresponde ao facto de sermos várias personagens numa mesma pessoa. (...) um quinto aspeto vem do facto de sermos o que fazemos; a identidade reenvia então para a ideia de realização de si através da ação (...). A última característica da identidade está associada à necessária visão positiva de si (estima de si)* (Pereira, 2005:49).

Segundo Claude Dubar, as formas identitárias constroem-se, mas podem também ser destruídas e reconstroem-se ao longo da vida. Segundo Rémy, Voyé e Servais, *a identidade pessoal encontra o seu fundamento na interiorização de modelos coletivos. A afirmação parece paradoxal a todo aquele que vê o coletivo como a soma de indivíduos autónomos, visão que surge como derivado psíquico ao qual dá conotações concretas, mas secundárias. Tudo é diferente se a identidade pessoal é vista como constituída a partir de um regime de trocas cujas não são somente constrangimentos que limitam a criatividade, mas são ao contrario fatores criativos de um campo de possibilidades: o indivíduo só existe como tal no interior destas regras de troca, a sua identidade está ligada à sua capacidade de se situar no interior deste quadro; é a partir daí que pode construir uma imagem de si.* (apud Pereira, 2005:49). Segundo P. Champagne *a identidade social, aquela que se declina para os outros e para si mesmo, é uma das formas que toma a necessidade, social também ela, de ser reconhecido e de se justificar de se ser como é. Ela exprime um estado das estruturas sociais ao mesmo tempo que contribui para as manter* (apud Pereira, 2005:49).

Autores como Baudrillard recusam a ideia de encarar o consumo como uma questão de uso, necessidade ou utilidade, assim como rejeitam a teoria que o consumidor é manipulado pela publicidade nestas sociedades capitalistas. Baudrillard afirma que o indivíduo se torna naquilo que consome.

Cada vez se torna mais difícil “rotular” a identidade de um indivíduo, pois com as pesquisas centradas no consumo e estilo de vida dos jovens, esta não pode ser definida pelo simples facto de o indivíduo comprar certos bens, que embora tenham um significado, um valor simbólico, ou determinem um *status*, possuem também um valor material.

Todas estas características condicionam o consumo, mais concretamente as escolhas dos consumidores, pois no acto do consumo este valor simbólico exterior ao produto, por si só, é muitas das vezes determinante para fazer a diferença junto dos compradores. Ao ter em conta características externas do produto, os indivíduos interpretam o seu consumo como um meio de afirmar a sua posição social, na sociedade onde está inserido. No seguimento desta ideia, podemos constatar que cada classe social tem práticas de consumo comuns, que as diferenciam de outras classes sociais.

6.1.Os consumos na Modernidade

O significado que o indivíduo atribui à substância encontra-se associado a todos os elementos que, de forma mais ou menos consciente, lhe permitem constituir a sua identidade social. Por outro lado, esses tipos de consumo encontram-se, muitas vezes, imersos em desejos de pertença a grupos específicos de consumidores baseados em crenças, valores, expectativas associadas ao consumo e efeitos das substâncias, em síntese, baseados em estilos de vida.

O forte dinamismo que caracteriza o mundo moderno é visível no ritmo da mudança social, mas também na profundidade com que afeta as práticas sociais e os modos de comportamento pré-existentes (Giddens, 1994).

As práticas associadas aos consumos de substâncias psicoativas conhecem hoje formas e usos que as distinguem das anteriores: massificaram-se, banalizaram-se, acentuou-se e generalizou-se e são essencialmente protagonizadas por jovens.

Situamo-nos, nos envolvimento da modernidade, designadamente naquilo que Giddens refere como os “ambientes de risco” e os “estilos de vida”.

A noção de risco torna-se central, o que significa que as escolhas de estilos de vida acentuam as diferenças entre os riscos voluntariamente corridos e os que decorrem dos constrangimentos da vida social.

Entende-se aqui estilo de vida *como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (idem: 73).*

Desta forma, os estilos de vida traduzem-se em práticas rotineiras, que se incorporam em hábitos de vestir, práticas alimentares, modos de agir, espaços. Existe, pois, uma pluralidade de escolhas de estilos de vida. Mas Giddens fala ainda de *sectores de estilo de vida*, para designar uma parte do espaço-tempo total das atividades de um indivíduo.

Bourdieu (1979) considera que as variações de estilos de vida entre grupos são traços estruturantes elementares de estratificação, ou seja, o planeamento de vida e as escolhas de estilo de vida constituem cenários que ajudam os agentes a dar forma às suas ações.

Nesta linha, as práticas de consumo das novas drogas parecem corresponder a opções de estilos de vida.

Assim, iniciar um consumo, conhecendo os riscos para a saúde, pode demonstrar uma certa audácia que o indivíduo considera psicologicamente compensadora.

A emoção das atividades de risco, que Giddens designa por “risco cultivado”, envolve várias atitudes discerníveis: exposição voluntária ao perigo, consciência dessa exposição e expectativa mais ou menos consciente de o ultrapassar.

6.2.–Globalização

A modernidade é inertemente globalizante (Giddens,1995:51)

Em Portugal verifica-se cada vez mais um vasto leque de drogas sintéticas que são apreendidas às toneladas anualmente. Sabendo que estas novas drogas não foram inventadas ou criadas em território nacional, não poderíamos deixar de falar do fenómeno da globalização

O termo globalização é bastante complexo e abrangente pois debruça-se sobre variadas áreas de pesquisa nomeadamente sobre vertente económica, social, cultural e política.

Estão sempre dizendo que o mundo está encolhendo e que a nova tecnologia está tornado os habitantes do planeta Terra mais próximos que nunca, quer eles gostem disso ou não (Sklair, 1995:57).

Se não existisse uma constante troca de informação no mundo, se não houvesse contatos nem relações sociais entre indivíduos além-fronteiras nem facilidade nos transportes de mercadorias, muito provavelmente não existiria grande parte da droga que circula em Portugal.

Boaventura de Sousa Santos afirma: (...) *aquilo que habitualmente designamos por globalização são, de facto, conjuntos diferenciados de relações sociais; diferentes conjuntos de relações sociais dão origem a diferentes fenómenos de globalização. Nestes termos, não existe estritamente uma entidade única chamada globalização; existem, em vez disso, globalizações. Em rigor, este termo só deveria ser usado no plural. Enquanto feixes de relações sociais, as globalizações envolvem conflitos e, por isso, vencedores e vencidos. Daí, a definição de globalização por mim proposta: a globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival* (2006: 405).

Este autor distingue ainda quatro formas de globalização, que são: o localismo globalizado, o globalismo localizado, o cosmopolitismo insurgente e subalterno e

património comum da humanidade. O primeiro consiste no fenómeno através do qual determinada entidade ou condição é globalizado com sucesso, como por exemplo a transformação da língua Inglesa em língua franca, ou a expansão do *fast food*.

O segundo é o impacto específico nas condições locais das práticas e imperativos transnacionais, isto é, com a imposição das normas transnacionais, as condições locais são desintegradas e marginalizadas, como é o caso da eliminação do comércio tradicional pelas grandes superfícies comerciais. Estas duas formas de globalização operam em conjunto e constituem um modo de produção de globalização, a globalização hegemónica, também denominada de neo-liberal.

As restantes formas de produção são as resistências, que em si constituem o segundo modo de produção, a globalização contra-hegemónica. Estas são o cosmopolitismo insurgente e subalterno que pode ser entendido como a resistência transnacionalmente organizada contra os localismos globalizados e os globalismos localizados. Trata-se de um conjunto vasto e heterogéneo de iniciativas, movimentos e organizações que partilham da luta contra a exclusão, a discriminação social e a destruição ambiental produzidas para a globalização neoliberal, recorrendo a articulações transnacionais tornadas possíveis pelas revoluções das tecnologias da informação e da comunicação. O último, mas não menos importante é o que o autor designa de património comum da humanidade, que engloba os valores ou recursos que apenas fazem sentido enquanto reportados ao globo na sua totalidade, nomeadamente temas ambientais da proteção da camada de ozono ou da diversidade (2006 :405-407).

A rapidez da mudança, nas condições da modernidade é extrema. Se esta rapidez é talvez mais evidente no que diz respeito à tecnologia, abrange, todavia, todas as outras esferas (Giddens, 1995:5).

A globalização é um processo económico e social, que inter-relaciona pessoas e países de todo o mundo. Através desta, pessoas, governos e empresas trocam ideias, espalhando as culturas por todo o globo. Este processo é visto como uma terceira revolução tecnológica pois, como foi dito anteriormente existe difusão e transmissão de informação. Segundo McLuhan (1977), as tecnologias *desempenham um papel determinante na evolução das civilizações*, estabelecendo um paralelismo entre as mais

significativas transformações da sociedade, nomeadamente na evolução histórica e no desenvolvimento das técnicas de difusão, possibilitando a relação entre todos países do mundo, o que originou a visão da Terra como uma grande “Aldeia Global”.

Na verdade, com os avanços da tecnologia são bem visíveis as transformações operadas a nível económico, político, social e cultural.

A globalização não é um processo de supressão das diferenças – segmentação, hierarquização – mas sim de reprodução, reestruturação e sobredeterminação dessas mesmas diferenças. É um processo dúplice de simultânea revelação/anulação de diferenças, diferenciação/homogeneização e democratização/hegemonização cultural (Melo, 2002:39).

Como o professor Rodrigues Carvalho afirma, há uns bons anos quem dominasse os meios de comunicação e a tecnologia, iria ter em seu poder uma bomba superior à bomba atómica e auferiria de um saber idêntico ao da realidade, pois atualmente quem domina os *media* comanda e influencia as necessidades e tendências do mundo inteiro.

Pedra de toque do processo de globalização cultural é a extensão planetária dos meios de comunicação social de massas, os mass media, com a correspondente transformação de tudo em informação imediata e universalmente disponível (...) que são expostos em simultâneo grupos cada vez mais vasto em pessoas (Melo, 2002:36)

Muitos historiadores afirmam que a globalização teve início no século XV e XVI com as descobertas marítimas.

Contudo, Giddens (1999) defende que se alguém quisesse fixar o ponto de origem específico da globalização, ele seria a primeira transmissão de rádio via satélite. Desse momento em diante, a comunicação eletrónica instantânea por todo o globo não é só possível, mas quase que imediatamente começa a entrar na vida de milhões de pessoas.

6.2.1- Teorizações da globalização: os seus seguidores e contestadores

David Held e os seus colaboradores (1999) analisaram e formularam as suas opiniões em três escolas de pensamento: *céticos*, *hiperglobalizadores* e *transformacionistas*.

Os “céticos” da globalização defendem que se exagera a ideia de globalização e que o debate em torno da globalização não passa de muita conversa sobre algo que não é novidade nenhuma. Os “céticos” reconhecem que há provavelmente mais contacto entre países hoje em dia, mas a sua perspetiva é a de que a atual economia mundial não está suficientemente integrada para se poder falar numa economia verdadeiramente globalizada, dado que o essencial do comércio tem lugar no interior de três grupos regionais – Europa, Ásia-Pacífico e América do Norte (Held, 1999: 50-60 *apud* Giddens, 2001).

Os “hiperglobalizadores” adotam uma posição oposta à dos “céticos”. Estes defendem que a globalização é um fenómeno bem real, cujas consequências se podem sentir praticamente em todo lado. A globalização é vista como um processo indiferente às fronteiras nacionais. Está a produzir uma nova ordem global, que deriva de poderosos fluxos de comércio e de produção que atravessam fronteiras. (...) Argumenta-se que os países deixaram de controlar as suas economias, graças ao amplo crescimento do comércio mundial. Alegam que os governos nacionais e os políticos que os compõem detêm cada vez menos controlo sobre questões que atravessam as fronteiras nacionais – tais como os voláteis mercados financeiros ou as ameaças ambientais. (...) Para os hiperglobalizadores, estas mudanças assinalam, no seu conjunto, o amanhecer de uma «era global» (Albrow, 1996) marcada pelo declínio em importância e influência dos governos nacionais (Giddens, 2001).

Poderemos constatar que a globalização foi fator determinante para o aparecimento das drogas sintéticas, não só pela inserção dos mesmos no nosso país mas também pela adaptação de grande parte dos indivíduos a determinadas modas de locais situados a milhares de quilómetros, de entre essas modas, a música alternativa, razão predominantemente apontada pelos indivíduos para o consumo destas novas drogas psicoativas.

O mundo passou a ser um lugar uno, onde tudo e todos se encontravam ligados, as culturas espalham-se por todo o globo tornando-se multiculturais, não excluindo, contudo, áreas específicas de encontro e consumo, os chamados ambientes de consumo.

6.3.- Ambientes de consumo

A prática de sair à noite constitui, um ato coletivo, partilhado por grupos de referência [Pais (org.), 1999]. Neste sentido, os locais de encontro, convívio e sociabilidade são importantes na definição e caracterização dos novos consumos.

Estes espaços recreativos constituem-se como espaços de socialização, pois favorecem a inter-relação entre os atores. Quando os jovens se reúnem para sair à noite, escolhem os locais que mais se adaptam às suas expectativas estéticas e hábitos.

No âmbito desta pesquisa, os espaços recreativos de interesse, são sobretudo os bares, as discotecas e as festas, uma vez que são espaços com forte presença da música e da dança.

As *raves* constituem um exemplo mais alargado destes espaços, considerando-as eventos que podem ser organizados numa determinada discoteca, mas que também podem ocorrer noutro espaço criado para o efeito, como tendas, pavilhões ou castelos.

6.4. Status do Consumidor

Na ótica da sociologia, o estatuto é tido como a posição que o indivíduo ocupa numa das dimensões do sistema social, como a profissão, o nível de instrução, o sexo ou até mesmo a idade. É por isso impossível estudar a cidadania ou a identidade social sem observar a norma estatutária. Ao longo da vida, mudamos de estatuto por prémio ou castigo, distinguindo-nos também pelas modalidades de consumo, pela posição económica, pelo que os *media* dizem ou não de nós (Sociologia, *Dicionário Temático Larousse*, 2002).

A maneira mais acessível de compreender o *status* que nos é constantemente apresentado é falar sobre ele abertamente. A nossa dignidade depende maioritariamente da consideração que os outros têm de nós. Igualmente, a angústia resulta dos diferentes exames, promoções, prémios que definem a imagem que os outros tecem sobre nós mesmos. Vivemos portanto na corda bamba do risco das humilhações e do desfavorável juízo alheio. É importante perceber que o *status* tem a vantagem do *stress* que nos incita a encorajar a excelência e a falarmos francamente connosco sobre o que queremos, sobre a nossa azáfama e a condição dos nossos sonhos (Santos, 2006:27).

Os indivíduos idealizam uma posição social, inserem-se num quadro afetivo e não são indiferentes à opinião dos outros quanto à sua indumentária e aos símbolos que passam pelo seu estilo de vida, pelo seu conforto ou pela sua mobilidade. É nestes pontos que é assente a servidão ou a grandeza.

Seja de que maneira for, o *status* tem conotações morais, como se pode ver no comportamento dos multimilionários norte-americanos que legam as suas fortunas a fundações, exigindo aos seus herdeiros que disputem a sorte e o risco por conta própria. O nosso nível social depende do sucesso individual. O talento, as qualidades, a coragem são determinantes para o que os outros pensam de nós. Em termos morais e culturais, o nosso *status* conforma-se ao conceito de honra, ao que pensamos da arte e cultura, daí os intelectuais projectarem os ideais do *status* moderno na pintura, na decoração, na comunicação verbal e na própria música (Santos, 2006:28).

Num primeiro momento, as classes populares e os *media* assimilavam as drogas de luxo inacessíveis que, destinados apenas à elite social, não faziam parte do seu mundo real. Sucedeu-se então uma ruptura face a esta forma de cultura: a aceitação do destino social deu lugar ao “direito” ao luxo, ao supérfluo, às drogas de alta qualidade e pureza. A democratização do conforto, a consagração social dos referenciais do prazer minou a tradicional oposição entre “gostos de necessidade” próprios das classes operárias e “gostos de luxo” característicos das classes abastadas, bem como a moral da resignação e da austeridade (Lipovetsky, 2007: 41). Na sociedade do hiperconsumo, cada um tende a aspirar àquilo que há de melhor, a contemplar os produtos e as marcas de qualidade. Uma vez que os modos de socialização em Lipovetsky (2007: 42), já não encerram os indivíduos em universos estanques, toda a gente considera ter direito à

excelência e ambiciona usufruir o melhor e nas melhores condições. Devido a isso, cada vez mais, os produtos ditos de qualidade como a cocaína e ópio são privilegiados em detrimento da quantidade e dos “produtos de necessidade” como por exemplo drogas como a heroína, *crack*, haxixe, entre muitos outros.

A valorização da qualidade, não produz qualquer atitude sistemática, mesmo no seio das camadas superiores. A obrigação de despender dinheiro com objetivos de representação social perdeu o seu antigo vigor: compram-se drogas caras já não devido a uma pressão social, mas em função dos momentos e dos desejos, do prazer que daí retiramos, não tanto para exibir riqueza ou posição como para desfrutar de uma relação qualitativa com as coisas e os serviços (Lipovetsky, 2007: 42).

O *status* também está presente nas *raves* não de uma forma extremamente vincada, porém presente. Algumas festas são inacessíveis à maioria dos indivíduos que frequentam as *raves*, essas são destinadas a uma elite, que não têm qualquer problema em despender grandes quantidades de dinheiro em drogas e em festas mais dispendiosas. Porém, estes não são interditos aos restantes indivíduos, todos lhe podem aceder, ainda que acima da sua capacidade económica, o que à partida delimita o tipo de consumidores.

Capítulo VII - O imaginário das drogas nas *raves*

O primeiro ponto comum a destacar na literatura relacionada com as *raves*, independentemente da qualidade e do conteúdo, é a existência de uma cultura de caráter global.

Mesmo sendo uma expressão cultural relativamente recente, há escritos sobre as *raves* em vários campos de atuação, por exemplo na antropologia, sociologia, museologia etc.

Guy Menard e François Gauthier (2001) enfatizaram o caráter recente da *rave* no meio urbano do mundo ocidental como os fenômenos de “efervescência” entre as gerações jovens, sendo que a essência transgressiva das *raves*, relativas ao comportamento transgressor de valores e normas culturalmente estabelecidas, seria o que possibilitaria a identificação de uma “potencialidade eminentemente religiosa” isto é pelo uso de drogas, pela ilegalidade das festas.

François Gauthier, no seu artigo “La Rave, une pensée de la nuit” (2001) destaca alguns aspetos da *rave* que a caracterizam como um novo modelo de religiosidade devido aos seu caráter transgressor, aos aspetos rituais da *rave* e a suposta inversão.

Para Gaillot (2001) a *rave* representa a inversão do individualismo em função da comunhão intensa e íntima. A aparição da *rave* testemunha a necessidade do ocidente abrir um espaço para o sagrado, sem estar em conflito com a técnica (Gaillot, 2001)

Uma das autoras que se debruçou sobre este tema foi, Martine Xiberras. Esta autora preocupa-se primordialmente com os flagelos sociais contemporâneos, sendo uma das autoras atuais mais importantes neste domínio.

No seu livro, intitulado, *A sociedade Intoxicada* (1989) a autora considera que o consumo de droga é transmissível de um ator social para o outro, obedecendo a condições e a rituais de passagem muito precisos, do mesmo modo, também a transmissibilidade cultural parece assentar numa lógica própria.

Martine Xiberras compreende que a ritualização de algumas práticas contemporâneas contidas em grupos, festas e no consumo de drogas leves procuram

aceitar a ideia de que as relações sociais se fundem num desejo imanente ao próprio indivíduo, servindo como alegorias de união (Xiberras,1989:194).

A antropóloga sustenta que alguns grupos contemporâneos têm uma espécie de enfermidade social que contamina os movimentos vanguardistas. Ainda que não se afirmem como um discurso consistente, não é por isso que estes grupos, deixam de propor uma conceção de conexão social que realizam no próprio ato das práticas coletivas.

Por mais submersas que possam parecer, essas coletividades desenvolvem-se em várias zonas das nossas sociedades, podendo ser descritas como o retorno de um instinto comunitário que poderá servir de exemplo a uma comunidade coesa e, ao mesmo tempo, plural (*idem.*:197).

Martine Xiberras refere a existência de uma ética da estética que representa uma forma de moral que permite aos indivíduos participarem tanto no todo social como em múltiplos grupos de atração, pois a solidariedade orgânica da pós-modernidade detém, como principais características, o facto dos indivíduos poderem pertencer a diferentes grupos, apreendendo a ideia de um todo social, assim como o facto de se organizarem em constelação possibilita a visão de uma certa coabitação (*idem.*:224).

A vida social encontra-se dividida entre o espaço e o tempo formais dedicados ao trabalho, ao estudo, à família, e o espaço e tempo dedicados aos amigos, ao grupo a que se pertence e à procura de atividades recreativas. Para muitos jovens, a diversão e as drogas são os principais motivos para apreciarem atividades associadas com a música e a dança.

Monneyron e Xiberras insistem na procura do êxtase a que conduz o consumo de drogas. Há uma relação entre os estados interiores provocados pela ingestão de drogas e a experiência mística. A mística traduz um movimento de saída de si e uma fusão do Eu numa entidade mais vasta. Suscita sentimentos de plenitude e une os iniciados de uma nova forma de vida e de religiosidade: *sensação de estar plenamente vivo, totalmente livre, sensação de sentir e de experimentar a pertença universal, ou de se compreender como elemento no meio dos elementos* (Monneyron; Xiberras, 2008: 34).

. A situação, que se vive em muitos países europeus relativamente às *raves* e ao consumo de drogas, está a preocupar a União Europeia que, numa conferência realizada em Fevereiro de 2001, alertou para o perigo da mistura de substâncias psicoativas.

Em Portugal, as autoridades também estão em alerta com estes eventos que se multiplicam de Norte a Sul.

Um estudo da Organização Mundial de Saúde, sobre comportamentos de risco entre os jovens portugueses, dos 11 aos 16 anos, revela um aumento do consumo de todos os estupfacientes entre 2006 e 2010: 1,8% para 2% no LSD, 1,6% para 1,9% na cocaína e 1,6% para 1,8% no ecstasy.

Na maioria das festas, é de notar que os menores não têm qualquer dificuldade em entrar, pois a segurança é quase nula o que propicia um aumento exponencial do consumo de drogas psicoativas numa camada cada vez mais jovem da população portuguesa.

Capítulo VIII - Metodologia

Os métodos e as técnicas ligam-se indissociavelmente, com a finalidade de conhecer a realidade social, objetivo primordial das ciências sociais.

Métodos e técnicas enquadram o plano de investigação, em relação com a teoria, encaminhando a trajetória global da pesquisa.

Frequentemente o termo *método* confunde-se com o termo *metodologia*. Assim sendo, é relevante efetuar uma breve distinção entre ambos. A metodologia está associada à ciência que estuda os métodos científicos e as técnicas de investigação. Método no singular não tem o mesmo significado do que o termo métodos no plural.

Assim convém, antes de mais, efetuar uma breve distinção entre a noção de método e métodos: o método, no singular, aglomera o conjunto de estratégias e de operações mentais mediante as quais uma disciplina usufrui, demonstra e verifica o conhecimento que a distingue. Assim, o termo método traduz-se por um corpo de regras e procedimentos independentes das investigações e dos objetos concretos. No plural, os métodos referem-se ao modo de encarar e organizar investigações concretas, de abordar, explicar ou interpretar um dado domínio da realidade. Para Grawitz (1976:333), *num sentido restrito para evidenciar um significado comum a todos estes métodos, dir-se-ia que se pode entender a maioria como um conjunto articulado de operações que visam um ou vários objetivos, como um corpo de princípios que presidem a qualquer investigação organizada, como um conjunto de normas que nos permite seleccionar e coordenar as técnicas. Eles constituem de maneira mais ou menos abstrata ou concreta, precisa ou vaga, um plano de trabalho em função de um objetivo.*

O método consiste então, num conjunto de operações que tem como finalidade a obtenção de determinados objetivos, num plano orientador de trabalho. Comparativamente com a metodologia o carácter do método é mais preciso.

É relevante também clarificar que os métodos diferem das técnicas, estes não são idênticos. Segundo José Madureira Pinto e João F. Almeida (1980:78) *as técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados*

a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa.

As técnicas são solicitadas pelos métodos, são ferramentas que o investigador utiliza no processo de investigação.

Imprescindível para uma investigação é o domínio das técnicas, ou seja, conhecer o seu funcionamento, as suas potencialidades e limites, ser capaz de retirar o melhor proveito da técnica e otimizar o seu entrosamento com outras técnicas.

Considerando o exposto, para a realização deste estudo, utilizei a metodologia qualitativa, que segundo Haguette (1995) fornece princípios ao pesquisador para uma compreensão profunda de certos fenómenos, apoiados no pressuposto da maior relevância ao aspeto subjetivo da ação social. Enquanto a metodologia quantitativa supõe uma observação de objetos comparáveis entre si, os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenómeno em termos das origens e de sua razão de ser.

Relativamente à técnica a utilizar, optei pela entrevista semiestruturada.

Segundo Queiróz (1991), uma entrevista supõe uma conversa continuada entre informante e pesquisador, sendo o tema ou acontecimento escolhido por este último por ser conveniente ao seu trabalho. Ao contrário do que acontece no inquérito por questionário, na entrevista a presença do entrevistador permite esclarecimento de dúvidas.

A entrevista semiestruturada permite estabelecer um roteiro de questões, mas tendo a possibilidade de inserção de novos questionamentos, conforme a evolução do discurso do entrevistado, obtendo uma focalização no assunto que se pretende salientar.

Uma das vantagens da entrevista semiestruturada é o facto de não ser tão rígida como uma entrevista focal, possuindo um guião que é adaptável e que não segue um modelo rígido, permitindo aprofundar as questões e uma recolha de dados mais alargada.

Assim sendo, o guião de entrevista semiestruturada tem como finalidade:

- Possuir a recolha de dados qualitativos comparáveis de confiança;
- Permitir compreender de forma mais profunda, tópicos de interesse.

A análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns nas investigações empíricas dos dias de hoje, quer na Sociologia, quer nas restantes ciências sociais.

Ao longo das décadas, a definição de análise de conteúdo tem vindo a sofrer várias definições e contribuições dos mais diversos cientistas sociais, para assim tornar esta técnica de investigação mais concreta e objetiva. Berelson diz-nos que a análise de conteúdo permite *a descrição objetiva, sistemática e quantitativo do conteúdo manifesto da comunicação* (apud Silva e Pinto, 1986:103).

Já Krippendorff define a análise de conteúdo como *uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto* (apud Silva e Pinto, 1986:103).

O principal objetivo da análise de conteúdo consiste em tirar ilações, tendo como base uma determinada lógica explanada sobre as várias mensagens que foram catalogadas e organizadas. Para a realização e produção de uma boa análise de conteúdo é necessário que *os dados de que dispõe o analista encontram-se já dissociados da fonte e das condições gerais que foram produzidos; o analista coloca os dados num novo contexto que constrói com base nos objetivos e no objeto de pesquisa; para proceder a inferências a partir dos dados, o analista recorre a um sistema de conceitos analíticos cuja articulação permite formular regras da inferência. Ou seja, o material sujeito à análise de conteúdo é concebido como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferência sobre uma ou várias dessas condições de produção* (apud Silva e Pinto, 1986:104). Este processo expõe a desconstrução de um determinado discurso e a reconstrução deste mesmo através de *um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise* (apud Silva e Pinto, 1986:104).

Em relação às entrevistas que constam neste trabalho, como referi anteriormente, estas foram realizadas a atores sociais com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos, tanto do sexo feminino como do masculino. Com o fim de obter dados mais fidedignos e também comparativos, realizei algumas destas entrevistas em locais de ambientes festivos noturnos, tendo sido também obtidos dados, através de entrevistas efetuadas noutros locais.

8.1. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns nas investigações empíricas dos dias de hoje, quer na Sociologia, quer nas restantes ciências sociais.

Ao longo das décadas, a definição de análise de conteúdo tem vindo a sofrer várias definições e contribuições dos mais diversos cientistas sociais, para assim tornar esta técnica de investigação mais concreta e objetiva. Berelson diz-nos que a análise de conteúdo permite *a descrição objetiva, sistemática e quantitativo do conteúdo manifesto da comunicação* (Silva e Pinto, 1986:103).

Já Krippendorff define a análise de conteúdo como *uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto* (apud Silva e Pinto, 1986:103).

O principal objetivo da análise de conteúdo consiste em tirar ilações, tendo como base uma determinada lógica explanada sobre as várias mensagens que foram catalogadas e organizadas. Para a realização e produção de uma boa análise de conteúdo é necessário que *os dados de que dispõe o analista encontram-se já dissociados da fonte e das condições gerais que foram produzidos; o analista coloca os dados num novo contexto que constrói com base nos objetivos e no objeto de pesquisa; para proceder a inferências a partir dos dados, o analista recorre a um sistema de conceitos analíticos cuja articulação permite formular regras da inferência. Ou seja, o material sujeito à análise de conteúdo é concebido como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferência sobre uma ou várias dessas condições de produção* (apud Silva e Pinto,

1986:104). Este processo expõe a desconstrução de um determinado discurso e a reconstrução deste mesmo através de *um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise* (apud Silva e Pinto, 1986:104).

8.2. Hipótese de trabalho

Toda a investigação deve apresentar, desde o início, uma hipótese de trabalho. Esta permite orientar o trabalho, facilitando a seleção e organização dos dados.

Segundo Giddens, *uma hipótese é uma suposição acerca da relação entre os fenómenos em que o investigador está interessado* (2004:644).

Formular uma hipótese não é tarefa simples, existem dois problemas principais na redação de uma hipótese de trabalho:

- O desconhecimento ou até a inexistência de um quadro teórico de referência do objeto que se pretende estudar. Assim o investigador deve informar-se tanto quanto possível do plano teórico. Uma hipótese tem que estar relacionada com a teoria, sem referência teórica, o trabalho de formulação de hipóteses será dificultado e a hipótese fica empobrecida;
- A não utilização adequada das técnicas de formulação. Uma hipótese bem formulada tem que ter as seguintes características: os conceitos devem estar claramente definidos; tem que ser geral; deve ter referência empírica, para que não seja confundida com um juízo de valor; deve ser refutável e comprovável; tem que estar relacionada com a teoria; deve ter em conta as técnicas disponíveis para a sua operacionalização (Quivy e Campenhout, 1992).

Visto isto, a minha hipótese central de trabalho é a seguinte:

- **H0.1: A participação em *raves* incentiva os indivíduos ao consumo de drogas.**
- **H0.2: O consumo de determinadas drogas varia conforme o tipo de *rave*.**
- **H0.3: As *raves* e o consumo de drogas favorecem os relacionamentos sociais.**

No decorrer da investigação, afirmo a validade, aceitando ou refutando esta hipótese, relacionando com a teoria e os dados recolhidos nas entrevistas.

Capítulo IX - Apresentação da Análise de Dados

Uma vez que foram efetuadas entrevistas com o objetivo de tentar compreender os comportamentos e os consumos dos *ravers*, as questões e respostas são bastante profundas e exaustivas. Note-se, também, que optei por manter, em muitos casos, dados hierarquicamente organizados por relevância.

Assim, para proceder à análise dos dados, ou seja, para ir de encontro com o que é pertinente para meu estudo, elaborei tabelas tendentes a reunir a informação mais importante e mais concisa, com a finalidade de facilitar a leitura e análise dos dados.

Tabela 2- Classe Social instrução e formação

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“Sou licenciado e estou a fazer o mestrado.”
<u>Sujeito B</u>	“Andei até ao 11º ano (...) e fui trabalhar para uma fábrica.”
<u>Pedro Pereira</u>	“Estou a terminar a licenciatura (...) em turismo.”
<u>B. Alves</u>	“(...) tenho o 12º ano formado na programação de CNC nível 4.”
<u>“Sucata”</u>	“Tenho o 9º ano de escolaridade e um curso profissional na área de mecânica.”
<u>Alberto Sousa</u>	“Estou a tirar o mestrado de arqueologia”
<u>Patrícia Magalhães</u>	“Tenho o 12º ano.”

Tabela 3 - Identificação dos estilos de vida, perspetiva do que é uma *rave*

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“Uma <i>rave</i> é festa de música eletrónica, onde predomina a música e o ambiente envolvente (...)”
<u>Pedro Pereira</u>	“(...)é uma festa onde as pessoas se juntam pelas diversas razões, tais como música e convívio com os amigos.”
<u>B. Alves</u>	“ (...)é um espírito totalmente diferente daquilo que possas imaginar no dia-a-dia do quotidiano...sei lá... um à vontade que só se encontra lá... é um espírito que quando vais com um grupo de amigos, aqueles que acompanham para fazer tudo(...)”
<u>“Sucata”</u>	“Uma <i>rave</i> são festas que são ao ar livre, mas também costumam fazer indoor.”
<u>Berto</u>	“ (...)é uma festa de música...de vários tipos, <i>techno</i> , <i>house</i> , festa de música eletrónica.”
<u>Alberto Sousa</u>	“Encontros de música eletrónica, normalmente frequentadas pela juventude de várias idades.”

Tabela 4 - Identificação dos estilos de vida, principal motivo das idas às raves

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“Essencialmente vou pela música, acompanhado sempre de amigos.”
<u>Sujeito B</u>	“ (...) vou com os meus amigos (...)também claro que é pela música.”
<u>Sujeito C</u>	“Vou essencialmente com e pelos amigos.”
<u>Pedro Pereira</u>	“ (...)boa música, bom ambiente com os amigos e com alguma droga à mistura.”
<u>B.Alves</u>	“ (...)principalmente pelos meus amigos, claro, principalmente pelos amigos se não fosse com eles não ia.”
<u>“Sucata”</u>	“De certo modo pelos <i>Dj</i> 's que vão lá atuar.”
<u>“Pistolas”</u>	“Mais pelos amigos e pelas experiências.”

Tabela 5 - Identificação de gostos e preferências por estilos musicais

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“ (...) Inicialmente, comecei por festas de <i>house</i> e <i>techno</i> mas como agora já não existem tantas festas <i>techno</i> , frequento mais as de <i>drum and bass</i> .”
<u>“Cabeças”</u>	“ <i>Techno</i> . Para mim é só <i>techno</i> para a cabeça e quanto mais pesado for melhor.”
<u>Berto</u>	“Principalmente as festas de <i>techno</i> .”
<u>“Pistolas”</u>	“ <i>Drum n bass</i> e o <i>trance</i> .”
<u>Alberto Sousa</u>	“O <i>trance</i> (...) é o estilo de música que mais gosto.”
<u>“Sucata”</u>	“ (...) na parte indoor gosto mais do <i>drum</i> e na parte outdoor mais o <i>trance</i> .”
<u>Patrícia Magalhães</u>	“Eu vou mais às festas de <i>techno</i> ... mas também vou muitas vezes às festas de <i>trance</i> .”

Tabela 6 - Sentimento de pertença e identificação com as raves

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“O ambiente do <i>trance</i> encaro-o como os novos <i>hippies</i> , são possivelmente o grupo mais coeso e unido que pode existir nas <i>raves</i> (...) No <i>techno</i> o ambiente, principalmente aqui em Portugal costuma ter uma conotação mais “pesada” (...) no <i>drum and bass</i> posso afirmar que é um ambiente mais urbano e mais harmonioso (...) Identifico-me com os três (...)”
<u>“Sucata”</u>	“Sim, sim, sinto-me bem, não quer dizer que o quotidiano me identifique como frequentador desse tipo de festas, sinto-me bem dentro da festa sim.”
<u>Sujeito C</u>	“O <i>trance</i> e o <i>techno</i> são ambientes demasiados pesados (...) não me enquadro.”
<u>Pedro Pereira</u>	“Gosto do ambiente, quem vai a essas festas estão lá pelo gosto da música e essencialmente para se divertir(...) Já não me identifico muito (...) Porque o gosto musical já não é o mesmo (...)e os ambientes tornaram-se por vezes estranhos.”
<u>B.Alves</u>	“Sentir-me bem sinto, mas não me sinto totalmente enquadrado com a maior parte do pessoal que lá está.”

Tabela 7 - Motivos de consumo do primeiro estupfaciente

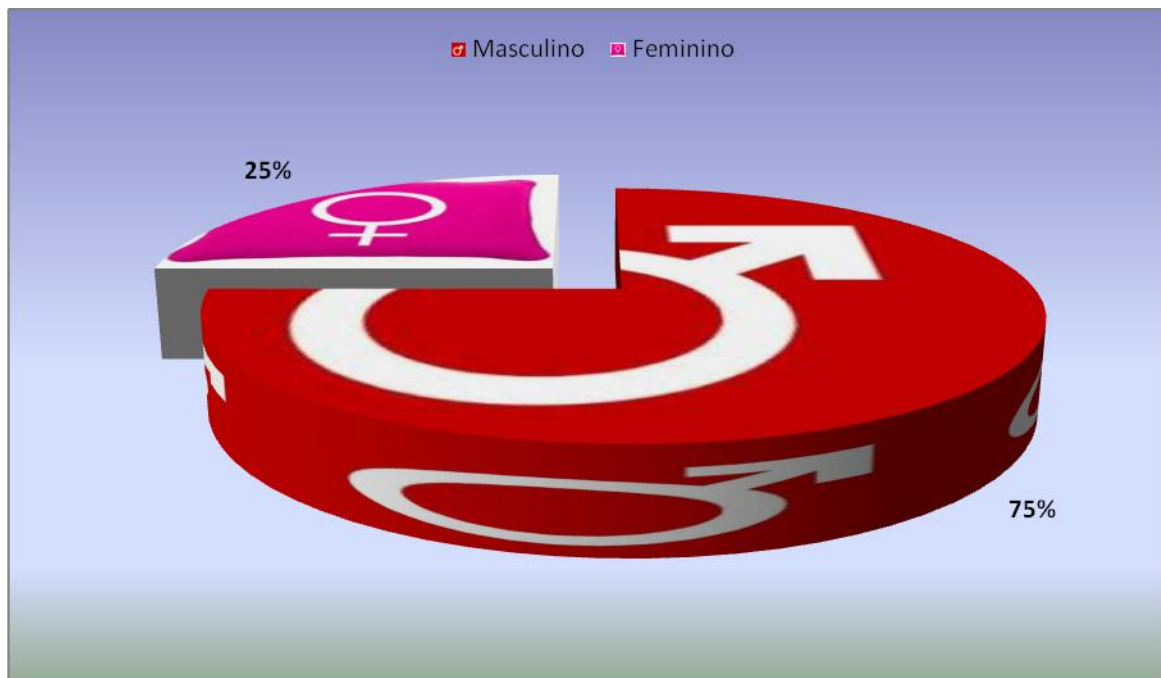
<u>Indivíduo</u>	Testemunhos
<u>Sujeito A</u>	“Foi o haxixe (...) experimentei porque quis e porque assim o pedi.”
<u>Sujeito B</u>	“Foi ganza (...) Porque disseram que me fazia rir (...)”
<u>Sujeito C</u>	“Tinha 18 anos na minha festa de aniversário, ofereceram-me um “charro” de erva como presente”
<u>Alberto Sousa</u>	“Tinha à volta dos 17, 18 (...) Não foi por muito dos meus amigos, até porque eles já fumavam há muito, mas eu não fumava, posso portanto dizer que não foi por influência direta pelos amigos.”
<u>Pedro Pereira</u>	“Haxixe, por curiosidade (...)”
<u>“Sucata”</u>	“(…) fumar uns charritos por curiosidade.”

Tabela 8 - Vertente económica, quanto custa uma festa

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“Já fui a festas em que custam 1 euro de entrada com oferta de bebida, como já fui a festas em que paguei 25 euros só de bilhete (...)”
<u>Sujeito B</u>	“ (...)em média gasto cerca de 50 euros por festa... mas com tudo... gasolina, bebidas, tabaco e outras cenas.”
<u>B.Alves</u>	“ (...)se for uma festa a sério(...)desde o bilhete a tomar pequeno almoço...são uns 100 euros.”
<u>Berto</u>	“nunca abaixo dos 90 euros na boa... isto se não for uma noite para me arruinar todo.”
<u>“Cabecas”</u>	“Barato não fica... gasto aí à volta dos 100, 120 euros... depende também da festa e o que consumires.”
<u>Patrícia Magalhães</u>	“Depende das festas... onde são, quem vai tocar, quantas pessoas vão no carro, se vamos de comboio, o que se compra etc. Gasto mais ou menos 70 a 100€.”

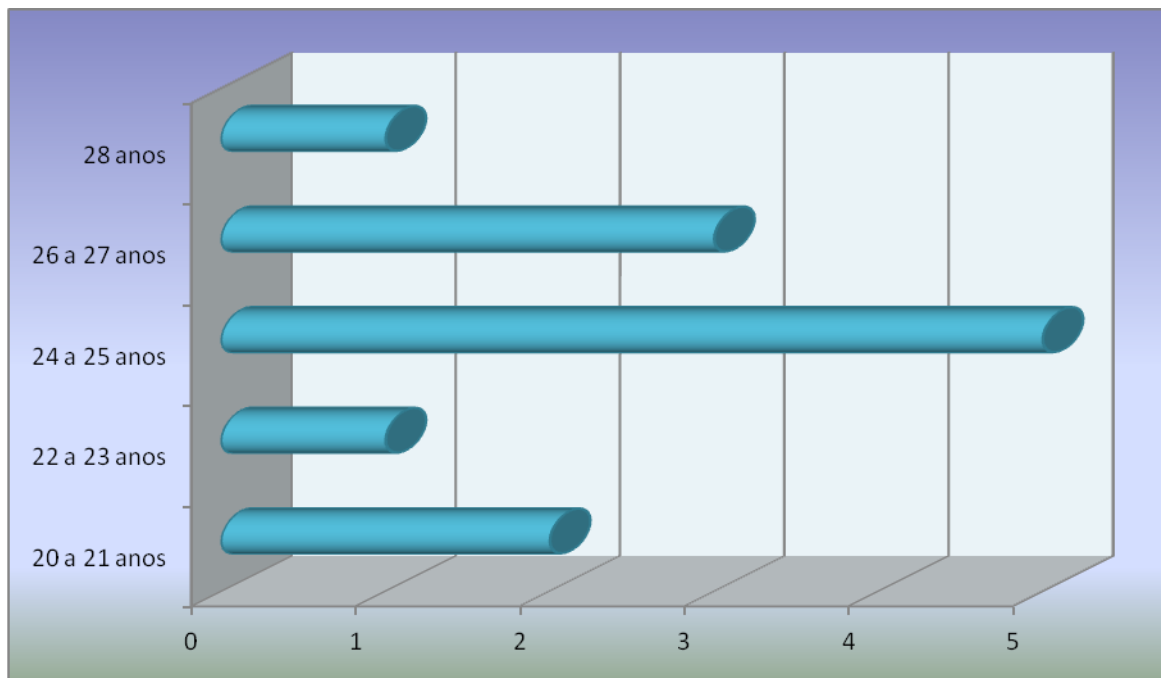
Tabela 9 - Opinião sobre a ligação de *raves* e drogas

<u>Indivíduo</u>	<u>Testemunhos</u>
<u>Sujeito A</u>	“(...) Sem dúvida, as drogas aliadas à música levam-nos a ter sensações nunca antes vividas (...)”
<u>“Cabecas”</u>	“Toda a gente que sabe o que é uma verdadeira festa, consome. É a verdade verdadeira.”
<u>“Pistolas”</u>	“ <i>Rave</i> que é <i>rave</i> tem que haver droga... é festa... e para haver festa é preciso ter droga para fazer a festa.”
<u>Sujeito B</u>	“(...)sem dúvida, não há festa sem droga.”
<u>Berto</u>	“(...)não há uma boa festa sem droga.”
<u>Sujeito C</u>	“Sim acho que sim (...) tenho conhecimento de pessoas e amigos que apenas vão para as festas para consumirem drogas.”
<u>Pedro Pereira</u>	“(...) raras são as pessoas que vejo nessas festas e que não consomem algum tipo de droga.”
<u>B.Alves</u>	“Onde há festa há droga.”
<u>Sujeito D</u>	“Sim... as <i>raves</i> impulsionam o consumo de drogas.”
<u>Patrícia Magalhães</u>	“As pessoas que vão às festas, por muito que digam que não consomem nada é mentira, porque, no mínimo, fumam sempre as suas ganzas, por isso acho que sim.”

Gráfico 1 - Sexo dos Inquiridos (em%)

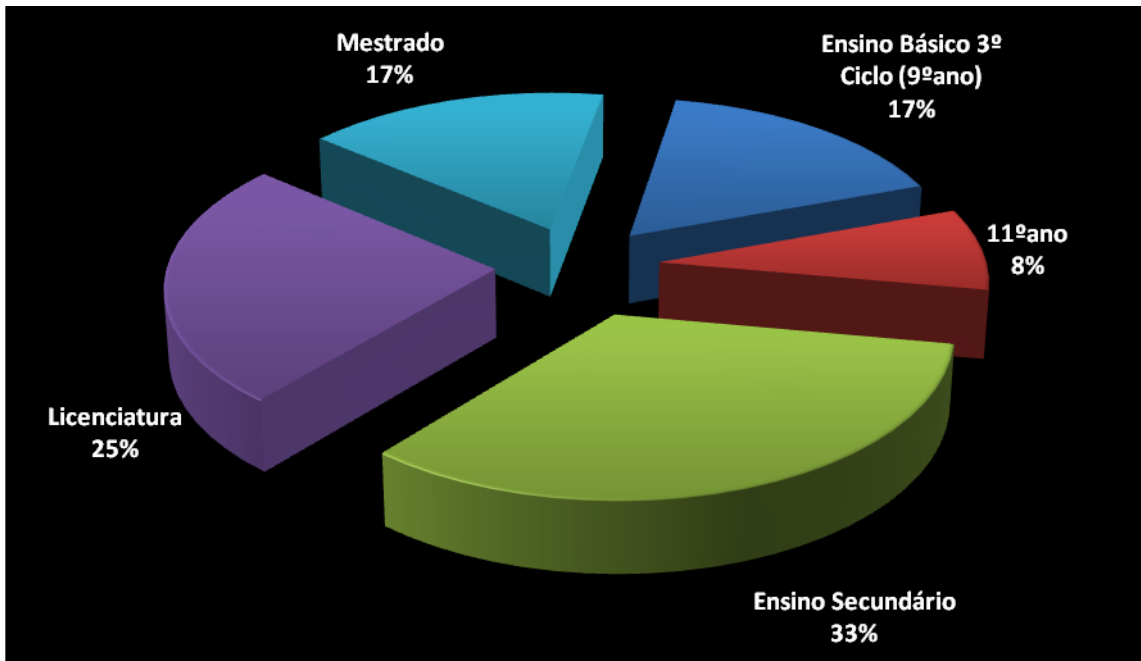
Fonte: Entrevista "Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas"

A amostragem utilizada para a realização deste estudo foi a amostragem representativa probabilística. Embora seja sempre desejável, a representatividade, neste caso, não pôde ser cumprida. A amostra resultante das entrevistas realizadas, caracteriza-se pelo facto de ser composta maioritariamente por indivíduos do sexo masculino, 75%. Os restantes 25% representam o sexo feminino da população inquirida (Gráfico n° 1).

Gráfico 2- Idade dos Inquiridos

Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Uma vez que a base deste estudo se fundamenta sobre o consumo de drogas, a amostra foi diversificada, tendo-se verificado um intervalo de idades abrangidas entre os 18 e os 28 anos. No entanto, a faixa etária predominante foi a compreendida entre os 24 a 25 anos, seguindo-se a faixa etária dos 26 a 27 anos (Gráfico nº 2).

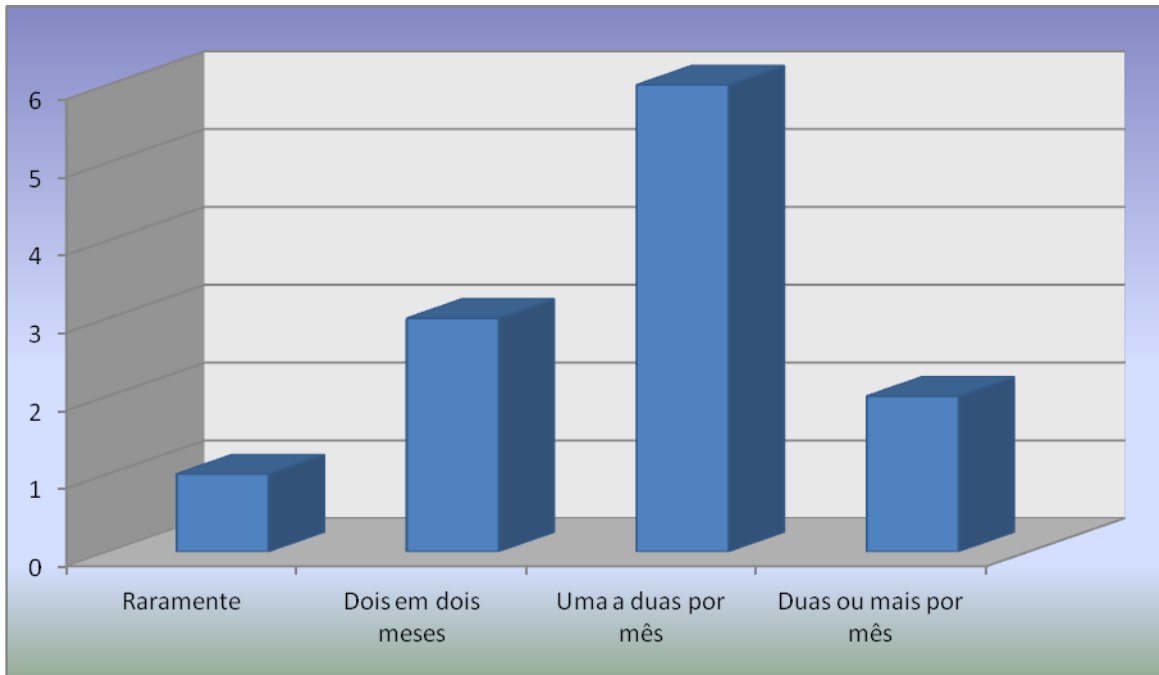
Gráfico 3- Habilitações literárias dos Inquiridos (em%)

Fonte: Entrevista “Cultura *raver*. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Um dos pontos importantes para a caracterização da amostra é saber quais as habilitações literárias dos entrevistados. Da análise verificou-se que 33% do total da população completou o ensino secundário e 17% concluiu o Ensino Básico, 3º Ciclo.

Um dos dados mais interessantes a reter deste gráfico prende-se com o facto de mais de 40% da população total frequentar, ou ter frequentado, o Ensino Superior; 25% já concluíram a sua licenciatura, enquanto 17% estão prestes a obter o grau de mestre.

Verificamos assim, que 42% da população entrevistada é altamente instruída e culturalmente desenvolvida, tendo a perfeita noção dos riscos que corre ao consumir drogas e a frequentar as *raves*. (Gráfico nº 3).

Gráfico 4- Frequência dos Inquiridos nas raves

Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Quando questionados acerca dos seus hábitos de frequência das *raves*, a maioria dos inquiridos respondeu que frequenta “uma a duas por mês”, seguindo-se os indivíduos que frequentam uma *rave* de “dois em dois meses”.

Os inquiridos não conseguem especificar com precisão as vezes que frequentam as *raves*, pois, esta frequência depende de inúmeros fatores tais como o dinheiro, a música e a companhia. Alguns entrevistados afirmam que já foram mais frequentadores de festas, mas com a crise económica que Portugal e o mundo atravessam, é extremamente difícil, senão impossível, levar a cabo a vida que tinham (Gráfico nº 4).

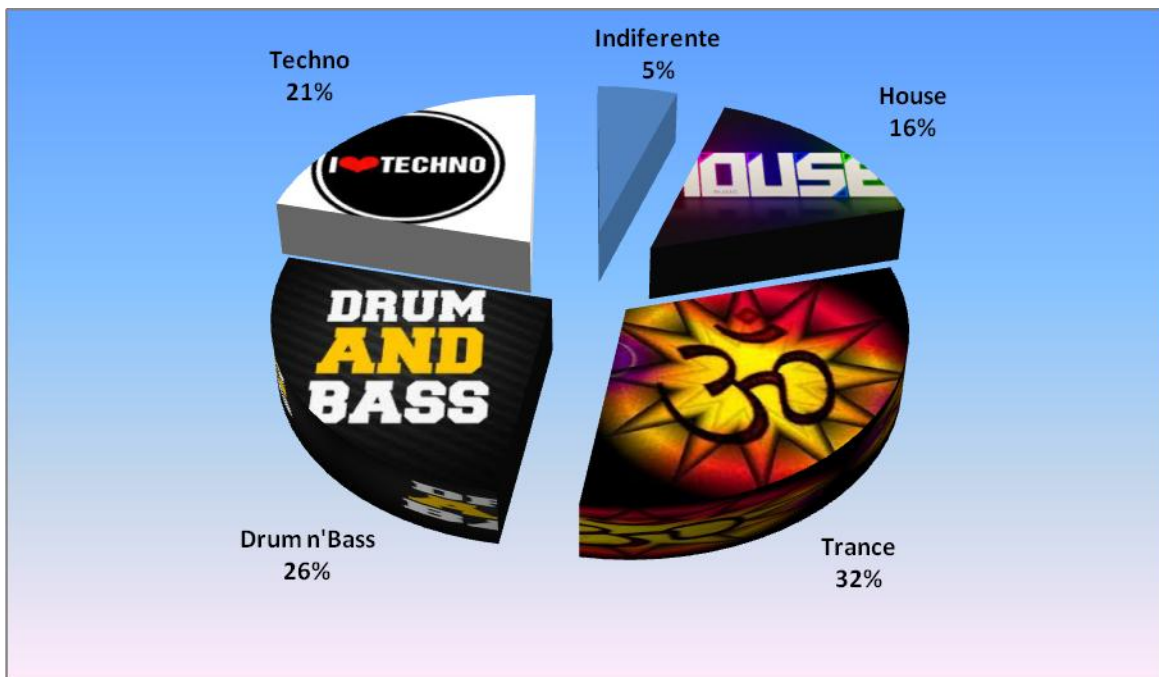
Alberto Sousa

Antigamente as festas eram mais baratas do que agora...antigamente lembro-me de ir a festas que duravam 2 dias e gastar 20 ou 30 euros. Agora só de bilhete pago 20€ (risos).

Sucata

(...)as festas tem um valor estimado entre os 15 a 20€ e tipo... quem gosta já não gasta o dinheiro em futilidades e guarda aquele dinheiro para ter um certo divertimento de certo modo e poder assim divertir-se à séria e não gastar o dinheiro tipo em tralhas banais.

Gráfico 5- Gosto musical dos Inquiridos (em%)



Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

No que diz respeito à cultura e ao gosto musical dos entrevistados, as preferências sobressairam em três vertentes: o *Trance*, o *Drum and bass* e o *Techno*. O *House* apenas reúne 16% das preferências, enquanto existem indivíduos que não se interessam pelo tipo de música, sendo-lhes indiferente o estilo musical (5%).

O *trance* foi a vertente eletrónica que obteve uma maior percentagem (32%), logo seguida do *drum and bass* (26%). A soma destes valores constitui mais do que 50% da população total inquirida. Tal facto advém de os inquiridos possuírem o mesmo tipo de gosto musical, ou seja, as pessoas que gostam do *trance*, também apreciam as festas de *drum and bass* e vice-versa (Gráfico nº 5).

B.Alves

Principalmente trance, mas também curto bué o drum... techno é mais ruim, mais obscuro.

Patrícia Magalhães

Gosto mais do ambiente do trance do que o do techno... as pessoas são...sei lá... mais Zen... enquanto no techno é um ambiente mais pesado.

Estes estilos, embora sejam diferentes, têm algumas semelhanças, principalmente na música e na forma de dançar. Tanto o *trance* como o *drum and bass* caracterizam-se por batidas rápidas, baixos densos, como se a música envolvesse o indivíduo num turbilhão e miscelânea de agitações. Assim, a sua forma de dança assemelha-se a um ritual da antiguidade: passos de dança velozes e saltitantes, braços no ar, olhos fechados, à espera de atingirem o *Nirvana*.

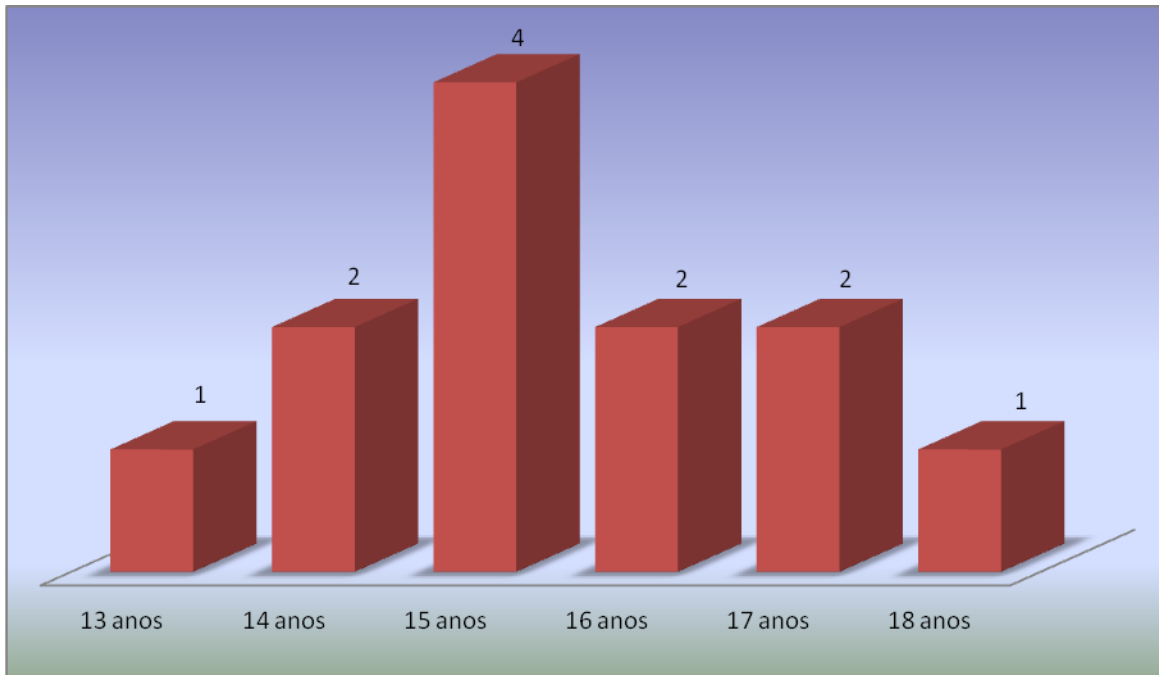
De forma semelhante, mas em extremos opostos, verificamos que os indivíduos que gostam do *techno* não são adeptos fervorosos nem do *trance* nem do *drum and bass*.

Tanto a música *techno* como o *house*, baseiam a sua sonoridade em ritmos pausados mas constantes e baixos “pesados”, daí que a sua forma de dança se possa assemelhar a uma marcha coletiva. Outra característica facilmente identificável nos indivíduos que gostam do *techno*, é a forma de vestir, são os autodenominados “techneiros”

Berto

Um “techneiro” que se preze tem que ter um boné branco com a pala a apontar para cima, uma bolsa de cintura, uns óculos escuros e uns anéis grossos que é para depois andar ao porradão (risos).

Gráfico 6- Primeiro contato com as drogas



Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Um ponto essencial para a investigação, é saber com que idades os indivíduos tiveram conhecimento sobre as drogas e quando principiou o seu consumo. Na maior parte dos casos verifica-se um início do consumo aos 15 anos, mas existe um entrevistado que fumou haxixe pela primeira vez com apenas 13 anos (Gráfico nº 6).

“Pistolas”

Aos 13 anos(...)Foi o haxixe. Comecei por curiosidade e costuma-se dizer que a curiosidade matou o gato(...)matou até aos dias de hoje. E que tal... a idade de experimentar e de saber o que as coisas são... a curiosidade faz isso. Foram os primeiros charros que no início com o grupo de amigos em que um charro dava para 7 ou 8 pessoas (risos)

O consumo de drogas vai progressivamente evoluindo e intensificando-se à medida que os indivíduos ficam mais velhos e habituados ao simples “charro”. Passam

assim a experimentar novas substâncias, mais pesadas e intoxicantes, quer seja para “expandir” as suas mentes ou para dançar a noite toda.

Sujeito B

Inicialmente comecei a fumar só em festas, mas agora às vezes para relaxar... durante a semana sabe muito bem... ao fim do trabalho principalmente.

Berto

(...)tal como se diz a “coca” é gulosa(...) Gulosa de queres sempre mais um bocado, nunca sobra... a coca parece que nunca é demais, podes estar a noite toda a mandar é sentes-te o maior.

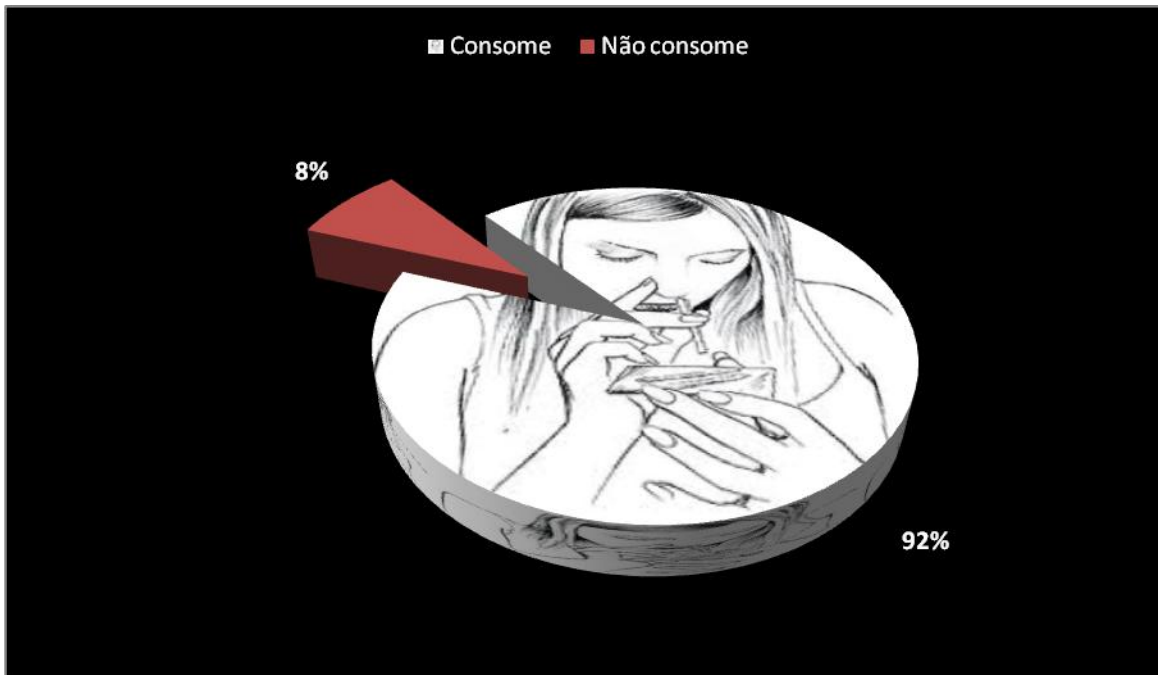
Tal como todos entrevistados dizem, foi através dos seus amigos que aprenderam a fumar e a tomar conhecimento das drogas. Embora a maior parte dos inquiridos afirmem que tenham agido por curiosidade, existem alguns casos que começaram a fumar haxixe para se sentirem integrados na comunidade onde estão/estavam inseridos.

B.Alves

Porque vi os outros a consumirem e também queria experimentar... foi por curiosidade(...).

“Cabeças”

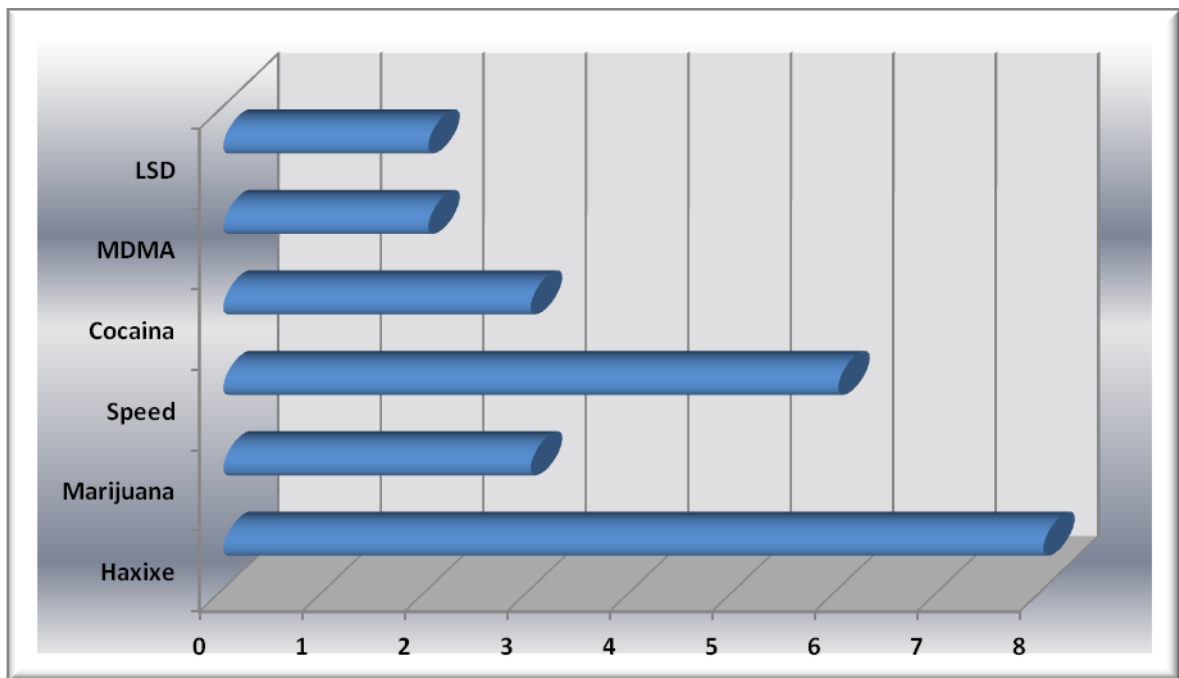
(...)toda a gente lá do bairro andava a fumar e eu para não ser um “tone” que não sabe o que é, fumei com o pessoal e curti.

Gráfico 7- Consumo de drogas nas raves (em%)

Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Visto que o uso e o abuso de drogas é uma das principais bases deste estudo, pretende-se com este gráfico verificar se os consumos de estupefacientes estão intimamente ligados aos frequentadores das raves. Sem qualquer tipo de surpresa, observamos que mais de 90% da população total inquirida consome regular e/ou periodicamente substâncias psicotrópicas, quer nas festas, quer no seu dia-a-dia. Como ficou provado no gráfico nº6, o consumo de drogas começa a entranhar-se em indivíduos bastante novos, nunca parando de consumir, pelo contrário, este consumo intensifica-se com o passar do tempo (Gráfico nº 7).

Gráfico 8- Drogas mais consumidas



Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Sujeito A.

Com as drogas atinge-se um clímax muito maior do que consumir álcool ou estar sóbrio.

Comprovamos que o haxixe é a droga mais consumida nas festas, mas esta substância para alguns entrevistados, compara-se quase a um bem essencial, tornando-se assim um narcótico banal e transversal para todos os *ravers* (Gráfico nº 8).

B.Alves

Haxixe é essencial, depois depende do que o pessoal quiser comprar a meias meia gramita para cada um, normalmente de speed e MD...

Aliado ao consumo de haxixe, verificamos que os consumos de outras substâncias químicas como o *speed* e a cocaína são uma das mais procuradas para a recreação e alienação dos indivíduos nas festas. O *speed* está em voga, pois é um dos narcótico mais baratos que se pode encontrar no mercado, custa cerca de 20 a 30€ a grama. Por outro lado, a cocaína é uma das substâncias mais caras, se não a mais, custando entre 50 a 70€ a simples grama.

Sujeito B

Neste momento ando numa de speed... é o mais barato e a moca é bem fixe.

Grande parte dos entrevistados afirmam que existem diferentes consumos de drogas para os diferentes tipos de festas. Depende principalmente da música que se está a ouvir .

Berto

(...)eu normalmente nas festas de “techno” ou mando “speed” ou “coca”. Agora quando vou as festas de “trance” curto mandar mais uns ácidos.

“Cabeças”

Já mandei ácidos mas isso mexe muito com a minha cabeça, isso é mais para o pessoal do trance (...)

Pistolas

É claro que o pessoal que ouve eletro não vai mandar LSD para tar a curtir um som eletro...ou minimal...não é?(...)Tudo o que seja alucinogénios, por exemplo cogumelos(...), é bastante consumido nas festas de Trance.... Faz parte da comunidade.

O LSD está intimamente associado ao *trance* e ao seu movimento, pois, os alucinogénicos são o “portal” para uma dimensão oposta à realidade, uma escapatória.

B.Alves

Existe pessoas que vão para o trance que só metem ácidos porque o som os leva a esse tipo de coisas, alucinogénios para viajares no tempo.

Berto

curto mandar mais ácidos e cogumelos no trance (...)viajar e ver coisas que nunca viste (risos).

Alberto Sousa

No trance em si, devido ao simbolismo dos anos 60 puxa mais o consumo de alucinógenos do que noutras raves.

O *speed* e o MDMA, são as drogas, que ao contrário dos alucinogénios, são as mais apreciadas pelos frequentadores das festas de *techno* e *drum and bass*. A energia e euforia que estas provocam ao indivíduo é motivo para dançarem mais de 12 horas seguidas e querem sempre mais.

Sucata

mandar uns estimulantes como o speed, MD para mantermos um acordados para aguentar todas aquelas horas de pé.

Berto

normalmente nas festas de techno(...) mando speed (...)o ambiente e o som são bué diferentes e as mocas também... no techno é mais energia e pedalada.

Existe apenas uma droga que os entrevistados nunca consumiram e nunca a querem consumir, a heroína. Para todos os inquiridos que abordaram esta substância no decorrer da entrevista, nenhum deles quer ter qualquer contacto ou conotação com essa mesma.

B.Alves

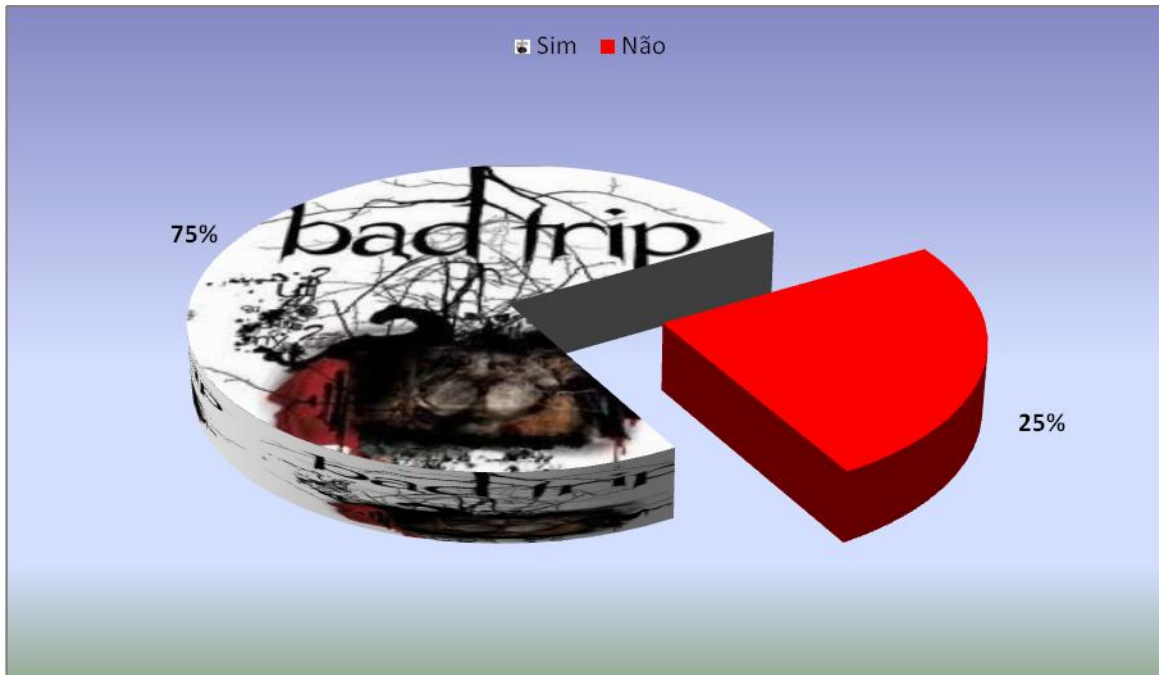
... já consumi de tudo desde as substancias mais leves até as substancias mais pesadas.. mas menos heroína e coisas que sejam injectavaeis.

Berto

(...)tudo menos heroína... isso é que não, isso é o degredo.

Como atestamos, existem diferentes tipos de consumos de drogas para as diferentes *raves*, comprovando assim a nossa **Hipótese 2 do trabalho: O consumo de determinadas drogas varia conforme o tipo de rave.**

Gráfico 9- *Bad-trips* dos Inquiridos



Fonte: Entrevista "Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas"

O conceito de *bad-trip* pode ter diferentes significados e diversas conotações, mas, de um modo geral, é um conjunto de sensações físicas e psicológicas, incômodas e desconfortáveis com que o consumidor se defronta ao ingerir, fumar ou injetar determinados narcóticos.

Os efeitos dependem de pessoa para pessoa, quer seja pelo seu estado mental, quer pelas determinadas substâncias, assim como as quantidades consumidas. Pânico, medo, alucinações, sentimento de perseguição são apenas alguns dos sintomas mais frequentes, que em casos extremos podem levar à morte. Por estas e outras razões, o indivíduo nunca deve consumir sozinho nem consumir tipos de substâncias, das quais não sabe quais os seus efeitos.

B.Alves

(...)Foi exagerado o consumo, houve uma parte da noite em que um amigo meu me ajudou porque se não fosse ele a esta hora poderia estar lá em cima (risos). (...)foi egoísmo, nessa noite só pensava em droga e só queria mandar mais... se calhar foi por ter 17 anos e não perceber bem as drogas.

A *bad-trip* é um dos maiores receios dos consumidores de drogas, mas, apesar de conhecerem os riscos que destas advêm, 75% da população total inquirida, já experienciou uma *bad-trip*. Embora tenham sentido o medo e o pânico que as drogas podem causar, não deixaram de consumir, embora com mais moderação e conhecimento sobre estas (Gráfico nº 9).

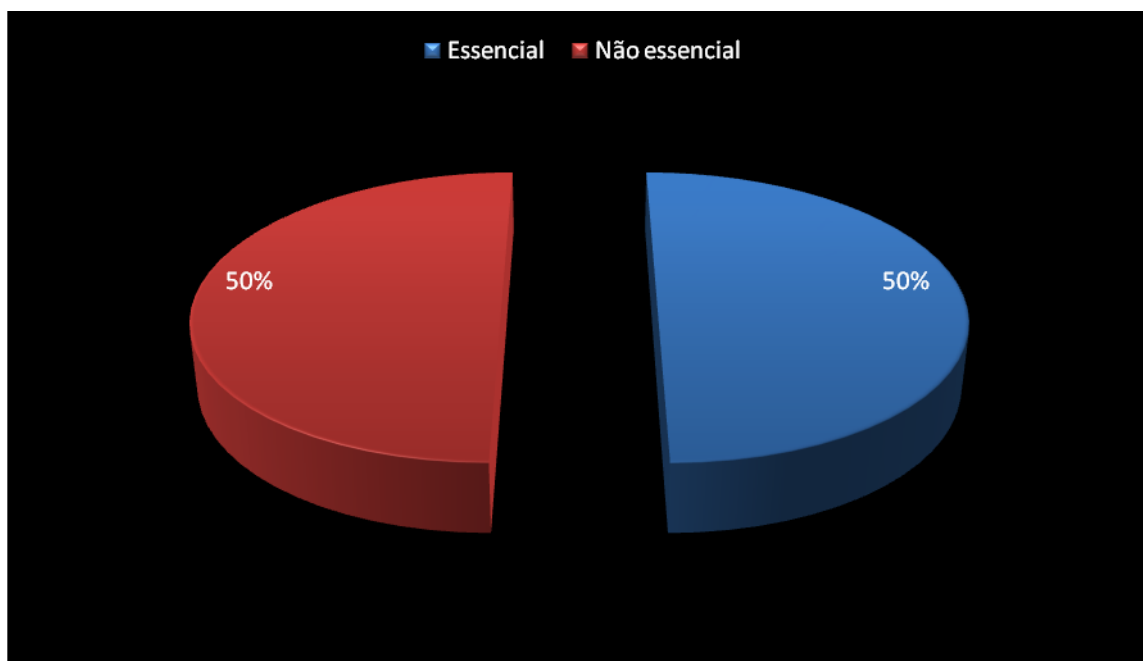
Pistolas

Arreponder não... mas ter esse medo outra vez não quero.

Berto

(...)comecei a mandar speed (...) e... depois de mandar a grama toda, comecei a ficar muito “eléctrico” e a ficar com falta de ar, tipo um ataque de pânico com contracções involuntárias dos músculos das mãos e do estômago(...)

Gráfico 10- Consumo essencial de drogas nas raves (em%)



Fonte: Entrevista “Cultura raver. Consumos de drogas e os estilos de vida das tribos pós-modernas”

Da análise da questão “considera essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves” verifica-se que exatamente 50% da população entrevistada concorda ser essencial, e os restantes 50% não acha que seja essencial consumir drogas nas festas. (Gráfico nº 10)

Inicialmente, nunca pensei que iria obter resultados tão equilibrados, mas, depois de uma análise mais cuidada às entrevistas, apercebi-me que existem indivíduos que não consideram as drogas “leves”, como drogas. No ponto de vista dos entrevistados, consumo diário faz com que o haxixe e a *marijuana* sejam banais, não entrando na categoria de drogas propriamente ditas.

Sujeito B referindo-se ao Haxixe:

Isso sim... é como o tabaco... nunca mais legalizam isso.

Cabeças

(...)uma festa não é festa sem droga... seja ela qual for.

Patrícia Magalhães

(...)as pessoas que vão às festas, por muito que digam que não consomem nada é mentira, porque, no mínimo, fumam sempre as suas ganzas.

No entanto, os indivíduos que responderam que o consumo de drogas nas festas não é essencial, todos afirmam que nunca se divertem tanto como se estivessem sob o efeito das mesmas. As emoções, o êxtase, a insânia, nada disso é possível alcançar se não existir um consumo de narcóticos.

Sujeito C

(...)uma pessoa sente-se mais á vontade e desinibida(...)quando se usa drogas, parece que me encontro num mundo próprio onde não me interessa o que me rodeia.

Pistolas

Não tem nada haver... a pessoa não está naquele espírito em que a maior parte estava, que sentia-se e via-se, porque é notável, mas senti-me que faltou um bocado mais para ser melhor a festa.

Após uma profunda análise das entrevistas recolhidas, facilmente verificamos que o grupo de amigos tem um papel importantíssimo, se não o mais importante, no que diz respeito à frequência dos indivíduos nas *raves*, no consumo de drogas e especialmente no que toca a criar novas amizades.

Existe um sentido de pertença coletiva na festa/ambiente em que se está inserido. Toda a gente que se desloca a uma determinada *rave*, reúne-se para fazer o mesmo: divertir, dançar, travar novas amizades, consumir drogas, enfim, encontrar um escape à realidade quotidiana. De toda a população inquirida, não houve um único indivíduo que frequentasse as festa ou consumisse estupefacientes sozinho, todos o fazem na companhia dos seus amigos.

Berto

(...)quando vou às festas vou sempre com os amigos, porque curtimos todos o mesmo tipo de música(...)

Sucata

pelos amigos sem dúvida, claro que é o grupo de amigos que acaba por fazer a festa e o espírito...

Sujeito A

(...)estando com os meus amigos melhor se torna a festa.

É com o seu grupo que os entrevistados vão socializando. Estes ligam-se cada vez mais com os outros indivíduos presentes nas festas. Sabendo que se encontram rodeado de pessoas possivelmente com gostos idênticos aos deles, quer seja na música, drogas ou vestuário, identificam-se rapidamente com outrem, sendo muito mais fácil conversar. O simples gesto de pedir um cigarro, uma mortalha, ou perguntar se sabe de alguém que tenha uma determinada droga para vender, faz com que se crie uma pequena amizade, nem esta dure apenas até ao fim da festa.

Sujeito B

as pessoas conhecem-se todas...fumam, bebem, toda a gente é amigo uns dos outros, é divertido.

Berto

(...)é pessoal que vou conhecendo de rodar umas ganzas e mandar uns “cheiros” e a gente fica amigo e cada vez que se encontra é uma festa.

Cabeças

Sempre que vou, vou com o meu pessoal e conhecemos sempre gente nova. Principalmente quando vamos ao porto conhecemos sempre a malta do bairro do Aleixo. São gajos altamente.

Como pudemos comprovar, as *raves* são espaços místicos, onde a música e a droga se fundem em perfeita harmonia, mas, acima de tudo são locais onde a socialização está sempre presente e cada vez mais consolidada. Precisamente, a mística,

segundo a etimologia do termo que Maffesoli nos recorda em várias das suas obras, é aquilo que une os iniciados.

Verificamos assim que, a **Hipótese nº3 do estudo, “as *raves* e o consumo de drogas favorecem os relacionamentos sociais”** fica devidamente provada e esclarecida.

Conclusão

Para a realização desta investigação, refleti bastante sobre quais as vertentes que iria aprofundar, quais as variáveis a escolher, como fazer uma entrevista coerente e lúcida com a minha amostra. Foram esses alguns dos muitos aspetos, em que foi necessária a máxima concentração e a imparcialidade que é reconhecida ao sociólogo, para não ajuizar, não tomar qualquer tipo de partido ou fazer juízos de valores.

Estudar públicos é um trabalho específico e minucioso, em que é necessário ter particular atenção ao entrar na vida “pessoal” do indivíduo. Para poder apresentar um estudo mais abrangente e profundo de como as *raves* e os *ravers* se comportam em Portugal, teria que despender mais custos financeiros que não conseguiria acarretar. Desta forma, foi necessário delimitar as cidades que iriam corresponder melhor às características pretendidas pelo meu estudo. Assim foram seleccionadas as cidades de Porto, Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Braga e Lisboa.

No que diz respeito ao enquadramento teórico a aplicar nesta investigação, não se revelou qualquer tipo de problema maior, pois a análise focaliza alguns temas já definidos, como o “consumo”, em Baudrillard, ou a modernidade de Giddens.

Com esta investigação consegui expor, penso, de uma maneira clara e entendida, vários temas que não têm sido alvo de estudos aprofundados em Portugal, como por exemplo, a recriação e os consumos das novas drogas nos movimentos *ravers*.

Na aplicação das técnicas metodológicas, mais concretamente nas entrevistas, tive cuidado redobrado para não ofender, ou ser mal entendido, visto que, possivelmente os entrevistados estariam sob o efeito de inúmeras substâncias psicoativas.

Os entrevistados não puseram qualquer tipo de entraves ou problemas ao responder sobre as suas vivências e experiências nas *raves*. Todas as entrevistas foram bem sucedidas, e os entrevistados mostraram-se bastante comunicativos e recetivos, embora, no início das entrevistas, os inquiridos apresentassem uma pequena desconfiança, que desapareceria com o decorrer da conversa.

Nas doze entrevistas realizadas, verificou-se que todos os inquiridos já tinham tido algum contato com as drogas e grande parte deles era consumidor regular. É de realçar que os resultados obtidos nas entrevistas não se podem generalizar a toda população.

Uma vez analisadas todas as entrevistas, foi então possível tentar responder às minhas questões de partida:

- “Os atores sociais, frequentadores de *raves*, consomem necessariamente drogas?”;
- “Aos diferentes tipos de *raves* correspondem determinados tipos de consumo de drogas?”

Perante estas questões, foi possível afirmar que os dados recolhidos das entrevistas realizadas concluem que os *ravers* não procuram única e somente o consumo de substâncias intoxicantes, mas fortalecem os laços sociais que os unem e que os reúnem. Por outras palavras, podemos dizer que as *raves* não são apenas locais de tráfico e consumo de drogas, mas acima de tudo são pontos onde existe uma enorme fonte de socialização e confraternização na partilha de êxtases coletivos. A outro nível, muitos indivíduos procuram o shopping não somente com o intuito de consumir desmesuradamente, mas sim de frequentá-lo com amigos ou familiares, de forma a fomentar a socialização, a prática de lazeres em conjunto. Assim também acontece nas *raves* onde se como criaram comunidades tribais, pois os atores sociais partilham tanto os mesmos valores como os mesmos gostos, identificando-se dessa forma uns com os outros.

No que concerne as minhas hipóteses de trabalho, apenas “**A participação em *raves* incentiva os indivíduos ao consumo de drogas**” não foi totalmente comprovada, embora todos entrevistados assumam que preferem frequentar as *raves* sob o efeito de estupefacientes.

Ao contrário do que seria esperado, os indivíduos não encaram as *raves* como lugares nocivos, ou seja, locais que atraem o consumo compulsivo e exagerado de drogas. Maioritariamente afirmam que frequentam as *raves* não pelo simples intuito de consumirem os mais variados estupefacientes, mas para fortalecerem e/ou criarem novos laços sociais. Alguns entrevistados afirmam que a frequência das *raves* os torna

mais felizes, que servem como um calmante ao *stress* da sua vida quotidiana, uma descompressão mental e social.

Com isto, podemos afirmar que as *raves* se tornaram principalmente, locais de confraternização e socialização, pois nas diferentes festas não predomina o individualismo, pelo contrário, todos os sujeitos partilham as mesmas realidades, os mesmos consumos, os mesmos gostos e os mesmos objetivos, criando assim inúmeras comunidades tribais e novas contraculturas nas sociedades modernas.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel (1994). *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.

ABREU, C. de C. (2005). *Raves: encontros e disputas*. Dissertação de mestrado: FFLCH – USP.

ALBROW, Martin (1996). *The Global Age: State and Society beyond Modernity*. Cambridge: Editora Polity.

ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira (1980). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.

ARAÚJO, Emília (2007). *Introdução à sociologia dos estilos de vida*. Braga: Núcleo de Estudos em Sociologia.

BAUDRILLARD, Jean (1995). *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos Editora.

BEY, Hakim (1998). *TAZ- Zona autónoma Temporário*. São Paulo: Conrad Livros.

BOOM FESTIVAL TEAM (prod.) (2007). *Boom Book*. Lisboa: Good Mood.

BOUNDON, Raymond (1992) *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BOUDON, Raymond...[et al.] ;tradução de António J. Pinto Ribeiro (2002). *Dicionário temático de Larousse*. Lisboa: Círculo de Leitores.

BOURDIEU, Pierre (1999). *La distinción – Criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus.

BOURDIEU, Pierre (1979). *La Distinction*. Paris: Les Éditions de Minuit.

BOYER, Robert and Daniel Drache (1996). *States against Markets: The Limits of Globalization*. Londres: Editora Roudedge.

CASTRO, F. Beatz (2004). *A festa*. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde.../4cap2.PDF, pp. 19-57.

CALADO, Vasco Gil (2006). *Drogas sintéticas: mundos culturais, música trance e ciberespaço*. Lisboa: Estudos – Instituto da Droga e da Toxicodependência.

CARVALHO, M (2007). *Ecstasy: Efeitos biológicos e avaliação da toxicidade*, Faculdade de Ciências da Saúde – UFP.

CARVALHO, M (2007). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meios festivo*. Campo das Letras Editores, S.A, Porto.

CHATELET, François. (coord.) (1993). *Dicionário de Obras Políticas*. Tradução de Glória de C. Lins e Manuel Ferreira Pinto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CRUZ, Manuel Braga (1995). *Teorias Sociológicas*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian

DUBAR, Claude (1997). *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.

ESTANQUE, Elísio; Mendes, José (1997). *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal, um estudo comparativo*. Porto: Edições Afrontamento.

FERNANDES, Luís (1998). *O sítio das drogas –Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Lisboa:Editorial Notícias.

FERLA, Marcelo.(2004). *Música Eletrónica*. Rio de Janeiro: Editora Abril.

GAILLOT, Michel (2001/2002). *Les Raves ‘part maudite’ des Sociétés contemporaines* . Sociétés, 72 :45. Bruxeles.

GAUTHIER, François (2001). *La rave, un pensée de la nuit : rave, ritualité, religion*. Dissertation de maîtrise en sciences des religions, Montréal. Université du Québec.

GAUTHIER , François, « *Le rave, un penséé de la nuit : rave ritualité, religion* » 2001.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. & GASKEL, G. (ed.)(2003). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. 2ªed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Vozes: Petrópolis.

GELLNER, Ernest (1993). *Nações e Nacionalismo*. Lisboa: Gradiva.

GIDDENS, Anthony (1994). *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber*; trad. Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editora Presença.

GIDDENS, Anthony (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora

GIDDENS, Anthony (1995). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.

GIDDENS, Anthony (1999). *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. São Paulo: Editora Record.

GIDDENS, Anthony (2001). *The Global Third Way Debate*. Cambridge: Polity Press.

GIDDENS, Anthony (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GRAWITZ, Madeleine (1976). *Méthodos des Sciences Sociales*. Paris: Dalloz.

GONÇALVES, Albertino (2002). *Estilos de Vida*, in MAIA, Rui Leandro (coord.), *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora, pp 141-143.

GONÇALVES, Albertino (1996). *Imagens e Clivagens – Os residentes e face aos Emigrantes*. Porto: Edições Afrontamento

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. (1995). *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4ªed. Vozes: Petrópolis.

HELD, David; McGrew, Antony; Goldblatt, David; Perraton, Jonathan (1999). *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*. Cambridge: Polity Press.

HERITAGE, John. (1999). *Etnometodologia*, em Anthony Giddens e Jonathan Turner (orgs.), *Teoria Social Hoje*, São Paulo: Editora Unesp, pp. 321-392.

HIRST, Paul (1997) *The global economy: myths and realities*. Cambridge: International Affairs.

HIRST, Paul and Grahame Thompson (1999). *Globalization in Question: The international Economy and the Possibilities of Governance*, rev.edn, Cambridge: Polity Press.

LABIN, Suzanne (1985). *O Mundo dos drogados*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão.

LALLEMAND, Alain e SCHEPENS, Pierre (2002). *As novas drogas da geração rave: o que sabem vocês, pais?*. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Piaget editora. Coleção Epistemologia e Sociedade. 242 p.

LE BRETON, David (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes

LIPOVETSKY, Gilles (2007). *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*, Lisboa: Edições 70.

LOPES, João Teixeira; Aibéo, Bárbara (2006). *Os Públicos de Santa Maria da Feira*, Porto: Edições Afrontamento.

MAFFESOLI, Michel (1999). *Musiques du monde et vie ordinaire*. Paris : Maison des Cultures du Monde.

MAFFESOLI, Michel (2006). *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

MCLUHAN, Marshall. (1977). *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*, 2.^a edição. São Paulo: Companhia Eleitoral Nacional.

MELO, Alxexandre, (2002) *Globalização Cultural*. Lisboa: Quimera Editores.

MONNEYRON, Frédéric ; Xiberras, Martine (2008). *Le monde hippie. De l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique*. Paris: Imago.

PAIS, José Machado (org.) (1999). *Traços e Riscos de Vida*. Porto: Ambar.

PAIS, José Machado (2007). *Sociologia da vida quotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PARETO, Vilfredo.(1987). *Trattato di Sociologia Generale*. Firenze, Barbera, 1916, 2 vol. Manual de Economia Política. Tradução de João Guilherme Vargas Netto. 2ª ed., São Paulo: Nova Cultural.

PEREIRA, Virgílio Borges (2005), *Classes e Cultura de Classes das Famílias Portuenses, Classes Sociais e Modalidades de Esterilização da Vidana Cidade do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.

POGGI. G. (1998). *Denaro e modernità*. Bologna: Il Mulino.

POULANTZAS, Nicos (1976). *Teoria das Classes Sociais*. Porto: Publicações Escorpião.

POULANTZAS, Nicos (1977). *Poder político e as Classes Sociais*. Lisboa: Dinalivro.

QUEIROZ, Maria Cidália (2005). *Classes, Identidades e Transformações Sociais, para ler as evoluções da estrutura social portuguesa*. Porto: Campo das letras.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (1991) *Variações sobre a técnica de gravador e registo da informação viva*. São Paulo: T.A.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van.(1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RABOT, Jean-Martin (1991), «Sociologia e Estética em *Le temps des tribus*», in *Comunicação e Linguagens*. Lisboa, 12/13, pp. 143-155.

RABOT, Jean-Martin (2006), *As novas tecnologias como modalidades da utopia e do imaginário sociais*, in RABOT J.-M. ; VEIGA C. (coord.), *Novas tecnologias, utopia e imaginário*. Braga, Universidade do Minho, Edição da Direcção do Curso de Sociologia e do Núcleo de Estudantes do Curso de Sociologia, pp. 29-47.

RABOT, Jean-Martin (2006), «Pós-modernidade e politeísmo dos valores», in *Actas do 5º Congresso Português de Sociologia sobre o tema «Sociedades contemporâneas. Reflexividade e acção*, Atelier: «Quotidiano, Crenças e Religiosidades» (Braga,

Universidade do Minho, 12 a 15 de Maio de 2004), Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, pp 4-9.

RAWLS, John (1979). *Teoria de Justiça*. São Paulo: Editora Fundo da Cultura económica.

RATTES, Plínio César dos Santos (2007). *Públicos do teatro Vila Velha*, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador [PDF]. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/arquivos/monografia_rattes.pdf [Acedido em Dezembro de 2011].

SANTOS, Boaventura de Sousa (2006). *A Gramática do Tempo: Para uma Nova Cultura Política*. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Augusto Silva, PINTO; José Madureira (2007). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA Augusto Santos, Pinto José Madureira (orgs) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, Sérgio Salustiano (2007), *Identidades culturais na pós-modernidade. Um estudo da cultura de massa através do grupo casaca*, [PDF], Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sergio-salustiano-identidades-culturais.pdf> [Acedido em Dezembro de 2011].

SIMMEL, G (1977). *Sociologia. Estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Revista de Occidente.

SIMMEL, Georg (1981). *Sociologie et Epistemologie*. Paris : PUF.

SIMMEL, G (1985). *La moda e altri saggi di cultura filosofica*. Milano : Longanesi.

SIMMEL, Georg (1983). *Sociologia*. Coletânea de textos organizada por Evaristo Moraes Filho. São Paulo: Ática.

SIMMEL, G (2006). *Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

SKLAIR, Leslie (1995) *Sociologia do Sistema Global*. Petrópolis: Vozes.

TÜRCKE, C (1999). *Prazeres preliminares – virtualidade – desapropriação: indústria cultural hoje*. In: Duarte, R. e Figueiredo, V. (orgs). *As luzes da arte*. Belo Horizonte: Editora Opera Prima Lda.

TÜRCKE, C (2010). *Sociedade excitada- Filosofia da Senção*. In: António A.S Zuin.(org). Campinas: Edições Unicamp.

VALENTE, Ana Margarida Frazão (2004). *Viagem ao Mundo do Ecstasy*, Covilhã.

VALADIER, Paul (1998) *Anarquia dos Valores* : Lisboa:Piage 1998

XIBERRAS, Martine (1989). *A sociedade Intoxicada*. Lisboa: Piaget.

XIBERRAS, Martine.(1994).*As Teorias da Exclusão*. Lisboa: Piaget, 1994.

WEBER, Max (1977). *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.

Fontes documentais:

- Apontamentos das aulas do professor Rabot do Minho, Instituto das Ciências Sociais (2006).

Webgrafia:

<http://www.carlcox.com>

<http://www.cowsonpatrol.org>

http://www.economico.sapo.pt/noticias/good-mood-espera-boom-de-20-no-crescimento-em-2012_147098.html

http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=661377&page=-1

<http://www.publico.pt>

Organização Mundial da Saúde [on-line]: Disponível em www.casadijau.org/guia/classificacao_uso_drogas_oms.htm

ANEXOS

Entrevista

Anexo 1: Guião de

Guião da Entrevista

1. Qual a sua idade?
2. Nome?
4. Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)
5. Sabe o que é uma *rave*? (Opinião/ ponto de vista)
6. Costuma frequentar as *raves*? (Determinação)
7. Com que frequência costuma ir às *raves*? (A frequência pode indicar dependência)
8. Quais as *raves* que mais frequenta? *techno*, *trance*, ou *drum and bass*? (Gosto musical do indivíduo)
9. Quando vai às *raves*, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)
10. E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?
11. Identificasse com esse tipo de ambiente?
12. Quando frequenta as *raves* sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)
- 13–Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta (Fator económico)
14. Neste tipo de festas existe consumo de drogas?
15. Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de *rave*?
16. E como frequentador nestas festas consome drogas? (Resposta afirmativa)
17. Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)
18. Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)

19. Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades?
(Consumos)

20. Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma *bad-trip*? (Más experiências, arrependimentos)

21. Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves? (Dependência do indivíduo nas drogas)

22. No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

23. No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?

Anexo 2: Transcrição das Entrevistas

Primeira entrevista

Resumo da entrevista:

A primeira entrevista foi realizada numa festa no Porto, a uma pessoa do sexo masculino, aleatoriamente escolhido, contudo devido à sensibilidade do estudo, não facultou o nome, optando assim pelo anonimato. Será denominado Sujeito A.

Quando me dirigi ao Sujeito A, este estava acompanhado por amigos e quando expliquei o meu estudo, prontificou-se a realizar a entrevista de imediato, autorizando a gravação da mesma.

O Sujeito A tem 24 anos e está a frequentar o mestrado na área das Ciências Humanas. Frequenta pelo menos uma ou duas vezes por mês *raves* de *drum and bass*, essencialmente por causa da música e amigos.

Questionado sobre o ambiente destas festas, o sujeito afirma que o ambiente varia consoante o tipo de festa, ou seja, para o sujeito, o ambiente das festas *trance* é onde se podem verificar grupos de pessoas mais coesos onde só interessa a festa e a música. As festas de *drum and bass* são festas mais urbanas e harmoniosas e o ambiente de festas *techno* é o mais pesado.

O Sujeito A considera que estas festas não são dispendiosas, pois os preços variam muito de festa para festa.

Relativamente às drogas, o primeiro contacto foi aos 14 anos (haxixe) que experimentou por curiosidade e admite que consome drogas quando frequenta as *raves* principalmente haxixe, cocaína e erva, considerando que é possível estar sóbrio numa *rave*, mas a sensação não é a mesma.

Assim, para o Sujeito A existe uma relação direta entre drogas e *raves*, provocada pela sensação que as drogas impulsionam conjugadas com a música.

Transcrição da entrevista:

Mateus Minnaert- *Olá, boa noite, desde já agradeço a disponibilidade para participarna minha tese de mestrado que como já lhe tinha referido o principal tema incide sobre as raves.Posso iniciar então a entrevista?*

Sujeito A- Sim, claro não há problema...

M. M.*Qual a sua idade?*

S.A. - 24 anos!

M. M. *Em relação ao nome quer facultar ou quer manter o anonimato?*

S. A - Pela sensibilidade do tema, prefiro manter o anonimato!

M. M. *Sim compreendo e não há problema. Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

S.A - Sou licenciado e estou a fazer o mestrado

M. M.*É licenciado em que área?*

S. A - Ciências Humanas.

M. M. *Está a trabalhar?*

S. A - Neste momento não

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

S. A - Sim sei.

M. M. *Como a define?*

S. A - Uma *rave* é festa de música eletrónica, onde predomina a música e o ambiente envolvente

M. M.*Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

S. A - Sim, já frequentei mais, mas posso dizer que frequento com alguma regularidade

M. M. *E com que frequência costuma ir às raves?* (A frequência pode indicar dependência)

S. A - Uma ou duas vezes por mês

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass?* (Gosto musical do indivíduo)

S. A - Inicialmente, comecei por festas de *house* e *techno* mas como agora já não existem tantas festas *techno*, frequento mais as de *drum and bass*

M. M. *Então Quando vai às raves, vai pela música?* (Motivos das idas às festas)

S. A - Sim essencialmente pela música, acompanhado sempre de amigos.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

S. A - Depende... Existem diferentes tipos de ambientes nas diferentes festas. Os ambientes para cada estilo de música são muito específicos.

M. M. *Como assim? Pode especificar?*

S. A - O ambiente do *trance* encaro-o como os novos *hippies*, são possivelmente o grupo mais coeso e unido que pode existir nas *raves*; não interessa a distância ou o preço do bilhete, interessa sim a comunidade e a festividade. No *techno* o ambiente, principalmente aqui em Portugal costuma ter uma conotação mais “pesada” e intensa, pelo tipo de pessoas que as frequentam; enquanto no *drum and bass* posso afirmar que é um ambiente mais urbano e mais harmonioso do que o *techno*

M. M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente? Ou melhor em todos que me referiu qual o que mais se identifica?*

S. A - Identifico-me com os três. Gosto do *trance* pela liberdade que transmite, pela mentalidade das pessoas e pela música; gosto do *techno* pela música e não pelo ambiente porque é um ambiente mais pesado e por vezes hostil, há sempre “porrada”

(risos). E identifico-me com o *drum* pelas suas batidas rápidas mas ao mesmo tempo intensas

M. M. *Quando frequenta as raves sente que faz parte de um grupo, de uma comunidade?* (Sentimento de pertença)

S. A - Gosto de pensar que sim. Não tanto como muitos dos frequentadores mas sim.... gosto

M. M. *Porquê?*

S. A - Porque as pessoas estão todas ali pela música.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? Em média quanto se gasta neste tipo de festa?* (Fator económico)

S. A - Pode ser e não ser. Já fui a festas em que custam um euro de entrada com oferta de bebida, como já fui a festas em que paguei vinte e cinco euros só de bilhete, isto sem contar com despesas de deslocação, bebidas e outras

M. M. *Para uma pessoa que não tenha rendimento não acha esse estilo de vida dispendioso?*

S. A - Depende muito ... porque também existem festas á borla

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

S. A - Sim sem dúvida

M. M. *Como me referiu anteriormente existem diversos tipos de festas raves, existem também diferentes tipos de drogas para cada tipo de festa?*

S. A - Sim de uma maneira geral. No *trance* consome-se mais psicadélicos como ácidos e cogumelos; no *techno* cocaína e *speed* e no *drum* mais MD.

M. M. *E como frequentador nestas festastambém consome drogas?*

S. A - Sim já consumi mais, mas posso dizer que consumo.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas?* (Surgimento do interesse com as drogas)

S. A - Se não me engano, tinha á volta dos 14 anos

M. M. *Qual o estupefaciente consumido nessa altura?*

S. A - Foi o haxixe

M. M. *Porquê a escolha desse estupefaciente?* (Origem e motivação)

S. A - Porque grande parte dos meus amigos já tinha experimentado e por curiosidade e para não ficar atrás também experimentei.

M. M. *Notou alguma influência por parte dos seus amigos?*

S. A - Não, experimentei porque quis e porque assim o pedi.

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome?*

S. A - Em relação às raves.... As drogas que mais consumo será o Haxixe a erva e “coca”

M. M. *Que quantidades?* (Consumos)

S. A - 5 ou 6 “charros” e uns “riscos”... depende da noite e da disposição

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

S. A - Sim já! Já tive um ataque de pânico por causa do consumo de pastilhas.

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?* (Dependência do indivíduo nas drogas)

S. A - É assim, essencial não diria, mas que tornam as coisas diferentes sim... as sensações não são as mesmas se não mandar droga, a festa é muito mais alucinante e divertida com o uso destas mesmas,

M. M. *No seu só entender é possível “curtir” as raves utilizando psicotrópicos?*
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

S. A - É como eu lhe disse... não temos as mesmas sensações nem vibrações numa *rave* apenas com álcool ou sóbrio. Com as drogas atinge-se um clímax muito maior do que consumir álcool ou estar sóbrio

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

S. A - Sem dúvida, as drogas aliadas á música levam-nos a ter sensações nunca antes vividas, mistos de alegria e felicidade invadem-me e estando com os meus amigos melhor se torna a festa.

M. M. *Mas não o preocupa o facto de as raves estarem visivelmente mais presente na sociedade?*

S. A - Não, pelo contrário, desde que as pessoas tenham juízo e cabeça é possível conciliar tudo.

M. M. *Mais uma vez obrigada pela disponibilidade prestada.*

S. A - De nada, ainda bem que pude ajudar.

Segunda Entrevista

Resumo da entrevista:

Esta entrevista foi realizada na mesma festa no Porto, onde foi efetuada a primeira entrevista, a um frequentador do sexo feminino de 25 anos, que estava com um grupo de amigas à porta da festa.

Quando me aproximei estava muito reticente em realizar a entrevista, mas depois de explicar o estudo e que poderia manter o anonimato, a entrevistada aceitou participar no estudo. Assim será denominada Sujeito B.

No decorrer da entrevista notei alguma impaciência e dificuldade por parte da entrevistada em entender alguns conceitos

O Sujeito B tem o décimo primeiro ano de escolaridade, pois abandonou a escola porque queria tornar-se independente, ganhar o seu próprio dinheiro e assim foi trabalhar para uma fábrica (decisão que não se arrepende de ter tomado).

Costuma ir pelo menos uma vez por mês às *raves*, principalmente pelos amigos mas também pela música, sendo o fator de escolha das festas o fator monetário, tentando sempre ir às mais baratas, independentemente da atmosfera que aí se verifique, pois a entrevistada afirma que se identifica com todo o tipo de ambiente, uma vez que são ambientes coesos, onde toda a gente se conhece, fazendo uma distinção, ao afirmar que este tipo de festas não é para pessoas que frequentam “discotecas normais”.

O Sujeito B teve o primeiro contato com as drogas aos 14 anos, quando experimentou haxixe, droga que consome habitualmente, pois considera-a uma forma de relaxar. Admite consumir sempre drogas nas *raves* principalmente *speed*, MD e admite que há diferentes tipos de drogas para os diferentes tipos de festas.

Quando questionada se considera necessário consumir drogas nas *raves*, o Sujeito B considera que sim, afirmando nunca ter visto ninguém sóbrio numa festa e que não iria conseguir estar numa festa sem consumir drogas, pois o tipo de música que há nessas festas impulsiona o consumo de drogas.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert - *Qual a sua idade?*

Sujeito B - 25 anos

M. M. *Quer então como me referiu manter o anonimato não é?*

S. B - Já é melhor.

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade?* (Fator escolar e instrução)

S. B – Eu andei até ao 11º ano e depois tive umas “trip’s” e tive que sair da escola.

M. M. *Quer dizer o porque dessas “trip’s”?*

S. B - O pá, queria ganhar dinheiro para mim e para as minhas coisas e fui trabalhar para uma fábrica.

M. M. *Não se arrepende de não ter completado o ensino básico?*

S. B - Não... não... foi o melhor. Fazia o mesmo... com tanto desemprego que anda para aí...

M. M. *Sabe o que é uma rave?* (opinião/ ponto de vista)

S. B - Sei claro que sei...

M. M. *Pode dar então a sua definição?*

S. B - Pá... é uma festa com uma música muito maluca que pode durar até sete dias onde toda gente se diverte.

M. M. *Costuma frequentar as raves?* (Determinação)

S. B. - Se eu estou aqui sim. Tento sempre ir às mais baratas, mas costumo sim.

M. M. *Com que frequência costuma ir às raves?* (A frequência pode indicar dependência)

S. B. - Foi como eu lhe disse... tento sempre ir às mais baratas, porque também há daquelas festas mais caras e eu não me posso aventurar, porque muitas das festas são longes... é gasolina, portagens, e outras coisas (risos)

M. M. *Mas pode especificar quantas vezes por ano ou mês?*

S. B. - Uma por mês pá.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

S. B. -Todas... é como eu lhe disse, às vezes é uma questão de dinheiros, mas gosto de todo esse tipo de música e do ambiente.

M. M. *Então identifica-se com esse tipo de ambiente?*

S. B. - Se eu me identifico? Sim acho que sim...

M. M. *Mas qual é a sua opinião em relação a esse ambiente?*

S. B. - Pá... eu gosto..as pessoas conhecem-se todas...fumam, bebem, toda a gente é amigo uns dos outros, é divertido... é uma coisa diferente. Porque as pessoas que frequentam este tipo de festas não são pessoas que frequentam as discotecas normais. É como eu disse, são mais fixes e mais dadas (risos)

M. M. *Mais dadas como?*

S. B. - Mais dadas como?...toda a gente conhece toda a gente... se pedir um cigarro ou outra coisa qualquer, de certeza que as pessoas dão.

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

S. B. - Quando vou, claro que vou com os meus amigos, não vou sozinha e também claro que é pela música... claro que se eu não gostasse da música óbvio que não ia... não ia gastar dinheiro à toa.

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

S. B. - Sim claro. Foi como lhe disse, as pessoas lá são todas diferentes dos outros sítios e óbvio quem vai a esse tipo de festas não é qualquer pessoa. Tem que se gostar mesmo da música e estar com o espírito de diversão e não levar nada a mal... É para curtir sem pensar no dia de amanhã.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso?* (Fator económico)

S. B. - Ai! Algumas são... quem me dera poder ir a todas...

M. M. *Em média quanto gasta?*

S. B. - Eu em média gasto cerca de 50 euros por festa... mas com tudo... gasolina, bebidas, tabaco e outras “cenas” (risos)

M. M. *Pode especificar que tipo de “cenas”?*

S. B. - Ó meu... uma ganzita... às vezes compro uma grama de MD sozinha e outras vezes, compro a meias com os meus amigos... mas também depende do tipo de festas... Porque há festas em que uma ganzita chega..outros pronto... é mais puxado... depende do tipo de música.

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

S. B. - Sim existe sim. No *trance*, mando mais ácidos e de vez em quando mando uns cogumelos, enquanto se for a uma festa *techno* mando só *speed*.

M. M. *Então neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

S. B. - Então claro que existe. É óbvio e visível para muita gente... só não vê quem não quer.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

S. B. - Sim já lhe disse que sim.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas?* (Surgimento do interesse com as drogas)

S. B. - Tinha 15 anos

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente?*
(Origem e motivação)

S. B. - Foi ganza... foi numa de brincadeira... mas na altura não curti...

M. M. *Porquê?*

S. B. - Porque disseram que me fazia rir e aquilo não me fez nada, a não ser ficar com a boca seca.

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades?*
(Consumos)

S. B. - Neste momento ando numa de *speed*... é o mais barato e a moca é bem fixe.

M. M. *E haxixe costuma fumar?*

S. B. - Isso sim... é como o tabaco... nunca mais legalizam isso.

M. M. *Sempre? Ou só e em festas?*

S. B. - Inicialmente comecei a fumar só em festas, mas agora às vezes para relaxar... durante a semana sabe muito bem... ao fim do trabalho principalmente.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip? (Más experiências, arrependimentos)*

S. B. - Nunca... Eu por acaso sempre tive a cabeça no sítio... Quando é para parar, eu sei parar... mas muitos amigos meus já bateram muito mal... é o que dá não ter cabeça e juízo.

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?*
(Dependência do indivíduo nas drogas)

S. B. - Psico quê?

M. M. *Psicotrópicas, drogas ilegais.*

S. B - Eu considero necessário consumir as drogas... agora se são ilegais a culpa já não é minha... eu acho que não conseguia ir a uma festa destas e não mandar nada... é que eu ia ficar sóbria e os outros todos a curtir.

M. M. *Então nestas festas considera-se dependente das drogas?*

S. B - Ai... nestas festas tem que ser... não é uma questão de dependência, é que tem que ser... o tipo de música também chama as pessoas a consumirem e como é de vez em quando não faz mal.

M. M. *No seu entender não é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos? (Perspetiva e dependência do ponto de vista do individuo das drogas nas festas)*

S. B - De forma alguma... eu a primeira vez que fui a uma festa destas, fui sóbria e não curti nada...uma pessoa com as drogas sentes as coisas de uma maneira diferente.

M. M. *Diferente como?*

S. B - A música fica mais fixe, tudo parece mais brilhante, ficas mais *Zen*.

M. M. *Então acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

S. B - Claro. Eu que visse nunca vi aqui ninguém sóbrio... ainda por cima quanto mais barato é a festa, mais degredo há... é que não escondem o que estão a fazer de ninguém e naquelas festas mais caras ainda há algum controle. Mas sim sem dúvida.

M. M. *Muito obrigado pela sua disponibilidade e continuação de uma boa festa*

S. B - De nada, sempre às ordens.

Terceira Entrevista

Resumo da entrevista:

Realizada em ambiente de festa *house*, no Porto, a um indivíduo do sexo masculino com 27 anos de idade, licenciado em Engenharia Civil. Como os restantes entrevistados o sujeito quer manter o anonimato. Sendo assim denominado por Sujeito C.

O Sujeito C tem conhecimentos sobre as drogas, sobre a existência de consumos de substâncias psicotrópicas nas festas e, embora já tenha consumido, não é grande apreciador das mesmas. Quando sai à noite tem mais como hábito ingerir álcool do que consumir drogas, embora admita que por vezes fuma *marijuana* ou haxixe.

Não se enquadra nos costumes, valores e na simbologia do *trance* e do *techno*. Prefere ser “identificado” como uma pessoa do *house*, pois nas festas de *techno* e *trance* existem consumos abusivos de drogas e por vezes o ambiente é demasiado “pesado” para o seu gosto.

Quando sai à noite, sai principalmente para se divertir com uns amigos e quando vai às festas de *house*, vai com o intuito de ver um bom *dj*, nem que por vezes tenha de gastar mais de 20€ de entrada/bilhete.

Explica o Sujeito C que, embora não consuma muitas substâncias químicas, é mais divertido ir a uma festa e consumir drogas, do que ir e não as consumir.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Olá, boa noite como eu referi, estou a fazer um estudo para a minha tese de mestrado em que o tema são as raves, posso então iniciar a entrevista?*

Sujeito C - Sim, pode.

M. M. *Deixe-me informar que a entrevista será gravada, espero não haver problema?*

S. C - Desde que não tenha que dizer o meu nome e ninguém me identifique não há problema.

M. M. *Sim não se preocupe. Posso perguntar qual a sua idade?*

S. C - Tenho 27 anos.

M. M. *E o grau de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

S.C - Licenciatura em engenharia civil.

M. M. *E está a exercer?*

S.C - Estou numa empresa de pequena dimensão.

M. M. *Ainda bem. Diga-me uma coisa sabe o que é uma rave? (Opinião/ ponto de vista)*

S.C - Sim sei, uma *rave* é uma festa de música Não sei definir bem o que é uma *rave*.

M. M. *Mas Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

S. C - Sim...

M. M. *E Com que frequência costuma ir às raves? (A frequência pode indicar dependência)*

S. C - Umas 4 ou cinco por ano

M. M. *E Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

S. C - Principalmente *house*, o *trance* e o *techno* são ambientes demasiados pesados para o meu gosto.

M. M. *Como assim um ambiente pesado?*

S. C - Existe demasiada droga...e as pessoas não são... vá... digamos...do meu gosto particular...

M. M. *Como assim?*

S. C - Não sei, fui aí uma vez a uma festa *trance* e não gostei muito do sítio da maneira como as pessoas se vestiam, da festa em si... entre outros... não foi uma boa noite.

M. M. *Neste caso as pessoas são diferentes de festa para festa?*

S. C - Sim, as culturas e as mentalidades são diferentes e o vestuário também... no *trance* são, vá, mais desleixados e no *techno* são mais arruaceiros... não me sinto bem nestas festas, ou melhor não me enquadro.

M. M. *Pois compreendo. E em relação ao ambiente vivido nessas festas que frequenta qual é a sua opinião?*

S. C - Não quero parecer snob mas é um ambiente mais organizado e ... e formal, não que as pessoas não se venham para divertir mas não existe os mesmos exageros e descontroles q existem noutros tipos de festas (risos).

M. M. *Identificasse com esse tipo de ambiente?*

S. C - Com as festas de house sem dúvida... as outras, como eu disse não me enquadro, não que não sejam boas mas não são do meu gosto.

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, ou amigos, ou outras coisas? (Motivos das idas às festas)*

S. C - Vou essencialmente com e pelos amigos.

M. M. *E a música não é um fator predominante?*

S. C - Sim se for um bom *Dj*, as coisas tornam-se ainda mais apetecíveis.

M. M. *E Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

S. C - De um grupo não diria... nem de uma comunidade. gosto de ir beber um copo com os amigos, divertir-me e dar um pézito de dança

M. M. *Mas este tipo de festa acha é dispendioso?*

S. C - Depende das festas. Existem festas de dez euros consumíveis e existem festas de vinte euros em que nem uma bebida de oferta nos dão.

M. M. *Estamos a falar concretamente das festas house?*

S. C - Sim, são as que eu frequento

M. M. *Mas em média quanto gasta mais ou menos? (Fator económico)*

S. C - Depende nunca abaixo dos 30 euros

M. M. *Com tudo incluído?*

S. C - Sim...ou melhor gasto por norma vinte euros em bebidas quando os cartões são consumíveis e bebo uma ou duas bebidas quando a entrada não é consumível e o restante é para outros gastos supérfluos como tabaco e gasolina

M. M. *Neste tipo de festas, no caso as que frequenta, existe consumo de drogas?*

S. C - Sim eu penso que sim, não tanto às claras como nas outras festas, mas existe, por exemplo, já vi varias vezes seguranças a expulsarem pessoas que estavam na casa de banho a consumir cocaína e outros afins.

M. M. *Então nestas festas que frequenta há sempre um maior controle por parte dos seguranças, neste caso?*

S. C - Sim, sendo discotecas com renome é claro que a segurança tem que ser apertada para não manchar esse bom nome

M. M. *No seu caso, quando vai a essas festas consome algumas substâncias psicotrópicas?*

S. C - São raras as exceções... às vezes ...os meus amigos oferecem-me coca mas apenas por duas ou três vezes experimentei, não sou muito apreciador de drogas, embora possa fumar uma erva antes de entrar nas festas mas nada de mais.

M. M. *Mas acha que existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

S. C - Sim pelo pouco que pude ver quando fui á festa de *trance* e pelo que os meus amigos me contam, no *trance* consomem substâncias alucinogénias e presumo que nas outras festa também sejam diferentes.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

S. C - A primeira vez ou em festas?

M. M. *Quando teve o primeiro contacto, sem ser em festas.*

S. C - Quando eu tinha 18 anos na minha festa de aniversário, ofereceram-me um charro de erva como presente.

M. M. *E gostou dessa experiência?*

S. C - Sim gostei, embora tenha ido cedo para casa porque já não me encontrava num estado muito bom devido ao álcool.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? (Más experiências, arrependimentos)*

S. C – Não, como lhe disse apenas fumo uns charros e experimentei duas ou três vezes coca mas apenas em pequenas quantidades, nada que se compare com alguns dos meus amigos.

M. M. *Mas considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves? (Dependência do indivíduo nas drogas)*

S. C - No meu caso não, como lhe disse apenas vou ás festas para me divertir e beber uns copos e estar em boa companhia, passo bem sem as drogas.

M. M. *Ou seja no seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos? (Perspetiva e dependência do ponto de vista do individuo das drogas nas festas)*

S. C - Sim é possível mas admito que não seja a mesma coisa.

M. M. *Como assim?*

S. C - Não sei... uma pessoa sente-se mais à vontade e desinibida com as drogas... quando se usa drogas parece que me encontro num mundo próprio onde não me interessa o que me rodeia.

M. M. *Mas no seu entender acha que Há uma ligação direta entre raves e drogas?*

S. C - Sim acho que sim, embora como já lhe tenha dito não sendo um frequentador e consumidor assíduo das drogas tenho conhecimento de pessoas e amigos que apenas vão para as festas para consumirem drogas

Quarta Entrevista

Resumo da entrevista:

Realizada num bar no Porto, o entrevistado tem 25 anos, encontra-se a acabar a licenciatura de Turismo. Ao contrário dos outros entrevistados o sujeito não tem qualquer problema de se identificar, reivindicando mesmo que se coloque o seu verdadeiro nome sendo esse Pedro Pereira.

O entrevistado costuma frequentar *raves* de *techno* e *drum and bass* pois gosta do tipo de música, mas também vai pelas drogas e os amigos. Afirma que atualmente não frequenta tanto como antigamente frequentava devido ao ambiente vivido, pois nota-se cada vez mais o aumento do consumo de drogas nas festas. Para o Pedro a droga que consome nas *raves* é o haxixe e a “erva” e não varia de festa para festa, ou seja, consome sempre esse tipo de drogas, apesar de já ter experimentado coca, “pastilhas” e MD.

Teve o primeiro contato com as drogas aos 16 anos, quando experimentou haxixe, por curiosidade.

Quando questionado se seria possível “curtir” uma festa sem o consumo de drogas, a resposta foi negativa, pois para o entrevistado se não se consumirem substâncias psicotrópicas nas festas os indivíduos sentem-se “deslocados” da festa, havendo assim uma ligação direta entre as drogas e as *raves*.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

Pedro Pereira - 25 anos

M. M. *Nome?*

P. P. - Pedro Pereira.... Coloque mesmo o meu nome que eu não tenho problemas em dizer o que penso.

M. M. *Sim, sim, vou colocar. Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

P. P. - Neste momento estou a terminar a licenciatura.

M. M. *De que?*

P. P. - Em turismo

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

P. P. - Do meu ponto de vista uma *rave* é uma festa onde as pessoas se juntam pelas diversas razões, tais como música e convívio com os amigos.

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

P. P. - Sim... se bem que já não é tão habitual, mas vou quatro ou cinco vezes por ano.

M. M. *Porque que não é tão habitual?*

P. P. - Porque neste momento já não me chama tanto o ambiente dessas *raves*.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

P. P. - *Techno e drum and bass*

M. M. *E porque prefere estas?*

P. P. - Essencialmente pelo gosto musical.

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

P. P. - Pelos três, porque é isso mesmo que uma *rave* proporciona, boa música, bom ambiente com os amigos e com alguma droga à mistura.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

P. P. - Gosto do ambiente... quem vai a essas festas estão lá pelo gosto da música e essencialmente para se divertir e para rodar umas ganzas (risos)

M. M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente?*

P. P. - Já não me identifico muito.

M. M. *Porquê?*

P. P. - Porque o gosto musical já não é o mesmo e porque algumas das pessoas com que frequentava deixaram de me cativar...digamos assim... e os ambientes tornaram-se por vezes estranhos...

M. M. *Estranhos como? Não se sentia enquadrado com o ambiente e as pessoas?*

P. P. - Por vezes não, porque...reparei que o nível de drogas consumido... estava cada vez mais a evoluir... sendo que eu não me interessava por subir no nível de drogas consumidas.

M. M. *Então está a dizer que neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

P. P. - Bastante

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

P. P. - Para mim essencialmente não... mas conheço muita gente que dependendo do tipo de música levam um tipo de droga diferente...

M. M. *Então na sua opinião existe uma correlação direta entre o tipo de drogas consumidas e a música?*

P. P. - Sim.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

P. P. - Sim... algumas vezes.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

P. P. - Tinha cerca de 16 anos.

M.M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente?*
(Origem e motivação)

P. P. - Haxixe, por curiosidade e porque já tinha alguns amigos que já tinham experimentado e porque estávamos numa festa.

M. M. *Acha que foi influenciado pelos seus amigos?*

P. P. - Um bocado, mas principalmente por curiosidade

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades?*
(Consumos)

P. P. - Haxixe e erva.

M. M. *Só consome haxixe e marijuana?*

P. P. - Não... já experimentei as chamadas “pastilhas”, “coca” e MD.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

P.P. – Pá... nunca tive uma *bad-trip* como se costuma dizer, ficar completamente perdido mas já tive algumas “mocas” que me deixaram bastante fora de mim.

M. M. *Mas arrepende-se?*

P. P. - Não... porque apesar de tudo foram momentos para recordar e para ter a noção dos limites, que não devem ser ultrapassados

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?*
(Dependência do indivíduo nas drogas)

P. P. - Sim... porque o ambiente é mesmo assim... se não se consumir sente-se um pouco desligados... ninguém gosta de estar nestas festas sóbrio.

M. M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?*
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

P. P. - Dificilmente...pois toda a gente que está lá consome algum tipo de drogas e o ambiente das *raves* é mesmo assim... ouvir boa música e estar com os amigos a fumar umas valentes drogas.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

P. P. - Posso dizer que sim... raras são as pessoas que vejo nessas festas e que não consomem algum tipo de droga.

M. M. *Muito obrigado pelo tempo disponibilizado.*

P. P. Não tem nada que agradecer... foi um prazer. Boa sorte para continuar o seu trabalho.

Quinta Entrevista

Resumo da entrevista:

Realizada numa festa de *trance* em Vila Nova de Famalicão, o entrevistado, Bruno Alves, tem 25 anos, concluiu o 12º ano de escolaridade e neste momento encontra-se a trabalhar em Braga em programação de maquinaria.

Bruno Alves diz-nos que conhece bem os diferentes tipos de festas e estilos musicais, pois é frequentador assíduo das *raves* de *trance*, *drum and bass* e *techno*, embora já não seja muito apreciador deste último estilo, devido à má conotação social e psicológica que lhe é inculcida pela sociedade.

Os motivos que o levam às festas são essencialmente os amigos e a música/*Dj*; é consumidor de drogas desde os 15 anos, tendo experimentado pela primeira vez haxixe e nunca mais deixou de o consumir, pelo contrário, como o próprio afirma, já consumiu quase todo o tipo de drogas que existem, embora a sua droga de eleição seja o MD. Apesar de já ter passado por uma *bad trip*, devido à falta de conhecimento sobre as drogas e as quantidades destas mesmas, não se arrepende e continua a consumir, mas com mais precaução.

Por último, Bruno Alves considera que existem diferentes consumos de drogas para os diferentes estilos de música e embora já tenha ido a festas sem consumir nenhum tipo de estupefaciente, afirma que é totalmente distinto frequentar *raves* no estado sóbrio ou sob efeito de psicotrópicos.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

Bruno Alves - 25anos.

M. M. *Nome?*

B. A. - Bruno Alves.

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade?* (Fator escolar e instrução)

B. A. - Sou programador de CNC, tenho o 12ºano formado na programação de CNC nível 4. Trabalho em Braga numa empresa suíça.

M. M. *Sabe o que é uma rave?* (opinião/ ponto de vista)

B. A. - Sim tenho noção (risos). Oh pá... é um espírito totalmente diferente daquilo que possas imaginar no dia-a-dia do quotidiano...sei lá... um à vontade que só se encontra lá... é um espírito que quando vais com um grupo de amigos, aqueles que acompanham para fazer tudo... é uma cena altamente. É o espírito, é o que tu sentes, é mesmo uma noite bem passada, tu saís de lá com um ar harmonioso que te dura para uns meses.

M. M. *Costuma frequentar as raves?* (Determinação)

B. A. - Já fui mais frequentador.

M. M. *Com que frequência costuma ir às raves?* (A frequência pode indicar dependência)

B. A. - Uma ou duas por mês... depende.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass?* (Gosto musical do indivíduo)

B. A. - Principalmente *trance*, mas também curto bué o *drum*... *techno* é mais ruim, mais obscuro.

M. M. *Obscuro como?*

B. A. - O ambiente é mais pesado... o pessoal mina-se com um tipo de drogas que não tem nada a haver e o som puxa para um feitiço que não é nada bom (risos).

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos?* (Motivos das idas às festas)

B. A. - Vou pelos 3, mas principalmente pelos meus amigos, claro, principalmente pelos amigos se não fosse com eles não ia.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

B. A. - Claro que existe diferenças, é como tudo se fores a uma festa de *trance* vais encontrar de tudo, se fores a uma festa de *drum* vais encontrar de tudo, se fores a uma festa *techno* vais encontrar de tudo.

M. M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente?*

B. A. - Sentir-me bem sinto, mas não me sinto totalmente enquadrado com a maior parte do pessoal que lá está, eu tenho noção das coisas, aquilo são 12, 16 horas sempre a curtir e depois voltas para a realidade, porque eu tenho vida social e vida pessoal... é mesmo assim.

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

B. A. - Em certo aspeto sinto, em certo aspeto sinto, sinto quando vejo em momentos em que quero falar com alguém e se precisar de alguém está lá alguém para me acolher, ou seja, o meu grupo, não vou andar à procura de mais ninguém, entendes?

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta (Fator económico)*

B. A. - Depende... se for uma festa a sério com pessoas que valham a pena ir ver... desde o bilhete a tomar pequeno-almoço... são uns 100€.

M. M. *Em que gasta esses 100€?*

B. A. - Em muitas merdas, em muitas merdas mesmo

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

B. A. - Existe... bué mesmo... é o mundo da droga.

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

B. A. - Lá está... no *trance* manda-se mais ácidos, no *techno* é mais “pastilhas” e no *drum* é mais MD... mas há pessoas que mandam todo o tipo de drogas seja qual for

a festa. Existe pessoas que vão para o trance que só metem ácidos porque o som os leva a esse tipo de coisas, alucinogénios para viajares no tempo.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

B. A. - Sim.

M. M. *Que tipo de drogas costuma consumir?*

B. A. - Oh pá... já consumi de tudo desde as substâncias mais leves até as substâncias mais pesadas, mas menos heroína e coisas que sejam injetáveis... agora tudo que é inalável e fumado, já consumi... Erva, pólen, haxixe, MD, *speed*, ácidos, mas o que eu mais curto é o MD.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

B. A. - Haxixe... tinha 15 anos

M. M. *Porquê consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

B. A. - Porque vi os outros a consumirem e também queria experimentar... foi por curiosidade por causa dos amigos.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip? (Más experiências, arrependimentos)*

B. A. - Já... num sítio fechado... abusei do *ecstasy*, das “pastilhas”... foi numa passagem de ano com um grupo de amigos e tipo.... Foi exagerado o consumo, houve uma parte da noite em que um amigo meu me ajudou porque se não fosse ele a esta hora poderia estar lá em cima (risos). Nessa noite arrependi-me bués porque tive um desacato com um amigo meu que ainda hoje me marca bué em termos de ir a festas e consumo de drogas... foi egoísmo, nessa noite só pensava em droga e só queria mandar mais... se calhar foi por ter 17 anos e não perceber bem as drogas.

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves? (Dependência do indivíduo nas drogas)*

B. A.- Não propriamente... já fui a festas e não consumi nenhuma droga.

M. M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?*
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

B. A. - É claro que é... se queres apanhar uma broa descomunal e entrares no espírito de festa, consumes drogas, se não, se quiseres apenas curtir um bocado o som, estar com os amigos, dar um pé de dança, não se manda drogas e curte também... não tanto como se estivesse sob o efeito das drogas, mas curtes.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

B. A. - Onde há festa há droga... as festas de *trance* são dos sítios com maior afluência do tráfico de droga.

Sexta Entrevista

Resumo da entrevista:

Entrevista realizada numa festa *trance* em Vila Nova de Famalicão. O entrevistado tem 26 anos, tem o nono ano de escolaridade e um curso profissional na área de mecânica. Preferiu manter o anonimato, sugerindo a alcunha de “Sucata”.

Costuma frequentar raves 20 vezes por ano, pelos *Dj's* e pelos amigos, mas já frequentou mais vezes, atualmente o espírito das festas é só drogas e negócio.

O “sucata” frequenta tanto festas *indoor* como as festas *outdoor*; nas de *indoor* gosta mais do *drum and bass* e nas *outdoor* do *trance*.

Em relação ao ambiente vivido nessas festas o entrevistado identificasse, indicando que o ambiente das festas *indoor* é mais urbano, e nas festas *outdoor* *trance*) o ambiente é totalmente diferente, não se liga ao aspeto mas sim á natureza em si.

Teve o primeiro contato com as drogas aos 16 anos, experimentou haxixe por curiosidade.

Considera que nestas festas há consumo de drogas que variam consoante o tipo de música; a droga que mais consome nas festas é o haxixe (consome diariamente) pois é mais natural e relativamente ás drogas químicas o que mais consome é o LSD.

O entrevistado não acha essencial consumir drogas nas raves mas afirma que há uma relação direta entre essas festas e o consumo de drogas.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

“**Sucata**” - 26 anos

M. M. *Quer dar o seu nome ou prefere manter o anonimato?*

S. - Pode ser uma alcunha...sucata

M. M. *Sim pode ser. Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

S. - Tenho o 9º ano de escolaridade e um curso profissional na área de mecânica.

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

S. - Uma *rave* são festas que são ao ar livre, mas também costumam fazer *indoor*.

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

S. - Agora não tão regularmente mas costumo sempre que posso, para aí umas vinte por ano.

M. M. *Porquê que já não costuma ir tão regularmente às festas?*

S. - Porque o espírito já não é o mesmo... antes era um espírito de união e paz e amor e agora é um espírito mais de negócios e abuso das drogas

M. M. *Não será também uma questão monetária?*

S. - Se formos a ver não... as festas tem um valor estimado entre os 15 a 20 euros e tipo... quem gosta já não gasta o dinheiro em futilidades e guarda aquele dinheiro para ter um certo divertimento de certo modo e poder assim divertir-se à séria e não gastar o dinheiro tipo em tralhas banais.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

S. - Ultimamente tenho frequentado mais as festas *indoor*, mas as que eu mais gosto são as festas de *outdoor*... na parte *indoor* gosto mais do *drum* e na parte *outdoor* mais o *trance*.

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

S. - De certo modo pelos *Dj's* que vão lá atuar, pelos amigos sem dúvida, claro que é o grupo de amigos que acaba por fazer a festa e o espírito... mas claro que há uma pré-análise de quem vamos ver, que é para quando chegarmos lá...e não seja barraco.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

S. - O aspeto do *drum* é um aspeto mais urbano, mais lavadinho e cheiroso, enquanto queas *raves* outdoor são de um aspeto totalmente diferente... contacto com a natureza, ninguém liga ao aspeto um dos outros, é so pó tudo no ar, conjunto com a natureza, ninguém liga ao aspeto físico, na cidade liga-se muito ao aspeto.

M. M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente?*

S. - Sim, sim, sinto-me bem, não quer dizer que o quotidiano me identifique como frequentador desse tipo de festas, sinto-me bem dentro da festa sim.

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade?*
(Sentimento de pertença)

S. - Sim sinto

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta* (Fator económico)

S. - Lá esta... era como estava a tentar explicar... é o seguinte: pessoas que gastam dinheiro com futilidade, como por exemplo ir a Fátima, ir ao futebol, eu por acaso não gosto muito de futebol, prefiro dar mil vezes um valor de 20 euros para uma festa do que dar esse mesmo dinheiro para um jogo de futebol.... Um jogo de futebol dura 90 minutos e uma festa destas dura até mais de 24 horas e num espaço que entras para dentro e para fora do recinto podes disfrutar as tuas próprias bebidas desde que não entres no recinto com garrafas de vidro, nestas festas à sempre segurança para não haver potenciais brigas.

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

S. - Sim, sim, mas acho que também que o pessoal que vai à igreja também consome drogas... mas sim existe consumo de drogas nas festas.

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

S. - Há quem diga que para a malta do *trance* são mais as drogas psicadélicas, as drogas para manter um pouco acordado é na parte de mais de *drum*, mais drogas para

nos excitar e para puxar por nós, as anfetaminas tipo os gajos do ginásio, ganharem mais força para estarem lá a puxar.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

S. - Sim

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

S. - Tinha para ai 16 anos

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

S. - Foi como toda gente acho eu... fumar uns charritos por curiosidade para ver o que era e daí foi....

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades? (Consumos)*

S. - Olha... Eu neste momento estou a entrar numa fase de limitar, de consumir apenas o que consumo diariamente umas ganzas, se possível mais à base do cannabis que é para ser mais natural ainda e não abusar dos químicos. Dessa parte só uso mesmo as drogas psicadélicas, tipo o LSD que não acaba por ser vendido nas festas como LSD, mas como ácidos e de certo modo mandar uns estimulantes como o *speed*, MD para mantermos um acordados para aguentar todas aquelas horas de pé.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip? (Más experiências, arrependimentos)*

S. - Já, já tive uma *bad-trip*, engraçado que não foi numa *rave*, foi num espaço de mais natureza no Gerês com os amigos num acampamento selvagem, tivemos a maluqueira de treparmos o monte e depois tipo, numa loucura de tentar descer o monte dos penedos, aconteceu a situação de uma das pessoas que estava comigo não ter noção bem...do perigo medonho... a *bad-trip* dela refletiu-se bastante em mim... que até hoje ficou marcado.

M. M. *O que consumiu?*

S. - Foi por causa do consumo de LSD

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?*
(Dependência do indivíduo nas drogas)

S. - Não, não, cada um é livre de usufruir da sua própria vida e das drogas que quiser, é com eu lhe digo... o meu espírito neste momento parte para uma parte mais agradável de ir para uma festa e agradar-me mais o som, do que ir para a festa mesmo só para consumir drogas, antigamente sim ia para as festas praticamente para consumir drogas, sentia-me seguro mesmo que fossem indoor... agora não quer dizer que não e sinta seguro mas...

M. M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?*
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

S. - Sim penso que sim.

M. M. *E prefere curtir com ou sem drogas?*

S. - Preferia sem... mas neste momento ainda tenho algo a desejar, mas sim consumo drogas.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

S. - É um parâmetro que desde o início não definimos as limitações...se considerarmos o álcool como uma droga...neste momento eu consigo encontrar adolescentes que desde cedo consomem álcool em grandes quantidade e que conseguem ser extremamente violentas e entram numa decadência muito mais rápida do que os consumidores de drogas. Mas existe uma ligação direta entre as drogas e as *raves*.

Sétima Entrevista

Resumo da entrevista:

A entrevista foi realizada no *Porto Rio*, (uma discoteca flutuante que funciona num barco atracado na margem do Douro) numa festa de *techno* com *Dj's* internacionais.

O entrevistado apelida-se de “Berto”, tem 21 anos, concluiu o ensino secundário e neste momento trabalha numa fábrica. Frequenta constantemente as *raves*, principalmente as de *techno*, identificando-se com as pessoas e ambiente “mais pesado” que existe nestas festas. Mostra grande capacidade de socialização e à vontade nas festas para conhecer novas pessoas e criar novos laços de amizade. Estabelece padrões comportamentais associados aos indivíduos frequentadores de *techno*: vestuário/acessórios, mentalidade e atitudes específicas.

Já experimentou todo o tipo de drogas e a que mais consome é o *speed*, embora seja a cocaína a sua droga de eleição. O preço desta última, é a única razão de não ser a mais consumida: tem um contacto seu que fornece *speed* a 15 euros enquanto que a cocaína já custa 50 euros.

Já teve mais do que uma *bad-trip*, mas continua a consumir droga, ao ponto de afirmar que não é capaz de ir a qualquer tipo de festa sem recorrer ao uso e abuso dos psicotrópicos.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

Berto - 21

M. M. *Nome?*

B. - Berto

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

B. - Tenho o 12º ano de escolaridade.

M. M. *Trabalha?*

B. - Sim, sou operário fabril.

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

B. - Uma rave... é uma festa de música...de vários tipos, *techno*, *house*, festa de música electrónica.

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

B. - Sim, sempre que posso tou lá batido (risos)

M. M. *Com que frequência costuma ir às raves? (A frequência pode indicar dependência)*

B. - Aí umas 3 por mês...há meses que vou mais outros que vou menos... depende das festas.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

B. - Eu sou do *techno*...curto mais música pesada... mas às vezes também vou a umas festas de *trance*. Uhhhh... o drum é que já não curto muito... é mais para betinhos (risos).

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

B. - É assim... eu quando vou às festas vou sempre com os amigos, porque curtimos todos o mesmo tipo de música, mas também há droga à mistura (risos) ...acho que posso dizer que é por causa dos três (risos).

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

B. - Curto bué as festa de *techno*... para mim uma boa festa de *techno* parte a loiça e o “caco” todo a um gajo... e o pessoal que conheço lá nas festas é pessoal fixe, é pessoal que vou conhecendo de rodar umas ganzas e mandar uns “cheiros” e a gente fica amigo e cada vez que se encontra é uma festa... mas tasse bem... curto o ambiente. Embora já tenha visto muita porrada em muita festa.

M. M. *Em que tipo de festa principalmente?*

B. - Principalmente nas festas de *techno*. O ambiente como é “pesado” o pessoal fica tolo com a música e manda umas cenas e depois “tripam-se” todos uns com os outros e claro que há porrada.

M. M. *Identificasse com esse tipo de ambiente?*

B. - Na parte de armar à porrada não... mas se tiver que ser... se vir um amigo meu a levar uma coça, eu vou lá ajudá-lo... nem que eu fique todo partido. Fora isso gosto do ambiente do *techno* e sim posso dizer que me identifico, até porque nota-se quem é “techneiro” e não...

M. M. *Como assim?*

B. - Um “techneiro” que se preze tem que ter um boné branco com a pala a apontar para cima, uma bolsa de cintura, uns óculos escuros e uns anéis grossos que é para depois andar ao porradão (risos).

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

B. - É assim... se considerar os meus amigos um grupo... sim faço parte de um grupo de pessoas que curtem o *techno*.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta (Fator económico)*

B. - Dispendioso? (risos)... Depende... depende de muita coisa. Depende de quem fores ver, aonde fores ver e o que comprares. 10€ para ganza, 20€ para o bilhete, comprar a meias com os amigos umas graminhas de *speed*, mais gota, mais tabaco...

uuuiiii... nunca abaixo dos 90€ na boa... isto se não for uma noite para me arruinar todo.

M. M. *Está-me a dizer então que neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

B. - Claro, é o que mais há (risos)... há de tudo para todos os gostos e feitios.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

B. - Sim consumo... já consumi praticamente de tudo... desde *speed* a “coca”, “MD”, *escstasy*... tudo menos heroína... isso é que não, isso é o degredo. Mas de resto, compro sempre uma gramita de *speed* que eu arranjo a um preço fixe porque eu conheço o gajo.

M. M. *Quanto é que custa?*

B. - O *speed*? É assim... o speed vende-se aí na rua a uns 20, 25€, mas eu como tenho um “connect” à maneira compro por 15€...

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

B. - Há um pouco de tudo em todas as festas... eu normalmente nas festas de *techno* ou mando *speed* ou “coca”. Agora quando vou as festas de *trance* curto mandar mais uns ácidos... é uma moca completamente diferente, viajas bué.

M. M. *Então consome drogas específicas dependendo do tipo de festa?*

B. - Sim... curto mandar mais ácidos e cogumelos no *trance* do que no *techno*... o ambiente e o som são bué diferentes e as mocas também... no *techno* é mais energia e pedalada, no *trance* é mais viajar e ver coisas que nunca viste (risos).

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

B. - Uiii... sei lá... já foi há tanto tempo (risos)... devia ter uns 15 ou 14 anos.

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

B. - Foi ganza. Sei lá porque comecei a fumar ganza (risos) ... os meus amigos andavam a fumar e eu também queria ver como era. Fumei, gostei e desde aí tenho vindo sempre a fumar.

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades?*
(Consumos)

B. - Foi como eu disse há bocado... compro uma grama de *speed* para uma festa, se for para me arruinar todo mando a grama toda, se sobrar para outra festa, também não faz mal (risos) quando há “coca” isso é que não dá hipóteses (risos) a grama vai toda e se for preciso a noite ainda nem vai a meio (risos) ... é tal como se diz a coca é gulosa.

M. M. *Gulosa como assim?*

B. - Gulosa de queres sempre mais um bocado, nunca sobra... a coca parece que nunca é demais, podes estar a noite toda a mandar é sentes-te o maior.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip? (Más experiências, arrependimentos)*

B. - Já, já tive... mais do que até. Uma vez foi numa das minhas primeiras festas de *techno* e comecei a mandar *speed* parecia um aspirador (risos)... e... depois de mandar a grama toda, comecei a ficar muito “eletrico” e a ficar com falta de ar, tipo um ataque de pânico com contrações involuntárias dos músculos das mãos e do estômago... queria “gregar” mas não conseguia... mas depois passado um tempo controlei-me.

Outra *bad-trip* que tive foi quando mandei 2 ácidos praticamente seguidos. Mandei um ácido e passado meia hora ainda não sentia nada, porque os ácidos começam a “bater” passado mais ou menos uma hora. Eu a pensar que aquilo não ia “bater” e mandei logo o 2º ácido... quando eu dou por mim começo a sentir uns suores frios e a tremer todo, começo a ver que está tudo a desfocado e cheio de cores e se n fossem os meus amigos a ir dar uma volta, sair da festa e ir um bocado para o carro... eu não sei não... se calhar ficava lá estendido a fritar-me todo (risos).

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?*
(Dependência do indivíduo nas drogas)

B. - Sim acho que sim. Nem que seja uma “ganzita” para fumar (risos).

M. M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?*
(Perspectiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

B. - Para mim não... eu já fui a festas sem mandar qualquer tipo de drogas e jurei que nunca mais... toda a gente a curtir e eu ali careto.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

B. - Sim, acho que sim, não há uma boa festa sem droga.

Oitava Entrevista

Resumo da entrevista

A entrevista foi realizada numa festa no Porto, a um sujeito com 20 anos, com o nono ano de escolaridade. O entrevistado estava com um grupo de amigos à porta da festa e quando o questionei se queria participar no meu estudo, prontificou-se de imediato mas, pediu, para manter o anonimato, preferindo ser identificado como “Cabeças”, dado a sensibilidade do estudo.

O entrevistado costuma ir 6 a 7 vezes por ano a uma *rave*, principalmente *techno*, pois gosta do estilo musical, mas vai também pelos amigos e drogas. Gosta e identifica-se com o ambiente vivido nessas festas, pois conhece-se sempre gente nova.

Afirma que nessas festas há sempre consumo de drogas e a que mais consome quando vai às festas é o *speed* ou “pastilhas”, mas às vezes consome tudo junto para o efeito ser maior.

Teve o primeiro contacto com as drogas aos 14 ou 15 anos e experimentou haxixe porque toda a gente já tinha experimentado.

Para o entrevistado há sempre consumo de drogas nas *raves*, admitindo que ele próprio não consegue ir a uma festa sem consumir nenhum estupefaciente, existindo assim para ele uma relação direta entre *raves* e drogas.

Transcrição da entrevista:

M.M. *Qual a sua idade?*

Cabeças - 20

M.M. *Quer dar o nome ou quer manter o anonimato?*

C. - Prefiro dar uma alcunha, pode ser “Cabeças”

M.M. *Sim sem problema. Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

C. - Tenho o 9º ano.

M.M. *Sabe o que é uma rave?* (opinião/ ponto de vista)

C. - É uma festa de música.

M.M. *Costuma frequentar as raves?* (Determinação)

C. - Às vezes.

M.M. *Com que frequência costuma ir às raves?* (A frequência pode indicar dependência)

C. - Sei lá... umas 6 ou 7 por ano.

M.M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass?* (Gosto musical do indivíduo)

C. - *Techno*. Para mim é só *techno* para a cabeça e quanto mais pesado for melhor.

M.M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos?* (Motivos das idas às festas)

C. - Uhhhh... sei lá... vou pelos três... mas principalmente por amigos e música.

M.M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

C. - Gosto de estar nas festas e de curtir o som, é essencialmente isso.

M.M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente?*

C. - Sim. Gosto de ir com os meus “primaços” mandar umas cenas e chegar a casa às quatro da tarde do dia seguinte (risos).

M.M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade?* (Sentimento de pertença)

C. - Sim penso que sim. Sempre que vou, vou com o meu pessoal e conhecemos sempre gente nova. Principalmente quando vamos ao Porto conhecemos sempre a malta do bairro do Aleixo. São gajos altamente.

M.M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta? (Fator económico)*

C. - Barato não fica... gasto aí à volta dos 100, 120 euros... depende também da festa e do que consumires.

M.M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

C. - Claro. Sempre (risos).

M.M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

C. - É assim... eu sempre que vou às festa ou mando *speed* ou “coca” às vezes mando tudo e fico cá com uma moca que nem te conto...mas tasse bem... é tranquilo. Já mandei ácidos mas isso mexe muito com a minha cabeça, isso é mais para o pessoal do *trance* e etc que esses sim, gostam de queimar a cabeça.

M.M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contato com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

C. - Uiiiiii... sei lá... já foi há tanto tempo... tinha uns 14 ou 15 anos.

M.M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

C. - Fumei ganza com os meus amigos... agora porque fumei... não sei bem dizer... sei lá... toda a gente lá do bairro andava a fumar e eu para não ser um “tone” que não sabe o que é, fumei com o pessoal e curti.

M.M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades? (Consumos)*

C. - Como lhe disse, costumo mandar “coca”, porque tenho um amigo que me orienta por 35 euros... é grande negócio porque nas festas cada grama fica a 50 ou 70

euros. Para além disso levo sempre uns 20 euros de ganza para fumar a noite toda e às vezes um bocado de *speed* para me dar a pedalada.

M.M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip? (Más experiências, arrependimentos)*

C. - Já. Já mandei muita “pastilha” , para aí umas dez e comecei a trepar por todos os lados, o coração parecia que me saltava da boca para fora... mas não quero falar disso.

M.M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves? (Dependência do indivíduo nas drogas)*

C. - Sim claro... uma festa não é festa sem droga... seja ela qual for.

M.M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos? (Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)*

C. - Eu não consigo... pode haver muita gente que consegue, ou que pelo menos diz que consegue não é? (risos)

M.M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

C. - Sim... toda a gente que sabe o que é uma verdadeira festa, consome. É a verdade verdadeira (risos).

M.M. *Muito obrigado pela sua ajuda.*

Nona Entrevista

Resumo da entrevista

A entrevista foi realizada num bar em Vila Nova de Famalicão, a um sujeito do sexo masculino com 25 anos de idade que está a concluir o décimo segundo ano. Quando questionado se queria fornecer o nome o sujeito preferiu ser tratado por “Pistolas”.

Costuma frequentar uma ou duas vezes por mês *raves* de *drum and bass* e *techno* pelo gosto musical e pelos amigos, mas antigamente frequentava mais vezes, pois considera que hoje em dia as *raves* deixaram de ser constituídas por grupos de pessoas coesos, ou seja, a *rave* deixou de ser uma comunidade.

Gosta e identifica-se com o ambiente vivido nas festas e afirma que se pudesse frequentava mais vezes. Afirma que existe consumo de drogas nas *raves* e que estas variam consoante o tipo de música; a droga que mais consome é pólen e o *speed*.

O primeiro contacto que teve com as drogas foi aos treze anos, quando, com os seus amigos, fumou haxixe por curiosidade. Não considera essencial consumir drogas nas *raves*, mas afirma que é diferente ir para uma *rave* sóbrio. Afirma que com drogas as pessoas conseguem ficar mais libertas.

Contudo, adianta existir uma ligação direta entre drogas e *raves*, pois onde há uma *rave* existe consumo de drogas.

Transcrição da entrevista

M.M. *Qual a sua idade?*

“**Pistolas**” - Tenho 25 anos

M.M. *Nome? Prefere dizer ou quer manter o anonimato?*

P. - Uma pequena alcunha, “Pistolas”.

M.M. *Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

P. - Neste momento estou prestes a entrar para um RVCC, nas novas oportunidades para concluir o 12º ano.

M.M. *Mas está a exercer alguma profissão?*

P. - Não, neste momento estou desempregado

M.M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

P. - Uma *rave*.... Para explicar é uma festa praticamente uma festa, uma festa em qualquer lado, pode-se considerar uma *rave*.

M.M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

P. - Já frequentei mais, agora só vou uma ou duas vezes por mês.

M.M. *Existe alguma razão para não frequentar tanto agora?*

P. - Mudança de... gostos e feitios... agora já não puxa tanto para isso, mas sempre que posso e tenha oportunidade vou.

M.M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

P. - *Drum and bass* e o *trance*.

M.M. *Tem alguma razão específica?*

P. - Gosto musical, estado de espírito e convívio.

M.M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

P. - Um pouco de tudo, um pouco de tudo, mas mais pelos amigos e pelas experiências.

M.M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião? Enquadra-se nesse mesmo?*

P. - Gosto de ver, enquadrando-me e cada vez que vou gostava de repetir... gostava de poder ir a mais *raves* dos que eu que posso.

M.M. *Então diz-me que se tivesse mais possibilidades ia a mais raves?*

P. - Certamente.

M.M. *Identifica-se com esse tipo de ambiente?*

P. - Sim sem dúvida. Identifico-me com as diferentes atitudes, pensamentos e culturas de todas as outras pessoas presentes.

M.M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade?*
(Sentimento de pertença)

P. - As *raves* já foram muito mais de convívios em toda a gente onde se conhecia toda a gente, agora a gente de hoje em dia já se está a considerar noutros grupos... já não existe o mesmo grupo coeso que existia. Já não existe aquela comunidade que havia.

M.M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta* (Fator económico)

P. - Isto depende de festa para festa, entre 70, 100 euros ou mais...

M.M. *Porquê gasta essa quantia?*

P. - Possivelmente... é para não faltar nada... Se, se vai, convém ir apetrechado para valer mais a *rave*.

M.M. *Está-me a dizer então que nestas festas existe consumo de drogas?*

P. - Sim, sim... em qualquer tipo de *rave*, seja onde for.

M.M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

P. - Sim, sim.... É claro que o pessoal que ouve electro não vai mandar LSD para tar a curtir um som eletro...ou minimal... não é?

M.M. *Tem noção quais são as diferentes drogas consumidas nos diferentes estilos musicais?*

P. - Tudo o que seja alucinogénios, por exemplo cogumelos, “queta”, qualquer tipo, é bastante consumido nas festas de *trance*.... Faz parte da comunidade

M.M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?*

P. - Consumo.

M.M. - *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

P. - Aos 13 anos.

M.M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

P. – Foi o haxixe. Comecei por curiosidade e costuma-se dizer que a curiosidade matou o gato...

M.M. *E matou?*

P. - Matou... matou até aos dias de hoje. E que tal... a idade de experimentar e de saber o que as coisas são... a curiosidade faz isso. Foram os primeiros charros que no início com o grupo de amigos em que um charro dava para 7 ou 8 pessoas (risos)

M.M. *E porque que fez isso?*

P. - Porque era o grupo de amigos e naquela altura...amigo sempre para estar lá por eles...seja a altura que for e por curiosidade.

M.M. *Pode-se dizer então que foi influenciado pelos amigos?*

P. - Diretamente não, mas foi mais por curiosidade

M.M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades? (Consumos)*

P. - Possivelmente polén e *speed*. Quantidades são QB....

M.M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

P. - Já, já me assustei... a coisa não estava a correr como eu queria e já estava a ver que a coisa estava preta. Mas conseguiu-se dar a volta e ficar pronto para outra.

M.M. *Mas arrepende-se?*

P. - Arreponder não... mas ter esse medo outra vez não quero.

M.M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?* (Dependência do indivíduo nas drogas)

P. - Não, mas ajuda.

M.M. *Ajuda como?*

P. -Porque.... Sei lá... porque o estado da pessoa com a adrenalina das drogas, a ouvir aquele tipo de som, mexe muito com a pessoa... há um momento que faz mal mas ao mesmo tempo a pessoa tá ali descontraído e abstraído da realidade... esse tipo de drogas ajuda a isso.

M.M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?* (Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

P. - É possível.

M.M. *E já experimentou ir a uma festa sem recorrer às drogas?*

P. - Já.

M.M. *E qual a diferença?*

P. - Não tem nada haver... a pessoa não está naquele espírito em que a maior parte estava, que sentia-se e via-se, porque é notável, mas senti-me que faltou um bocado mais para ser melhor a festa, mas também não morri (risos)

M.M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

P. - Normalmente... tem sido... tem sido nos últimos anos sempre assim , ou desde os primórdios das *raves*. *Rave* que é *rave* tem que haver droga... é festa... e para haver festa é preciso ter droga para fazer a festa.

Décima Entrevista

Resumo da entrevista:

Realizada numa festa de *trance* ao ar livre em Guimarães, o entrevistado não teve qualquer problema em facultar o seu nome para o presente estudo.

Alberto Sousa tem 28 anos, neste momento encontra-se a tirar o Mestrado de Arqueologia e demonstra um conhecimento profundo e teórico sobre as *raves*. Embora já não frequente tantas festas como antigamente devido à crise económica que se vive, continua a ir às festas de *trance* mais acessíveis, monetariamente falando.

Sendo consumidor de drogas, principalmente de alucinogénicos, defende que existem consumos discrepantes de substâncias psicotrópicas, para os diferentes tipos de festas, mas que semelhante opinião/percepção se diferencia de pessoa para pessoa. O seu primeiro contato com as drogas foi por volta dos 17/18 anos, tendo fumado haxixe com os amigos, embora não tenha sido pressionado nem influenciado pelo seu grupo.

Na sua opinião não existe uma ligação direta entre as drogas e as festas, pois conhece muita gente que não consome necessariamente drogas apenas por estar numa determinada *rave*.

Transcrição da entrevista

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

Alberto Sousa - 28 anos.

M. M. *Nome?*

A. S. - Alberto Sousa

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade? Exerce alguma profissão de momento? (Fator escolar e instrução)*

A. S. - Não. Neste momento não exerco nenhuma profissão... estou a tirar o mestrado de arqueologia

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

A. S. - Sim. As raves, portanto são encontros de música eletrónica, normalmente frequentadas pela juventude de várias idades. Uma *rave* pode ser entendida com, lá está um festival de música mas também pode ser visto de outra maneira, não é?

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

A. S. - Sim, sim.

M. M. *Com que frequência costuma ir às raves? (A frequência pode indicar dependência)*

A. S. - Ultimamente já não vou a muitas, mas quando frequentava mais, costumava a ir 4, 5, 6 vezes por ano, dependia.

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

A. S. - O *trance*.

M. M. *Alguma razão específica?*

A. S. - Sim, é o estilo de música que mais gosto

M. M. *É um gosto musical então?*

A. S. - Sim posso dizer que sim (risos)

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

A. S. - Pela música e pelos amigos.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião? Identifica-se com este ambiente? Sente-se parte de comunidade?*

A. S. - Sim identifico-me, uma comunidade não diria tanto porque o termo comunidade parece-me um bocado particular... mas em relação ao ambiente gosto e identifico-me.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta? (Fator económico)*

A. S. - Lá está... antigamente as festas eram mais baratas do que agora...antigamente lembro-me de ir a festas que duravam 2 dias e gastar 20, 30€, agora só de bilhete pago 20€ (risos)

M. M. *Se tivesse mais oportunidades continuava a ir tantas vezes como ia?*

A. S. - Se tivesse mais disponibilidade, sim ia

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

A. S. - Sim, o consumo de drogas é sempre notório.

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

A. S. - Sim, de um modo geral pode-se dizer isso. No meu entender acho que o próprio estilo de música puxa mais uma pessoa a consumir drogas mais específicas. No *trance* em si, devido ao simbolismo dos anos 60 puxa mais o consumo de alucinógenos do que noutras raves

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas?(resposta afirmativa)*

A. S. - Sim...sim...enquanto se ia para uma festa sim... e fora dela também não é?

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

A. S. - Seguramente há mais de dez anos... tinha à volta dos 17, 18

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

A. S. - Não é fácil dizer o motivo por que se começou o consumir não é? Não foi por muito dos meus amigos, até porque eles já fumavam há muito, mas eu não fumava, posso portanto dizer que não foi por influência direta pelos amigos. É como perguntar como é que comecei a tomar café ou a fumar tabaco. Lá está, procurar o motivo em si acho que é um bocado redundante.

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades?*
(Consumos)

A. S. - Os alucinogénios...

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

A. S. - Uma *bad-trip* não se pode dizer , por que *bad-trip* é um bocado redundante... Como é que se define uma *bad trip*? uma bad trip para mim pode não ser uma *bad-trip* para ti não é? Não há um termo geral lá está. A uns anos atrás li um artigo que dizia que uma *bad-trip* é quando a realidade é a realidade.... Tudo que estás a ver é realidade

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?*
(Dependência do indivíduo nas drogas)

A. S. - Não... acho que não é essencial.

M.M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?*
(Perspetiva e dependência do ponto de vista do individuo das drogas nas festas)

A. S. - Conheço bastante gente que vai às raves e não consome nada.

M. M. *Nada? Nem ervanáceos?*

A. S. - Nada, nada nada.

M. M. *Então já foi a uma rave sem consumir drogas?*

A. S. - Já, já.

M. M. *E o que pode dizer sobre a diferença entre consumir e não consumir?*

A. S. - Eu como acho que não há uma relação direta entre uma coisa e outra, acho que não precisas de ir para uma rave para consumir drogas.....há pessoas que não gostam de mandar coisas nas *raves* mas depende de cada um.

Décima primeira Entrevista

Resumo da entrevista:

A entrevista foi realizada no “Centro Cultural São Mamede”, em Guimarães. Esta pessoa desejou não divulgar o seu verdadeiro nome, sendo assim identificada como Sujeito D.

A entrevistada tem 27 anos e tirou a licenciatura em História. Embora não tenha frequentado muitas *raves* (apenas três), tem uma noção clara dos vários tipos de música que aí se ouvem. Foi influenciada e motivada pelos amigos para ir com eles. Não se identifica muito com o ambiente das festas por causa das drogas e das pessoas as frequentam.

Versada em drogas, conta-nos que já consumiu vários tipos de drogas, entre elas uma droga particularmente difícil de encontrar, denominada por 2CB. Diz-nos também que já teve um episódio infeliz numa das *raves* que frequentou, onde foi drogada com MD sem ter o conhecimento ou o consentimento. O seu primeiro contato com os estupefacientes foi aos 15 anos, fumando haxixe com os amigos.

Em último lugar, acredita que existe uma ligação *direta* entre as *raves* e as drogas, assim como acha que os frequentadores assíduos das festas necessitam de consumir estupefacientes para se divertirem numa *rave*.

Transcrição da entrevista:

Mateus. Minnaert. *Qual a sua idade?*

Sujeito. D - 27 anos

M. M. Nome?

S. D - Prefiro manter o anonimato.

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade?* (Fator escolar e instrução)

S. D - Tenho licenciatura em História.

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

S. D - Acho que sim... é uma festa vários tipos de música.

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

S. D - Não. Já fui, mas agora não costumo frequentar muito .

M. M. *Quantas vezes já foi às raves?*

S. D - Praí uma três.

M. M. *Quais as raves que frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

S. D - House e drum n bass.

M. M. *Quando foi às raves, foi pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

S. D - Foi essencialmente pelos amigos.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

S. D - É assim... não me aquece nem arrefece, mas não é o tipo de ambiente que gosto... e como vou com os meus amigos e estou bem

M. M. *Porque que não gosta?*

S. D - Porque as pessoas são estranhas....sei lá... é muita droga e muita “comidela pá cabeça”...é outra geração e essa geração passou-me ao lado

M. M. *Então não se identifica com esse tipo de ambiente?*

S. D - Não... mas como lhe disse quando estou com os meus amigos eu estou bem.

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

S. D - Não.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta? (Fator económico)*

S. D - É caro... as que eu fui eram caras... vi *Dj Vibe* no Algarve e só de entrada eram 25€...se for uma a festa tento gastar só o dinheiro do bilhete e pouco mais, porque a vida está cara.

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

S. D - Claro que existem. Apesar de ter ido e não ter consumido nada... mas quando fui ver *Dj Vibe* fui “minada”... meteram-me MD no copo.

M. M. *E como reagiu?*

S. D - Não senti muito... se calhar também é um bocado psicológico...digo eu (risos)

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

S. D - Sinceramente... eu acho uma coisa que fazem todos é fumar charros, agora o resto não sei.

M. M. *Sem ser o episódio anterior, onde disse ter sido “minada”, já consumiu drogas de livre e espontânea vontade?*

S. D - Sim já experimentei... já experimentei haxixe, coca e 2CB.

M. M. *Tinha noção do que estava a tomar (2CB)?*

S. D - Eu não percebi bem, mas eram na forma de “pastilhas”.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contacto com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

S. D - 15 anos.

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

S. D - Foi o haxixe... foi para experimentar. Não tive influência dos amigos mas foi com eles que experimentei (risos)

M. M. *Em relação à (s) droga (s) que mais consome? Que quantidades?* (Consumos)

S. D - Atualmente não consumo droga nenhuma.

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

S. D. –Já, foi com haxixe... deixei de ouvir as pessoas a falar, foi horrível fiquei em pânico e jurei que nunca mais na vida.

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?* (Dependência do indivíduo nas drogas)

S. D - Para mim não, mas para os frequentadores assíduos sim. Porque uma pessoa que vá frequentemente a uma *rave* não consegue estar numa festa sem recorrer a qualquer tipo de drogas.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

S. D - Sim... as *raves* impulsionam o consumo de drogas.

Décima segunda Entrevista

Resumo da entrevista:

A entrevista foi realizada num bar em Lisboa, mais concretamente, na zona ribeirinha de bares, denominada das Docas. Patrícia Magalhães tem 23 anos, concluiu o 12ºano e trabalha num café em Belém. Frequenta as *raves* com os amigos uma a duas vezes por mês, onde consome drogas, vibra com a música de *trance* e *techno*, embora seja mais apreciadora deste último estilo.

Teve o seu primeiro contacto com as drogas aos 17 anos através dos seus amigos. É com eles que continua a consumir, sendo o *speed* e o MD as drogas de eleição. No seu entender, é essencial consumir substâncias psicotrópicas nas festas, assim como acredita que existe uma ligação direta entre as drogas e as festas.

Transcrição da entrevista:

Mateus Minnaert. *Qual a sua idade?*

Patrícia Magalhães - 23 anos.

M. M. *Nome?*

P. M. - Patrícia Magalhães

M. M. *Qual o seu ano de escolaridade? (Fator escolar e instrução)*

P. M. - Tenho o 12 ano.

M. M. *Trabalha?*

P. M. - Sim... num café.

M. M. *Sabe o que é uma rave? (opinião/ ponto de vista)*

P. M. - Uma *rave*... uma *rave* é uma festa de música... *techno*, *trance*, *drum* etc...

M. M. *Costuma frequentar as raves? (Determinação)*

P. M. - Sim, costume.

M. M. *Com que frequência costuma ir às raves? (A frequência pode indicar dependência)*

P. M. - Sei lá... 1 ou 2 vezes por mês... depende do mês e das finanças (risos)

M. M. *Quais as raves que mais frequenta? techno, trance, ou drum and bass? (Gosto musical do indivíduo)*

P. M. - Eu vou mais às festas de *techno*... mas também vou muitas vezes às festas de *trance*.

M. M. *Quando vai às raves, vai pela música, drogas ou amigos? (Motivos das idas às festas)*

P. M. - Acho que é um bocado pelos 3...mais pelos amigos se calhar.

M. M. *E em relação ao ambiente vivido nessas festas qual é a sua opinião?*

P. M. - Eu gosto. Também depende da festa, porque o *techno* tem um ambiente diferente do *trance*. As pessoas têm uma mentalidade diferente de festa para a festa.

M. M. *Como assim?*

P. M. - Normalmente as pessoas que gostam mais de *trance*, não vão às festas de *techno*, simplesmente porque não é a sua onda... não...sei lá... porque não curtem o ambiente do *techno*. Eu não tenho qualquer problema com isso.

M. M. *Identificasse com esse tipo de ambiente?*

P. M. - Acho que sim, se não, não ia. Gosto mais do ambiente do *trance* do que o do *techno*... as pessoas são...sei lá... mais *Zen*... enquanto que no *techno* é um ambiente mais pesado.

M. M. *Quando frequenta as raves sente-se parte de um grupo, de uma comunidade? (Sentimento de pertença)*

P. M. - Uhhh... não sei... se considerar os meus amigos um grupo e as pessoas que vou conhecendo nas festas, nem que seja so por uma noite, também, acho que posso dizer que sim.

M. M. *Considera que este tipo de festa é dispendioso? em média quanto gasta? (Fator económico)*

P. M. - Sim. Depende das festa... onde são, quem vai tocar, quantas pessoas vão no carro, se vamos de comboio, o que se compra etc. Gasto mais ou menos 70 a 100€... às vezes mais, outras vezes menos (risos).

M. M. *Neste tipo de festas existe consumo de drogas?*

P. M. - LOL (risos)... e não é pouco (risos).

M. M. *Existem diferentes tipos de consumos de drogas para cada tipo de rave?*

P. M. - Acho que sim... o pessoal do *trance* manda mais ácidos. Eu não vou mandar um ácido para ir a uma festa de *techno*... mando *speed* ou MD, mas ácidos não.

M. M. *E como frequentador nestas festas consome drogas*

P. M. - Sim.

M. M. *Que idade tinha quando teve o primeiro contato com as drogas? (Surgimento do interesse com as drogas)*

P. M. - O primeiro contato? Sei lá... 17 anos acho.

M. M. *Qual o estupefaciente consumido e porque que consumiu esse estupefaciente? (Origem e motivação)*

P. M. - Fumei uma ganza com os amigos... sei lá... porque tinha curiosidade... via toda a gente a fumar e chegou um dia que pedi para me rodarem o charro.

M. M. *Em relação às raves qual a droga (s) que mais consome? Que quantidades? (Consumos)*

P. M. - Sei lá... geralmente compro uma grama de *speed* a meias e mais uma “patela” de ganza e depois logo se vê (risos).

M. M. *Já alguma vez abusou das drogas nas festas? Já teve uma bad-trip?* (Más experiências, arrependimentos)

P. M. - Já... mandei *speed* a mais...e... depois não deu bom resultado infelizmente.

M. M. *Considera ser essencial consumir substâncias psicotrópicas nas raves?* (Dependência do indivíduo nas drogas)

P. M. - Essencial? Acho que sim (risos)... sempre que vou tenho ou dão-me alguma coisa... e isso torna a festa melhor, claro.

M. M. *No seu entender é possível “curtir” as raves sem o uso destes psicotrópicos?* (Perspetiva e dependência do ponto de vista do indivíduo das drogas nas festas)

P. M. - Possível sim... mas não é a mesma coisa. Nem de perto nem de *longe*.

M. M. *No seu entender acha que há uma ligação direta entre raves e drogas?*

P. M. - É assim... as pessoas que vão às festas, por muito que digam que não consomem nada é mentira, porque, no mínimo, fumam sempre as suas ganzas, por isso acho que sim.